

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

ESTUDO SOCIOLÓGICO DA DISTINÇÃO SOCIAL EM BRASÍLIA:
PRÁTICAS, GOSTOS E ESTILOS DE VIDA

Autora: Carolina Vicente Ferreira Lima

Brasília

2013

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

ESTUDO SOCIOLÓGICO DA DISTINÇÃO SOCIAL EM BRASÍLIA:
PRÁTICAS, GOSTOS E ESTILOS DE VIDA

Autora: Carolina Vicente Ferreira Lima

Dissertação apresentada ao Departamento
de Sociologia da Universidade de Brasília
como parte dos requisitos para obtenção do
título de Mestre.

Brasília, julho de 2013

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

ESTUDO SOCIOLÓGICO DA DISTINÇÃO SOCIAL EM BRASÍLIA:
PRÁTICAS, GOSTOS E ESTILOS DE VIDA

Autora: Carolina Vicente Ferreira Lima

Orientador: Doutor Edson Silva de Farias (UnB)

Banca: Prof. Doutora Mariza Veloso Motta Santos (UnB)

Prof. Doutora Maria Salete de Souza Nery (UFRB)

Prof. Doutora Christiane Machado Coêlho (UnB/Suplente)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meu professor orientador, Prof. Edson, por ter me incentivado a dar continuidade a meus estudos em Sociologia após a conclusão da graduação. A possibilidade de participar de grupos de pesquisa por ele coordenados foi de fundamental importância para manter-me vinculada a esta área de conhecimento. Agradeço também por acreditar e incentivar a investigação de temas que me despertam genuíno interesse.

Expresso minha gratidão aos informantes, homens e mulheres que de bom grado aceitaram falar sobre suas vidas e submetê-las à análise sociológica.

Agradeço ainda aos(as) professores(as) Maria Stela Grossi, Christiane Coêlho, Michelangelo Giotto e Sérgio Tavolaro por terem, a partir das aulas ministradas durante o período de mestrado, contribuído de alguma forma com este trabalho. Às professoras Sayonara Leal e Cristina Patriota, expresso minha gratidão pelas contribuições dadas durante a banca de qualificação, que possibilitaram importantes desdobramentos para a pesquisa.

O caminho teria sido mais solitário e menos divertido sem a importante presença de Thamires Castelar, Frederico Vianna e Marcos Henrique Amaral. Amigos(a) queridos(a) e colegas de mestrado. À Thamís, agradeço em especial pela companhia compartilhada nos dias e mais dias passados na biblioteca.

Aos meus pais, Álvaro e Cristina, sou agradecida pelo apoio e amor a mim dirigidos durante esta caminhada. Agradeço igualmente a minha irmã, Mariana, e a minha avó, Etel, pelo imenso incentivo e amor. À Marco Túlio, expresso minha gratidão pelas conversas travadas nos momentos mais críticos, pelo estímulo constante e por todo o amor.

Por fim, fica meu agradecimento a Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), instituição de fomento a pesquisa, que por meio do pagamento da bolsa de mestrado, possibilitou os meios materiais para que esta pesquisa se realizasse.

Resumo: Partindo do modelo teórico-analítico proposto por Pierre Bourdieu para pensar a distinção social, este trabalho busca investigar a respeito dos processos de distinção social que se desenrolam no espaço social e simbólico de Brasília. Num primeiro momento, são apresentados os principais aspectos do modelo teórico-analítico proposto pelo autor para pensar os fenômenos de distinção social. Em seguida, traça-se um perfil ideal-típico sobre as classes altas de Brasília, procurando algumas características a seu respeito e sobre suas práticas. Passa-se ainda em revista aos estudos recentes sobre distinção social em diferentes países e no Brasil, principalmente, assim como a estudos que versam sobre estilos de vida entre as classes altas no Brasil. Num segundo momento, o trabalho se encaminha para a investigação das práticas, gostos e estilos de vida entre frações da classe alta brasileira com objetivo de perceber como se manifesta a distinção social engendrada pelos agentes que formam a coleção de casos considerada. Com base na análise de entrevistas semi-diretivas e nas visitas feitas as casas dos informantes é possível afirmar que a distinção social que se desenrola entre o conjunto de agentes estudados, ocupantes de altas posições na hierarquia social da cidade de Brasília, pouco se baseia em critérios como sofisticação cultural e entrega a saberes gratuitos, se apresentado de maneira mais preponderante os cuidados com o corpo e com a aparência, a estilização das residências, as práticas gastronômicas e turísticas.

Palavras-chave: Distinção social. Classes altas. Estilos de vida. Gostos. Práticas. Brasília. Brasil.

Abstract: Having a start point on the theoretical-analytical model proposed by Pierre Bourdieu to think the social distinction, this study aims to investigate about the processes of social distinction that unfold in the social and symbolic space of Brasilia. In a first stage, we present the main aspects of the theoretical-analytical model proposed by the author to think about the phenomena of social distinction. Then draws up a ideal-typical profile of upper classes in Brasília, seeking some characteristics about them and about their practices. It also surveys recent studies of social distinction in different countries and in Brazil, especially, as well as studies that deal with lifestyles among the upper classes in Brazil. Secondly, the study goes into an inquiry about practices, tastes and lifestyles among fractions of Brasília's upper class in order to understand how the social distinction manifests between the agents that constitute the collection of cases considered in the research. Based on the analysis of semi-structured interviews and visits in the homes of informants is possible to say that the social distinction that unfolds between the set of agents studied, representatives of the Brasília upper class fractions, it's not based on cultural sophistication and free knowledge. It presents, predominantly, based on care of the body and appearance, the stylization of the residences, tourist and gastronomic practices.

Key-words: Social distinction. High classes. Lifestyles. Tastes. Practices. Brasília. Brasil.

SUMÁRIO

Introdução	pg. 07
Capítulo 1 - Considerações sobre o objeto de compreensão	pg. 12
1.1 Sobre o conceito de distinção social	pg. 12
1.2 Sobre a manifestação de preferências	pg. 17
1.3 Sobre o conceito de classe social	pg. 19
1.4 Dados sobre Brasília	pg. 26
1.5 Práticas culturais e distinção social	pg. 29
1.6 Métodos e técnicas de pesquisa utilizados	pg. 40
Capítulo 2 - Práticas distintivas, gostos e estilo de vida entre frações da classe alta em Brasília	pg. 46
Capítulo 3 - Gosto quanto à arquitetura e decoração de interiores	pg. 76
Considerações finais	pg. 101
Caderno de imagens	pg. 92
Referências	pg. 109

Apêndice	pg. 112
Apêndice A	pg. 112
Apêndice B	pg.113
Apêndice C	pg. 119

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema de pesquisa desenvolvido neste trabalho surgiu, como é costume nesta área de conhecimento, a partir do desenvolvimento de outros trabalhos e, mais especificamente, a partir de minhas incursões a campo.

A curiosidade por investigar distinção social ocorreu em um dos primeiros trabalhos que fiz como aluna de Ciências Sociais, no qual procurava investigar o consumo feminino de produtos de superlogomarcas¹. Na ocasião, visava estabelecer uma comparação entre o consumo que se faz dos produtos “originais” (produzidos em fábricas e vendidos em lojas oficiais) e dos produtos “piratas” (produzidos por outras fábricas e vendidos nas cidades brasileiras, principalmente, em feiras informais). Estes últimos são uma franca imitação dos primeiros, aliás, serem uma cópia é a razão para sua produção.

Naquele momento pareceu-me óbvio que tais produtos fossem comprados para que funcionassem como símbolos que evidenciassem o poder econômico daqueles que os usavam e que, desta maneira, agissem como um símbolo de distinção social, já que nem todos, devido ao valor desses bens, podem adquiri-los e usá-los em suas interações cotidianas.

No entanto, na fala das mulheres consumidoras de produtos “originais”, que entrevistei, jamais apareceu a “confissão” de que aqueles produtos eram adquiridos como forma de se distinguir de determinados grupos sociais e indicar pertencimento a outros. Na realidade, diziam que a justificativa para adquirirem tais bens era devido à qualidade dos produtos, mais literalmente, à garantia de qualidade que aqueles bens possuíam por serem fabricados por marcas mundialmente conhecidas.

No que diz respeito às consumidoras de cópias, diziam adquirir aqueles bens por serem bonitos e custarem muito menos do que os bens “originais”. Além disso, diziam que os dois tipos de produtos não eram muito diferentes, e que não valia a pena adquirir o bem “original”. No discurso das entrevistadas não havia referência a questões que envolvessem distinção social no sentido bourdieusiano do termo².

¹ Superlogomarcas são grandes marcas, que em sua maioria produzem artigos para serem usados junto ao corpo, e que apresentam um logotipo mundialmente conhecido. Juntamente com seu elevado valor simbólico essas marcas agregam um alto valor pecuniário. Alguns exemplos são marcas como a famosa Louis Vuitton, Chanel, Christian Dior, Lacoste, Dolce & Gabbana.

² O conceito de distinção social pensado pelo sociólogo será tratado mais adiante.

Em minha percepção, as respostas dadas pelas informantes para justificarem esse tipo de consumo tão específico não me pareceram suficientes. Ainda restaram em minha mente perguntas que não foram solucionadas pela pesquisa, tais como: se o critério principal para a escolha dos produtos é a qualidade, por que não escolher uma marca nacional, por exemplo, que pode ser boa e ao mesmo tempo mais barata? Por que adquirir um bem que traz estampado em sua superfície o logotipo, normalmente em locais bastantes visíveis, onde todos possam perceber? Será que não seria para indicar a origem daquele bem e, assim, indicar também a posição social daquele que o usa? A motivação da compra era exclusivamente baseada na qualidade? E quanto às preocupações estéticas?

Ainda intrigada por este tipo de fenômeno e interessada em investigar mais a fundo distinção social, desenvolvi outro trabalho no qual buscava fazer uma análise das práticas que se desenrolavam em um *shopping center* (Shopping CasaPark) que acreditava ser frequentado por grupos de rendimentos médio-altos de Brasília. A escolha do local para a pesquisa de campo foi influenciada por sua especificidade, uma vez que o local é especializado na venda de móveis e artigos de decoração (diferentemente da maioria dos *shoppings* que vende principalmente artigos de vestimenta) e também é conhecido em Brasília por suas amplas salas de cinema, assim como pelos cafés e restaurantes e por uma famosa livraria. Supus poder encontrar nas práticas e no discurso dos agentes frequentadores do lugar, manifestações do “bom gosto”, tal qual explicitado por Pierre Bourdieu em *A Distinção* (1979) e, assim, poder compreender parte das práticas de distinção social operadas pelas classes altas de Brasília. Achava que, apesar de tratar-se de um *shopping center*, ou seja, um espaço de consumo bastante comum nos centros urbanos, o lugar, por comportar também salas de cinema (onde são exibidos filmes fora da agenda hollywoodiana), galerias de arte, lojas de móveis “conceituais” e uma livraria, evocasse, de alguma forma, “o gosto pela arte”, ou seja, aquele que é desinteressado e que suscita práticas de distinção social operadas por agentes que ocupam posição privilegiada no espaço social.

Supus também que o ambiente congregava moradores de Brasília pertencentes aos estratos mais altos da cidade, pois os produtos que lá são vendidos, de maneira geral, possuem alto valor pecuniário. Assim, pela união de aspectos que evocam elementos da “cultura legítima”, como apreciação de móveis “conceituais” (“verdadeiras obras de arte”) ou a exibição de filmes que estão fora do circuito hollywoodiano (“filmes cult”) com o alto valor pecuniário dos bens que lá são vendidos, considerei que o lugar poderia se constituir como um ambiente adequado para compreender as práticas operadas por agentes pertencentes às classes dominantes de Brasília.

No entanto, ao longo da execução do trabalho, pude perceber que alguns aspectos do modelo teórico-analítico desenvolvido e apresentado por Bourdieu em seu livro *A Distinção* não encontravam correspondência entre as práticas observadas no *shopping*, que na pesquisa classifiquei como práticas distintivas.

Durante o trabalho citado, poucas vezes deparei-me com demonstrações do gosto puro, tal qual Bourdieu descreve em seu livro, aquele que se encontra “inscrito” em certas pessoas que possuem a disposição para apreciar a forma das coisas, mais do que sua função (gosto desinteressado). O interesse por práticas culturais, que no modelo bourdiesiano denotam distinção social, tais como apreciação a obras de arte (principalmente as que representam figuras abstratas), peças de teatro, música clássica, etc, não foram verdadeiramente citadas pelos entrevistados.

Ao mesmo tempo algumas práticas que se desenrolavam no ambiente do *shopping* chamavam minha atenção. Essas atividades diziam respeito ao uso “ostensivo”, “preocupado”, “interessado” que algumas pessoas faziam dos objetos. No ambiente do shopping esse “interesse” se manifestava por meio dos carros luxuosos parados no estacionamento, assim como pelas vestimentas e cosmética corporal que algumas pessoas que por lá circulavam apresentavam. A forma dessas pessoas se vestirem trazia uma visível preocupação com o próprio trajar. Os objetos por elas utilizados pareciam ter sido cuidadosamente escolhidos, não apenas no momento da compra, mas para aquele momento específico, para aquela ocasião, mesmo do meu ponto de vista, tratando-se de uma ocasião, a princípio, prosaica, ou mesmo sendo prosaica para todos os participantes.

Foi justamente a atenção dada pelas pessoas à estética³, manifestada por meio do uso de objetos (carros e vestimenta, assim como acessórios, tais como bolsas, sapatos, joias) e pela cosmética corporal, o elemento que mais chamou minha atenção durante o trabalho de campo.

São estas práticas, que se materializam por meio do uso de objetos (não apenas os que se usam junto ao corpo, nesse sentido, os próprios móveis que são usados em interiores de residências também são significativos para a pesquisa) que busco compreender neste trabalho. A hipótese é que elas operam como estratégias de distinção social, consciente ou inconscientemente⁴ praticadas por pessoas inclinadas a compartilhar, a partir das homologias

³ Entendo por estética aquilo que é manifestado no mundo por meio de sua forma e visualidade. É caracterizada por sua exterioridade e materialidade física.

⁴ No modelo teórico-analítico escolhido para orientar esta pesquisa não há lugar para uma visão intelectualista sobre a ação dos agentes. Assim, as práticas e manifestações estéticas operadas por estes não devem ser vistas como fruto

existentes entre o espaço social e simbólico, determinado estilo de vida com agentes e conjuntos de agentes que ocupam posição privilegiada no espaço social. Pretendo, portanto, analisar estratégias de distinção social operadas pelas classes dominantes de Brasília com base na análise de seu capital econômico (pensando sua manifestação por meio da compra e uso de objetos), assim como pela investigação a respeito da composição de seu capital cultural.

A posse de elevado capital econômico e cultural não pode ser vista de maneira separada, uma vez que se encontram entrelaçados. Conjuntamente (e aliados também a outros tipos de capital como o capital social e o capital simbólico) definem as possibilidades de ganhos dos agentes nos diversos campos sociais. Este estudo busca analisar as práticas operadas por agentes e conjunto de agentes pertencentes ao que Bourdieu define em seu livro *A Distinção* (1979) como classe dominante⁵, ou seja, aqueles que possuem alto volume global de capital, possuidores, portanto, de um alto capital econômico e cultural.

Os conceitos de capital econômico e capital cultural constituem dois princípios de diferenciação que aproximam e distanciam agentes no espaço social. Compreendendo espaço social como:

[...] conjunto de posições distintas e coexistentes, exteriores umas às outras, definidas umas em relação às outras por sua exterioridade mútua e por relações de proximidade, de vizinhança ou de distanciamento e, também, por relações de ordem como acima, abaixo e entre (BOURDIEU, 1996, p.18).

Conforme Bourdieu, capital econômico e capital cultural são princípios de diferenciação muito eficientes em sociedades capitalistas avançadas, e constituem juntos o que o autor chama de volume global de capital.

As diferenciações no espaço social se dão quanto ao volume global de capital e quanto ao peso relativo dos diferentes tipos de capital (estrutura). Nesse sentido, pode-se ter oposições em relação ao volume global de capital como a que se dá entre empresários, membros de profissões liberais e professores universitários que se opõem globalmente àqueles menos providos de capital econômico e de capital cultural, como, por exemplo, os operários não qualificados. Ou da perspectiva do peso relativo do capital econômico e do capital cultural no seu patrimônio. Um bom exemplo neste sentido é a oposição que se dá entre professores universitários (relativamente mais ricos em capital cultural do que em capital econômico) e empresários (relativamente mais ricos em capital econômico do que em capital cultural).

de vontades e intenções pensadas e ponderadas e sim como sendo orientadas pelo *habitus* a partir de homologias existentes entre o espaço social e simbólico.

⁵ No livro o sociólogo também usa o termo classe burguesa.

O conceito de capital econômico pode ser compreendido como o patrimônio que se encontra diretamente relacionado à renda e propriedades materiais dos agentes, ou seja, às próprias condições objetivas de existência.

O conceito de capital cultural pode ser compreendido como o patrimônio que se relaciona aos símbolos, signos e formas de representações sociais. No entanto, a forma como Bourdieu trata a cultura e, por sua vez, o conceito de capital cultural é marcado por um olhar profundamente hierarquizado no qual algumas formas de manifestações culturais, de apropriação de bens culturais, maneiras e modos de fazer, apreciar e viver a cultura são mais legítimos do que outros. Dessa forma, ocupam posição de destaque dentro do universo de práticas possíveis. É a hierarquização das práticas que permite a existência do conceito de cultura legítima, ou seja, o conjunto de práticas culturais que ocupa o topo da hierarquia das práticas.

O capital cultural encontra sua forma de produção e reprodução principalmente nas instituições de ensino e na família.

Ambos os conceitos (capital econômico e capital cultural) não devem ser analisados separadamente já que, na maioria das vezes, um elevado capital econômico implica em um elevado capital cultural e o inverso também se verifica.

A partir da compreensão do conceito de distinção social elaborado por Pierre Bourdieu, procuro analisar o estilo de vida e as práticas distintivas operadas por frações da classe dominante de Brasília.

Partindo da noção de disposição estética (estética kantiana), que se encontra no cerne do conceito de distinção social bourdiesiano, procuro avançar sobre a ideia de diferenciação social elaborada pelo sociólogo para, a partir dela, pensar como esse fenômeno se desenrola em Brasília.

CAPÍTULO 1

Considerações sobre o objeto de compreensão

1.1 Sobre o conceito de distinção social

A concepção de distinção social, desenvolvida por Pierre Bourdieu, é o ponto de partida deste trabalho, e, como tal, é imprescindível para o seu bom entendimento. Uma vez que tal concepção se apresenta como central para o bom andamento e entendimento do trabalho, faz-se necessária a discussão do que se entende por distinção social.

O conceito de distinção social a partir do qual parte esta pesquisa baseia-se nos estudos desenvolvidos por Pierre Bourdieu ao longo de sua carreira, e cujos resultados são apresentados, principalmente, em obra intitulada *A Distinção* (1979).

Procuo apresentar não apenas o conceito de distinção, mas também adequá-lo aos propósitos desta pesquisa.

O modelo teórico-analítico apresentado pelo sociólogo nesta obra parte das relações sociais que se estabelecem entre classes sociais e frações de classes no que tange às práticas culturais. Mais do que isso, procura mostrar as lutas que se desenvolvem a partir dos usos, classificações, maneiras, imposições, inculcações, e que definem diferentes posições dos agentes e conjuntos de agentes no espaço social.

Trata-se, portanto, de uma visão profundamente estratificada e hierarquizada da sociedade. Visão tal que também assumo neste trabalho.

Parte-se do modelo desenvolvido por Bourdieu para pensar estratégias de distinção, mas se pretende focalizar aquelas que dizem respeito à utilização de objetos (roupas, acessórios, móveis, objetos decorativos) e quanto à cosmética corporal, já que em minhas incursões a campo, em pesquisas anteriores, foram os dados que apareceram mais significativamente⁶. No entanto, outros aspectos também são considerados para análise, pois a pesquisa se dá a partir da investigação das práticas culturais de forma ampla, constituintes de estilos de vida, operadas por agentes pertencentes às classes altas de Brasília. Tendo como orientadora a análise das práticas

⁶ Apesar de ter percebido determinados acontecimentos em campo, estou ciente de que assim como afirma Bernard Lahire (2006, p.17): “Os ‘fatos’ jamais impõem sua evidência. Eles sempre supõem um olhar (ou um ponto de vista) que os constituem”.

apresentadas em *A Distinção*, há de se considerar o conceito de “cultura legítima” que se encontra diretamente relacionado ao conceito de distinção social, como veremos mais adiante. A partir deste conceito podemos perceber que na análise feita por Bourdieu a respeito das práticas culturais da sociedade francesa dos anos de 1970, práticas como frequência a museus, concertos, exposições, leituras, etc., são muito importantes como constituintes do estilo de vida da classe e frações da classe dominante e, nesse sentido, são importantes como práticas distintivas operadas por estes agentes. Sendo assim, também investigo nesta pesquisa a respeito da composição do capital cultural, mais especificamente quanto ao peso de práticas de “cultura legítima” entre as práticas distintivas operadas pelos agentes.

Neste sentido, procuro nesta sessão apresentar em seus pormenores o modelo teórico-analítico desenvolvido por Bourdieu no que tange à distinção social, pois este conceito funciona como base aos desdobramentos possíveis nesta pesquisa.

Pierre Bourdieu define a relação de distinção como a intenção, consciente ou não, de distinguir-se do comum. Tal intenção encontra em sua raiz a rejeição ao que é “humano” e, nesse sentido, genérico, comum, fácil e imediatamente acessível (BOURDIEU, 2008, p.34).

O argumento apresentado pelo sociólogo é importante para interpretar a disposição à distinção, associada à elaboração de uma “cultura legítima”, a partir da concepção de disposição estética. Tal disposição tende a operar a separação entre o que é constituído como olhar “puro” e olhar “ingênuo” ou também a disposição para apreciar a forma das coisas em detrimento de sua função⁷.

A disposição estética é parte constituinte do que o autor nomeia de “ideologia carismática da relação com a obra de arte” (BOURDIEU, 2008, p. 32), e que diz respeito à ideia de que toda a obra legítima tende a impor as normas de sua própria percepção, assim como a determinar, tacitamente, como único legítimo o modo de percepção que aciona certa competência e certa disposição.

⁷ É importante destacar que a ideia de disposição estética relaciona-se à capacidade de aplicar códigos de estilo a qualquer prática do cotidiano, por mais comum que seja. Dessa forma, ela não diz respeito apenas a desenvolver este tipo de atitude em relação a obras artísticas propriamente ditas, mas a todas as coisas, tenham sido ou não concebidas como obras de arte. Assim, mesmo que neste trabalho procure enfatizar práticas de distinção que se manifestam por meio do uso de objetos corriqueiros do dia-a-dia, ainda assim relaciono essas práticas com a disposição estética (pensada como a disposição para distinguir-se do que é comum), pois esta se encontra na raiz do que entendo por práticas de diferenciação social.

Todos os agentes, queiram ou não, e possuindo ou não os meios de se conformarem a tal norma, encontram-se a ela submetidos⁸.

Para explicar o que se constitui socialmente como obra de arte (qualidade que se encontra diretamente associada à ideia de disposição estética), Bourdieu recorre aos estudos do historiador da arte Erwin Panofsky (PANOFSKY, 1955), que destaca dois aspectos principais para a transformação de objetos naturais para classe dos objetos de arte.

Embora Panofsky observe que seja praticamente impossível determinar cientificamente em que momento um objeto trabalhado se torna uma obra de arte, destaca que, no momento da produção, quanto mais se privilegia a forma em detrimento da função, assim se tem um objeto estético. Que faz oposição a um objeto puramente técnico. Nesse sentido, a constituição de algo como obra de arte depende da intenção do produtor que, por sua vez, é produto de normas e convenções sociais que definem a fronteira entre objetos técnicos e objetos de arte⁹.

No entanto, a apreensão e apreciação da obra dependem, também, da intenção do espectador, que é função das normas convencionais que regulam a relação com a obra de arte em determinada situação histórica e social, assim como a capacidade do espectador de se conformar a essas normas, portanto, de sua própria formação artística.

Para Bourdieu o ideal de percepção estética “pura” pode ser explicado por meio da ideia de constituição de um campo propriamente artístico e relativamente autônomo que corresponde à explicitação e sistematização dos princípios de legitimidade que acompanham a constituição do próprio campo (BOURDIEU, 2008, p.33).

A percepção estética “pura” corresponde a certo estado do modo de produção artístico, que nos momentos atuais, afirma o primado da forma sobre a função, do modo de representação sobre o objeto representado. Por um lado, tem-se a intenção do artista que produz obras de arte como um fim em si mesmo, e que responde a um apelo do campo artístico que exige categoricamente uma disposição puramente estética. E por outro, exige-se do apreciador que, correspondendo às exigências do mesmo campo, esteja disponível a aplicar a intenção

⁸ Para Bourdieu a ideologia carismática da disposição estética constitui-se como um produto da história.

⁹ A linha que separa objetos estéticos de técnicos é sempre incerta e historicamente mutável. Assim, um exemplo citado por Panofsky diz que o gosto clássico exigia que as cartas privadas, os escudos e os discursos dos heróis tivessem tratamento artístico, enquanto o gosto moderno exige que a arquitetura e os cinzeiros sejam funcionais (PANOFSKY, apud BOURDIEU, 2008, p. 33).

Tal exemplo evidencia o quanto as exigências sociais em relação às obras de arte são historicamente estabelecidas e, portanto, mutáveis.

propriamente estética (privilegiando a forma) a qualquer objeto, tenha sido ou não produzido segundo uma intenção artística.

A disposição estética “pura” define-se em oposição à disposição estética “comum”, assim opera a distinção social, qualidade daquilo que não é comum. Nas palavras de Bourdieu, também se fala em termos de “olhar puro” que se opõe ao “olhar ingênuo” (BOURDIEU, 2008, p.35).

Quando se fala em termos de disposição “comum”, fala-se a respeito da subordinação da forma à função e a hostilidade, em relação à arte, a qualquer tipo de experimentação formal. Tal hostilidade e recusa encontra sua origem não apenas na falta de familiaridade com o que está sendo experimentado, mas também com a expectativa de participação que é continuamente frustrada pela experimentação formal. A disposição “comum” ou estética “popular” até tolera experimentações quanto à forma, mas desde que não comprometam a percepção da própria substância da obra.

Existem fatores que determinam a capacidade em adotar a postura socialmente designada como propriamente estética, esta que ocupa posição privilegiada na hierarquia das disposições.

A relação que suscita o olhar “puro” (aquele que privilegia a forma) e o olhar “ingênuo” (que privilegia a função, a substância) com os objetos, encontra sua origem nas condições materiais de existência, passadas e presentes.

A disposição estética “pura” – que tende a deixar de lado a natureza, a substância e a função do objeto representado, além de excluir as reações “ingênuas” ou “humanas”, por exemplo, o horror diante do horrível ou o desejo diante do desejável, assim como qualquer reação puramente ética, para lançar luz sobre o estilo, avaliado em comparação a outros estilos, e o próprio modo de fazer as coisas – diz respeito a uma relação global com o mundo e com as pessoas, a um estilo de vida que evidencia condições particulares de existência.

Assim, a disposição estética “pura” mantém relação de dependência às condições objetivas de existência que são condição tanto de sua constituição quanto de sua implementação. A manutenção dessas relações se dá por estarem recalcadas e naturalizadas, o que permite a emergência da ideia de um “olhar puro”, como se estivesse inscrito em uma natureza.

O acúmulo de capital cultural - sancionado ou não por instituições escolares e de importância capital para a apreciação estética - só se verifica pelo distanciamento objetivo e subjetivo em relação às necessidades mais urgentes, como se fosse uma “retirada para fora”

(BOURDIEU, 2008, p.54) da necessidade econômica. Tal aspecto se configura como condição primordial para o aprendizado da “cultura legítima, erudita”.

A disposição estética “pura” se desenvolve por meio de atividades que encontram sua finalidade em si mesma como, por exemplo, a feitura de exercícios escolares ou a contemplação de obras de arte. Estas são atividades que não respondem a uma função prática imediata, sendo praticadas, principalmente, por aqueles que se encontram distantes das necessidades mais urgentes e imediatas.

Os códigos que permitem a apreciação da cultura legítima são apreendidos de maneira difusa e implícita tal qual normalmente se dá a ação pedagógica no seio da família, e/ou de maneira metódica e sistemática como nas instituições escolares¹⁰. A ação pedagógica é exercida tanto através das condições sociais e econômicas, que são condição para seu exercício, quanto por meio do conteúdo por ela inculcado.

Mas independentemente das instâncias de inculcação, a disposição estética “pura” suscita o poder econômico e o poder de colocar a necessidade econômica à distância. Ela define-se objetiva e subjetivamente em relação a outras disposições por meio do que Weber nomeia como “estilização da vida” (WEBER, 2002, p.134), que diz respeito ao distanciamento intencional que reduplica, por meio da exibição, a liberdade quanto às urgências da existência, assim como a liberdade em relação aos que aí se encontram confinados. Suscita, portanto, um estilo de vida que, orientando e organizando as mais diversas práticas, traz em seu cerne a afirmação de um poder sobre a necessidade dominada e a superioridade legítima sobre aqueles que permanecem dominados pelas urgências comuns.

Em se tratando de relações travadas no cotidiano, nada há o que distinga mais agentes e conjuntos de agentes do que a disposição objetivamente exigida do consumo dito legítimo de uma cultura dita legítima. A aptidão daqueles que aprenderam a apreciar esteticamente os objetos constituídos esteticamente - reconhecer os signos do admirável -, assim como também aprenderam a aplicar os princípios de uma estética “pura” nas práticas do dia-a-dia, no vestuário, no cardápio, na decoração da casa, nas atividades esportivas, etc.

A disposição em adotar uma postura propriamente estética e a operar a estilização da vida se coloca como importante ponto de investigação neste trabalho. Uma vez que a disposição estética se constitui como de importância fundamental para compreensão de fenômenos de

¹⁰ Bernard Lahire no livro *A cultura dos indivíduos* (2006) mostra que existem outras esferas de socialização a serem considerados na formação de disposições. Por hora, apresento apenas as que são privilegiadas por Bourdieu em *A Distinção* (1979).

distinção social, faz-se necessário investigar até que ponto esta disposição constitui as disposições dos agentes e informa suas práticas. A disposição estética pura compõe, enquanto estratégia de distinção social, os limites da percepção e cognição de agentes bem posicionados no espaço social de Brasília?

Por meio da análise de práticas e de estilos de vida de agentes bem posicionados no espaço social, o objetivo da pesquisa é investigar a respeito da distinção social no espaço social e simbólico de Brasília. Para tanto, faz-se necessária a discussão sobre as manifestações de preferências, enquanto constituintes das lutas classificatórias que perpassam o mundo social e operam a distinção social.

1.2 Sobre as manifestações de preferências

Nesta seção serão apresentadas considerações traçadas por Pierre Bourdieu a respeito das manifestações de preferências, ou seja, dos gostos que os agentes manifestam em seu cotidiano e se configuram como materializações da distinção social operada por estes em sua vida social.

A discussão a respeito das manifestações de preferências é importante para a delimitação do objeto de compreensão, porque os gostos são importantes enquanto elementos classificatórios e delimitadores de fronteiras entre classes sociais e frações de classes.

No modelo teórico-analítico desenvolvido por Bourdieu (2008), as preferências manifestadas são uma dimensão do sistema de disposições que produzem os condicionamentos sociais associados a determinadas condições objetivas de existência. Elas atuam também como expressão distintiva de uma posição privilegiada no espaço social, espécie de materialização e afirmação prática de diferenciações objetivas. Assim, os gostos unem e separam agentes no mundo social, operando como critério de diferenciação entre agentes e conjuntos de agentes. Conforme as palavras do autor (2008, p.57):

As tomadas de posição, objetiva e subjetivamente, estéticas – por exemplo, a cosmética corporal, o vestuário ou a decoração de uma casa – constituem outras tantas oportunidades de experimentar ou afirmar a posição ocupada no espaço social como lugar a assegurar ou distanciamento a manter.

A distinção social é compreendida neste sentido, e é este sentido que se adota neste trabalho, como a tomada de posições propriamente estéticas que orientadas pelo *habitus* e em relação a um universo de práticas possíveis, constituem um certo gosto e um estilo de vida que, em oposição a outras manifestações de preferências e estilos de vida, e por meio da homologia

existente entre o espaço social e simbólico, evidenciam a condição econômica e social de agentes e conjuntos de agentes.

O gosto é o princípio por meio do qual os agentes se classificam e também são classificados (2008, p.56). Por estar relacionado a uma classe particular de existência, une aqueles que compartilham condições semelhantes, distinguindo-os dos demais.

O gosto legítimo, ou seja, a capacidade para apreciar, utilizar e manifestar de maneira legítima o que foi constituído esteticamente - e que suscita a distinção social - relaciona-se à disposição estética, tendência a privilegiar a forma das coisas e não sua função. Tal tendência também suscita a estilização da vida.

Para o sociólogo, o único grupo social preparado suficientemente para entrar nos jogos de distinção são aqueles que ocupam posições elevadas, membros das classes dominantes, que o autor nomeia como “elevada burguesia” - no modelo teórico-analítico bourdiesiano são aqueles que atuam como intelectuais, artistas, professores do ensino superior, empresários, grandes comerciantes e membros das profissões liberais¹¹. Eles são capazes de adotar estratégias que visam transformar as disposições fundamentais de um estilo de vida em sistema de princípios estéticos, as diferenças objetivas em distinções eletivas¹²(2008, p.57).

Outros grupos sociais, os médios e as classes populares, ou agem no sentido de uma intenção de distinção (grupos médios), utilizando substitutos pobres dos objetos e das práticas chiques, ou como as classes populares, cumprem, no sistema de tomadas de posições estéticas, a função de contraste ou ponto de referência negativo em relação ao qual se definem todas as estéticas.

Nos jogos de distinção, muitas vezes as escolhas estéticas explícitas se constituem em oposição às escolhas estéticas de grupos mais próximos no espaço social, com quem a concorrência é mais direta e imediata. Assim, grupos médios - chamados por Bourdieu de pequeno-burgueses - operam suas escolhas no sentido de fazê-las distintas da estética popular.

¹¹ Bourdieu utiliza ocupações profissionais como indicadores de posições relativas no espaço social, pois elas indicam, principalmente em sociedades capitalistas avançadas, a participação dos agentes na apropriação relativa do capital econômico e cultural.

¹² Para transformar determinado estilo de vida em forma de viver que se define esteticamente e constitui um sistema de princípios estéticos, aqueles que desempenham tal prática contam com a ajuda de inventores e profissionais da estilização da vida, responsáveis por transformar práticas e objetos simples em verdadeiras obras de arte, priorizando a estética destes. Um bom exemplo deste tipo de profissional são os estilistas e costureiros de grandes grifes de roupas que transformam peças do vestuário e acessórios que são usados junto ao corpo, tais como bolsas e sapatos, em obras de arte, agregando valor simbólico e monetário a esses bens.

No que tange a este trabalho, a intenção é compreender como se dão estratégias de distinção social operadas por agentes e conjunto de agentes que ocupam posição privilegiada no espaço social. São agentes possuidores de alto capital econômico e/ou cultural e que por esse motivo dispõem de ferramentas para obtenção das mais diversas vantagens sociais. Também são aqueles que ditam as regras dos jogos de distinção social, pois ocupam posições privilegiadas, determinando esteticamente os objetos que se constituem, assim como a própria maneira de usá-los, como “desejáveis”, “bons”, “admiráveis”, etc¹³.

1.3 Sobre o conceito de classe social

Abaixo serão feitas considerações acerca do conceito de classe social, para melhor informar sobre o significado a ele atribuído no contexto deste estudo.

Como esta pesquisa é essencialmente informada pelo modelo teórico-analítico elaborado por Pierre Bourdieu, serão apresentadas as discussões que o autor traz a respeito do conceito.

Ao tratar a temática das classes sociais, o sociólogo propõe a noção de espaço social, que segundo ele permite resolver o problema da existência ou não existência de classes sociais, sem perder de vista aquilo que a noção de classe tem de mais essencial, qual seja, a existência de diferenças e de oposições que de fato existem, assim como permite superar a ideia das classes como grupos reais, efetivamente mobilizados (BOURDIEU, 1996, p.8).

Para tanto, o sociólogo propõe uma série de rupturas com a tradição marxista. Ruptura com a tendência a privilegiar as substâncias em detrimento das relações; com a visão intelectualista, que leva a crer que a classe teórica, formulada pelo cientista, é uma classe real, como grupo de pessoas efetivamente mobilizado; com o economicismo que leva a privilegiar analiticamente o campo econômico e a reduzir o espaço social, espaço multidimensional, às relações de produção econômica; e com o objetivismo, que juntamente com o intelectualismo,

¹³ Reconheço a existência de outras estratégias, elaboradas por grupos sociais que ocupam posição menos privilegiada, no sentido de tornar legítimo certos bens e usos de bens, assim como as demais práticas culturais por eles operadas. Cito, por exemplo, o uso que se faz do estilo musical funk, que sendo produzido e apreciado por grupos favelizados, principalmente da cidade do Rio de Janeiro, também é escutado por grupos endinheirados. Exemplo disso são as músicas funk tocando em festas frequentadas por pessoas, em sua maioria jovens, oriundas de grupos sociais médios e altos.

Outras estratégias de distinção/legitimação se manifestam entre grupos sociais, principalmente, grupos jovens urbanos. Tais estratégias privilegiam a estética relacionada à vestimenta e indumentária. Como exemplo, tem-se a estética *hippie*, que muitas vezes constitui-se como postura de contestação em relação à ordem social como esta se encontra definida. Ou ainda, a estética roqueira que se relaciona à identificação com grupos de pessoas que apreciam o *rock'n'roll* como estilo musical. Todas essas estéticas constituem-se meio que alheias a jogos de distinção social que se desenrolam tendo como referência valores como renda, cultura (no sentido de cultura legítima, erudita) e condições objetivas de existência. Nesses casos citados outros valores encontram-se em jogo.

leva a ignorar as lutas simbólicas que se desenrolam nos diferentes campos sociais, nas quais está em jogo as próprias representações do mundo social, assim como a hierarquia entre os campos (BOURDIEU, 2004, p. 133).

Em *A Distinção*, com o intuito de verificar a respeito da sistematicidade dos estilos de vida e dos conjuntos de agentes constituídos por eles, o autor propõe um retorno ao princípio unificador e gerador das práticas, qual seja, o *habitus* de classe, como forma incorporada de condição de classe e dos condicionamentos que ela impõe e define o que para ele se constitui como classe objetiva (2008, p.97):

Conjunto de agentes situados em condições homogêneas de existência, impondo condicionamentos homogêneos e produzindo sistemas de disposições homogêneas, próprias a engendrar práticas semelhantes, além de possuírem um conjunto de propriedades comuns, propriedades objetivadas, às vezes, garantidas juridicamente – por exemplo, a posse de bens ou poderes – ou incorporadas, tais como os *habitus* de classe – e, em particular, os sistemas de esquemas classificatórios.

Ainda em *O poder simbólico*, Bourdieu traz novamente uma definição para noção de classe social (2004, p.136):

Conjuntos de agentes que ocupam posições semelhantes e que, colocados em condições semelhantes e sujeitos a condicionamentos semelhantes, têm, com toda probabilidade, atitudes e interesses semelhantes, logo, práticas e tomadas de posição semelhantes.

Complementarmente o sociólogo diz que a definição de classe tem uma existência teórica (classe no papel), ou seja, enquanto produto de uma classificação explicativa (tal qual a dos zoólogos ou dos botânicos) permite explicar e prever as práticas e as propriedades das coisas classificadas e, entre outras, as das condutas de reunião em grupo, mas não se constitui como uma “classe atual”, no sentido de grupo e de grupo mobilizado para luta. É o que o sociólogo chama de classe provável, “enquanto conjunto de agentes que oporá menos obstáculos objetivos às ações de mobilização do que qualquer outro conjunto de agentes” (BOURDIEU, 2004, p.136).

Para o sociólogo as classes sociais não formam grupos reais, embora expliquem a probabilidade de se constituírem em grupos práticos, como famílias, clubes, associações e mesmo movimentos sindicais e políticos. Para Bourdieu o que existe é “um espaço de relações o qual é tão real como um espaço geográfico, no qual as mudanças de lugar se pagam em trabalho, em esforços e, sobretudo, em tempo” (BOURDIEU, 2004, p. 137).

Pode-se inferir que o autor, ao tratar de classes sociais, fala em termos de coletividades sociais e os modos como elas balizam as sociabilidades cotidianas, e não propriamente como grupo mobilizado (BERTONCELO, 2009, p. 26).

No texto *Condição de classe e posição de classe* (1974) o sociólogo, além de discorrer a respeito da noção de estrutura social e das possibilidades de uma análise estrutural, também discorre a respeito das relações simbólicas que se desenrolam entre as diferentes classes sociais. Bourdieu trata de aspectos para além da objetividade que permeia a relação entre as classes (1974, p.63):

Uma classe social nunca é definida somente por sua situação e por sua posição numa estrutura social, isto é, pelas relações que elas mantêm objetivamente com as outras classes sociais, ela deve também muitas de suas propriedades ao fato de que os indivíduos que a compõem entram deliberadamente ou objetivamente em relações simbólicas que, expressando as diferenças de situação e de posição segundo uma lógica sistemática, tendem a transmutá-las em distinções significantes¹⁴.

Neste mesmo texto, Bourdieu trata dos sistemas simbólicos que se encontram consagrados enquanto estrutura de homologias e de oposições a preencher uma função social de associação e dissociação, ou ainda, a expressar os afastamentos diferenciais que definem a estrutura de uma sociedade (1974, p.72):

Longe de que certas propriedades sejam intrinsecamente ligadas a certas condições econômicas e sociais, portanto, a certas situações existenciais, é preciso admitir que a “posições” homólogas na estrutura social correspondem condutas simbólicas de estilos equivalentes.

Nesse sentido, podemos pensar que agentes e conjunto de agentes que ocupam posições similares no espaço social tendem a ter certa similaridade em suas condutas ou, em outras palavras, em suas práticas.

Como se vê, de acordo com o modelo teórico-analítico proposto, a dimensão do espaço simbólico encontra-se intimamente relacionada ao espaço social.

O espaço social pode ser definido como um:

Campo de forças, quer dizer, como um conjunto de relações de força objetivas impostas a todos os que entrem nesse campo e irredutíveis às intenções dos agentes individuais ou mesmo às interações diretas entre os agentes (BOURDIEU, 2004, p.134).

O espaço social é multidimensional e os agentes e conjuntos de agentes são definidos pelas posições relativas que ocupam neste espaço. Estas posições estão relacionadas à distribuição das propriedades consideradas relevantes na construção do próprio espaço social. Estas propriedades correspondem às diferentes espécies de capital, que representam um poder

¹⁴ A ideia de que a relação entre grupos sociais comporta uma forte dimensão simbólica provem da divisão clássica que Max Weber faz em *Classe, Estamento e Partido* (1982) entre a classe social, pensada como grupo de indivíduos que, partilhando a mesma situação de classe, ou seja, a mesma situação de mercado, têm as mesmas oportunidades típicas no mercado de bens e de trabalho, de condições de existência e de experiências pessoais, e os grupos de status, pensados como conjunto de pessoas definidas por uma certa posição na hierarquia de honra e de prestígio (WEBER, 1982, p. 126-137).

sobre um campo num dado momento. O capital pode existir no estado objetivado ou incorporado e, frequentemente, é juridicamente garantido. O conceito de capital econômico relaciona-se à renda, relação com meios de produção e posses materiais de agentes e conjuntos de agentes. Já o capital cultural pode ser pensado a partir de três aspectos que se inter-relacionam: sob a forma de disposições para apreciar e se apropriar dos objetos da “cultura legítima”, institucionalizada por meio do sistema escolar e de aparatos culturais (museus, galerias de arte, etc.); sob a forma de credenciais institucionalizadas pelo sistema escolar e universitário; e de maneira objetivada em práticas e consumo de bens - fruto de disposições que orientam essas práticas e consumos (BERTONCELO, 2009, p. 27).

A posse de capital econômico e de capital cultural corresponde a possibilidades de ganhos nos diferentes campos sociais e, nesse sentido, estruturam de forma autônoma as desigualdades sociais existentes.

Os agentes e conjuntos de agentes distribuem-se no espaço social a partir do volume global de capital que possuem e da composição do capital, quer dizer, do peso relativo das diferentes espécies de capital no conjunto de suas posses¹⁵. São estes elementos (juntamente com as trajetórias modais), que segundo o autor, constituem-se como principais linhas de divisão e conflito em sociedades capitalistas avançadas, a partir dos quais “os agentes têm mais possibilidades de se dividirem e de voltarem a agrupar-se realmente em suas práticas habituais” (BOURDIEU, 2008, p.101).

Em *A Distinção*, principal trabalho do sociólogo a respeito da relação entre classes sociais, Bourdieu apresenta alguns diagramas a respeito da sociedade francesa dos anos de 1970, nos quais se pode encontrar a representação da estrutura do espaço social. O eixo vertical do diagrama corresponde ao volume total de capital e o eixo horizontal, a duas espécies de capital, sendo que a parte direita corresponde ao capital econômico e a parte esquerda, ao capital cultural¹⁶. Ao longo do eixo vertical, o autor distingue e distribui três tipos de classes: classe burguesa (região superior), pequena-burguesia (região intermediária) e classe manual (região

¹⁵ As dimensões do espaço social podem ser apreendidas sincrônica e diacronicamente. A sincronia equivale ao volume e à estrutura do capital e a diacronia equivale às trajetórias modais. Estas podem ser compreendidas como conjuntos de trajetórias equiprováveis que levam a posições praticamente equivalentes e que dependem da apropriação do capital pelos agentes (BOURDIEU, 2008, p. 103-106).

¹⁶ Há também nos diagramas apresentados no livro um eixo diacrônico que diferencia regiões do espaço social quanto a trajetórias coletivas (de ascensão ou decadência) de frações de classes e seus padrões de recrutamento e composição (BERTONCELO, 2009, p. 29).

inferior). Ao longo do eixo horizontal estão distribuídas diferentes frações de classe de acordo com a composição de seu capital (BERTONCELO, 2009, p.29)¹⁷.

As posições no espaço social se diferenciam relacionalmente em termos de diversos condicionamentos - constituindo diferentes condições de classe -, sendo o principal deles a distância relativa às necessidades materiais:

Obedecendo à preocupação de recompor as unidades mais homogêneas do ponto de vista da produção do *habitus*, ou seja, no tocante às condições elementares da existência e dos condicionamentos que elas impõem, é possível construir um espaço, cujas três dimensões fundamentais sejam definidas pelo volume e estrutura do capital, assim como pela evolução no tempo dessas duas propriedades – manifestada por sua trajetória passada e seu potencial no espaço social (BOURDIEU, 2008, p.107).

A vivência do agente ou conjuntos de agentes em meio a determinadas condições de existência possibilita a incorporação do *habitus*, pensado como princípio gerador de práticas e, ao mesmo tempo, sistema de classificação. O *habitus* é uma estrutura estruturante que organiza as práticas e a percepção das práticas e uma estrutura estruturada, pois é também a apropriação das propriedades relacionais do espaço¹⁸. Ele apresenta a característica de ser durável e transponível e é justamente seu caráter de transponibilidade que possibilita que realize uma aplicação sistemática e universal que se estende para além dos limites em que foi adquirido, ou seja, para além da necessidade inerente às condições de aprendizagem. É neste sentido que as práticas de um conjunto de agentes, produto de condições semelhantes, constituem estilos de vida, pois são produtos da aplicação de esquemas idênticos ou mutuamente convertíveis. O *habitus* permite que se estabeleça relação entre as condições econômicas e sociais, ou seja, o volume e estrutura do capital, apreendido sincrônica e diacronicamente, e o espaço dos estilos de vida, pois além de ser princípio gerador de práticas, também é gerador de classificações e julgamentos que conformam as práticas e suas obras em “sistema de sinais distintivos” (BOURDIEU, 2008, p.163).

Por meio do *habitus* e sua capacidade de gerar práticas classificadas e classificantes, o espaço social transmuta-se em espaço simbólico e as práticas dos agentes assumem caráter distintivo.

¹⁷ Nos diagramas contidos em *A Distinção*, o autor distribui diferentes grupos profissionais entre os quatro quadrantes formados pelos dois eixos, pois, conforme dito anteriormente, em sociedades capitalistas avançadas as profissões exercidas pelos agentes são fortes indicadores das possibilidades de apropriação do capital.

¹⁸ Embora o *habitus* seja formado por estruturas externas, ele reserva espaço para a criatividade e improvisação dos agentes, pois as práticas sociais são resultado da interação entre as disposições dos agentes e as lógicas e relações de poder operantes nos diversos campos sociais.

O espaço simbólico é o espaço dos estilos de vida, que pode ser compreendido como “conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos – mobiliário, vestuário, linguagem ou *hexis* corporal – a mesma intenção expressiva” (BOURDIEU, 2008, p. 165). O gosto compreendido como “propensão e aptidão para a apreciação - material e/ou simbólica – de determinada classe de objetos ou de práticas classificadas e classificantes” (ibid, p.165) é o princípio gerador do estilo de vida. Ele encontra-se na origem do sistema de traços distintivos, que é levado a ser percebido como uma expressão sistemática de determinadas condições de existência, em uma homologia entre o espaço social e o espaço simbólico, de forma que a hierarquia de estilos de vida exprime, simbolicamente, as diferenças objetivas do espaço social. Diferenças essas que no mundo social tendem a ser naturalizadas.

É a partir da articulação entre condições de existência, posições ocupadas por agentes no espaço social - retraduzidas pelo *habitus* em posições ocupadas no espaço simbólico -, volume e estrutura do capital, *habitus*, gosto e estilos de vida que penso o conceito de classe social, ao qual me refiro em diferentes partes deste trabalho. A ideia é que retraduzões operadas pelo *habitus* possibilite uma certa homogeneidade entre as práticas de agentes sociais que ocupem posições semelhantes no espaço social e que, desta maneira, formem uma “classe social”, uma “coletividade” ou um “conjunto de agentes” que compartilha determinado estilo de vida, localizado distintivamente no espaço simbólico, e participante das lutas simbólicas que se desenrolam nos diversos campos sociais.

O foco se dá, principalmente, nas práticas operadas pelos agentes, nos seus gostos, nas posições ocupadas por estes no espaço social e simbólico - apreendido a partir do volume e estrutura do capital -, nos estilos de vida compartilhados por eles.

O que chamo de classe alta ou classe dominante brasileira não constitui um grupo bem delimitado de agentes, muito menos um grupo mobilizado politicamente. O intuito desta pesquisa não é pensar classe social neste sentido. O que este trabalho procurou investigar foram as práticas, gostos e estilos de vida de agentes que ocupam posições privilegiadas no espaço social por serem detentores de alto capital econômico e/ou cultural, e assim compreender a respeito de diferenciações sociais que se desenrolam no espaço de Brasília. É pensar como os estilos de vida e as distinções sociais balizam sociabilidades cotidianas e acabam por delimitar fronteiras. Pensando em certa homogeneidade de práticas operadas por agentes. Práticas essas que se expressam como produtos de dada condição econômica e social.

Existe enorme discussão quanto aos critérios pertinentes (ocupação, bens simbólicos, poder político, renda, interesses no conflito distributivo) para a delimitação de classes sociais e também existem discussões a respeito da própria pertinência do conceito de classe para pensar a realidade social (MEDEIROS, 2005; BERTONCELO, 2009). Entende-se que fazer uma análise do alto da hierarquia social brasileira requer que se pense em termos de classes altas no plural de forma que se fuja de uma visão monolítica da classe dominante. No entanto, ressalto que dentro dos limites e possibilidades desta pesquisa de mestrado, dediquei-me à investigação das práticas de indivíduos que, de acordo com alguns critérios (renda, profissão, escolaridade e local de moradia), colocam-se como bem posicionados no espaço social da cidade, mais do que em fazer uma extensa pesquisa sobre as classes sociais que compõem a estrutura social da sociedade brasileira. Permiti-me, portanto, no momento da escolha dos informantes, significativa flexibilidade, sem a delimitação de critérios muito rígidos que poderiam vir a inviabilizar a pesquisa.

A “classe alta brasileira” ou a “classe dominante” não é pensada, portanto, como um grupo, ou mesmo, como um grupo homogêneo. O que a princípio poderíamos pensar como compondo uma “classe dominante” em Brasília congrega os mais variados indivíduos, praticantes de diferentes profissões, com diferentes origens sociais. Na escolha dos agentes a serem entrevistados nesta pesquisa foram considerados aspectos que, dentro do modelo teórico-analítico que orienta a pesquisa, constituem-se como indícios que apontam para um alto volume de capital, assim como para possibilidades de ganhos, por meio do elevado capital, nos diversos campos sociais.

Neste sentido, um dos aspectos considerados foi a profissão, pois, como vimos, é um importante indicador da apropriação de capital por parte dos agentes. Outro aspecto foi o nível de escolaridade, assim como as instituições onde se obteve o(s) diploma(s), pois as instituições de ensino são instâncias essenciais quanto à apropriação da cultura legítima e formação do capital cultural dos agentes. A renda também foi considerada como um importante critério para delimitação do conjunto de agentes a serem entrevistados, pois funciona como indicador quanto ao capital econômico. E por fim, considerei o local de moradia como um importante indício quanto à posição social privilegiada ocupada pelos agentes sociais, uma vez que, os espaços da cidade (geográfico propriamente dito), por meio da agregação de semelhantes e segregação de estranhos, se prestam como evidência das diferenças e das hierarquias sociais objetivadas.

1.4 Dados sobre Brasília

Com o objetivo de traçar um panorama geral a respeito de conjuntos de agentes bem posicionados no espaço social de Brasília, foram levantados dados que pudessem indicar algumas características próprias, como a renda domiciliar mensal, seus principais gastos de consumo, seu patrimônio, as profissões exercidas, o nível de escolaridade, a origem¹⁹, etc.

Pensando a partir da homologia existente entre o espaço social e o espaço geográfico, e, nesse sentido, no quanto as divisões nos espaços das cidades refletem as próprias divisões no espaço social, assim como as relações de proximidade e distância, utilizei dados referentes ao Lago Sul, reconhecidamente um bairro de moradia da classe e frações da classe alta brasiliense. A partir de dados retirados da PDAD – Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio - referente ao ano de 2012, traçou-se um perfil, que neste trabalho funciona como tipo-ideal, ou seja, um quadro de pensamento com traços unívocos, a respeito de características dos moradores da região, assim como, alguns dados sobre suas moradias, nível de escolaridade, práticas de consumo, etc²⁰.

A maioria dos dados trazidos pela PDAD referente ao Lago Sul são de fácil dedução, uma vez que ela mede índices de desenvolvimento socioeconômico e alguns dos itens apurados são considerados básicos em se tratando de uma localidade onde os moradores possuem renda alta e o lugar é amplamente assistido pelo poder público. Por isso, não é de surpreender que 100% das residências neste local estejam ligadas à rede geral de abastecimento de água ou ainda que 100% delas sejam assistidas pela coleta de lixo, por exemplo. No entanto, alguns outros dados são importantes para uma primeira delimitação. Dentre eles está o da Renda Domiciliar Média Mensal que é de R\$ 19.638,00, o equivalente a 31,6 salários mínimos. A Renda Per Capita Média Mensal é de R\$ 5.965,00²¹.

Outros dados relevantes: entre a população ocupada segundo o setor de atividade remunerada, 22,1% trabalham na Administração Pública Federal; 10,5% exercem suas

¹⁹ Por ter sido uma cidade planejada e por constituir-se como uma cidade relativamente jovem, com 53 anos atualmente, Brasília recebeu e ainda recebe muitos imigrantes. Sendo assim, muitas pessoas que aqui vivem são oriundos de outras cidades e estados brasileiros.

²⁰ A PDAD foi importante para traçar um perfil geral a respeito dos agentes que poderiam fazer parte do estudo. No entanto, ela não traz dados detalhados sobre a vida das pessoas que ocupam posição privilegiada no espaço social da cidade, o que permitiu que com os dados da pesquisa eu conseguisse apenas traçar um perfil geral a respeito da classe e frações da classe alta brasiliense.

²¹ Esta mesma média para o Brasil, de acordo com o Censo-2010, é de R\$ 688.

atividades no comércio²²; 8,8% em Serviços Domésticos; 8,1%, na Administração Pública Distrital; 5,1%, na área de Saúde e 4,6% exercem suas atividades na área de Educação.

Algumas informações indicam características a respeito das residências dessas pessoas, sendo que 63,7% delas vivem em residências com mais de doze cômodos, 47,7% dessas residências possuem mais de uma sala e 97,4% delas possuem três ou mais dormitórios, 82,4% das residências apresentam mais de 250 m² de área construída, ou seja, são bastante amplas.

Mais um dado que evidencia o alto capital econômico dos moradores desta região é o que mostra que 32,1% são donos de outro imóvel (apartamento, casa, loja/sala, principalmente) além do que habitam. E que 79,6% das famílias que residem nesta Região Administrativa possuem dois ou mais automóveis.

Também é interessante notar o destino que é dado à parcela do 13º salário entre aqueles que recebem este benefício. A maioria (51,5%) utilizam para pagar dívidas, mas vale destacar a existência do item “compra roupas e calçados”, que embora pouco expressivo (0,4%), ainda assim aparece entre os dados estatísticos da pesquisa. Gastos com melhorias na residência equivalem a 2,2%.

Também é interessante notar que a maioria dos habitantes do Lago Sul é formada por imigrantes, 62,8%. Provenientes principalmente da Região Sudeste (49,7%), seguida pela Região Nordeste (21%), Região Centro-Oeste (11,4%), Região Sul (7,5%) e Norte (4,0%). São oriundos em sua maioria do estado de Minas Gerais (23,1%), seguido pelo Rio de Janeiro (14,3%), Goiás (10,5%) e São Paulo (10,4%).

Dentre o número de imigrantes, 23,9% chegaram entre os anos de 1961 e 1970. Entre os anos de 1971 e 1980 chegaram 29,1%. Entre 1981 e 1990, 12,6%. Entre 1991 e 2000 chegaram 8,5% E após os anos 2000, 16,9%.

O nível de escolaridade dessas pessoas é alto, sendo que 59,6% delas possuem o ensino superior completo, incluindo cursos de especialização, mestrado e doutorado²³.

²² Sobre este último dado vale destacar que em pesquisa exploratória feita lendo uma das edições da revista *Foco* - revista que trata a respeito da vida social em Brasília, dando enfoque à vida de empresários, comerciantes, servidores públicos de alto escalão, além de políticos. A revista também apresenta dicas de comportamento e estilo de vida - encontrei em suas páginas bastante referência a comerciantes, donos de comércios como revendedoras de carros, loja de venda de pneus e venda de artigos de informática. Essas pessoas são apresentadas nas páginas desta revista como empreendedoras de sucesso que muito contribuem para o desenvolvimento da cidade (REVISTA FOCO, Brasília, n° 180, set 2010).

²³ Esses são dados importantes para pensar a respeito do capital cultural destes agentes, que de acordo com os dados, e considerando como uma das principais instâncias de formação do capital cultural dos agentes as instituições de ensino, é elevado. Principalmente se forem considerados os percentuais da população do Lago Sul que fizeram as especializações de mestrado e doutorado, respectivamente 2,9% e 1,3%. No entanto, também vale

Outra informação que traz indícios a respeito do capital cultural dessas pessoas é aquela que diz que em 52,6% dos domicílios assinam-se jornais e em 38,7% assinam-se revistas. Quanto à TV por assinatura, 80,9% dos domicílios são assistidos por este serviço²⁴.

Os dados acima apresentados oferecem um panorama geral sobre algumas características dos agentes e conjuntos de agentes que ocupam posições privilegiadas no espaço social da cidade. Mas, para se obter informações mais sutis a respeito de suas práticas e comportamentos, é necessário recorrer a outras fontes.

Sobre os gastos que se faz em Brasília com itens de consumo tidos como de luxo chamou a atenção uma reportagem publicada no jornal *Correio Braziliense*, em 3 de junho de 2012 intitulada “*Brasília, território da classe média premium*”. A reportagem atentava para o fato de, segundo dados do IBGE, a cidade ter o equivalente a 4,1% da população com rendimentos mensais acima de 20 salários mínimos mensais (R\$ 12,4 mil), média acima da encontrada em outras cidades como Rio de Janeiro (1,3%) e São Paulo (1,24%). Associado a tal fato a reportagem fazia referência ao padrão de vida e gastos com consumo bastante altos dessa população, discorrendo a respeito das viagens frequentes ao exterior, dos jantares de valor monetário elevado (R\$ 150 por pessoa) e da troca frequente de seus carros por veículos novos. O texto também trazia outros dados (referentes ao ano de 2010) interessantes sobre o consumo no DF, mostrando que algumas lojas que possuem filiais em diferentes lugares do Brasil consideram que suas melhores vendas se dão em Brasília:

A concessionária Saga do DF era a que mais vendia carros Volkswagen em todo o Brasil; Fnac do Park Shopping era, com a do Barra Shopping, no Rio, a que mais vendia produtos de alta tecnologia; tíquete médio²⁵ da Livraria Cultura do CasaPark era a maior do país; Extra do fim da Asa Norte era, havia sete anos, a loja do grupo que mais vendia no país; Fogo de Chão em Brasília crescia 25% ao ano, mais que o dobro registrado nas outras unidades; Tok&Stok do CasaPark era a segunda loja do grupo em vendas por metro quadrado²⁶.

Ainda sobre o consumo de bens em grande quantidade e de produtos de alto valor monetário, lembro-me de ter entrevistado no ano de 2008, com vistas a obter dados para outra pesquisa, uma mulher, por volta de 35 anos, esposa de um empresário que trabalha em uma importante construtora de Brasília, contando a respeito de suas viagens para o exterior, cujo objetivo principal era fazer compras. Os bens comprados eram produtos (principalmente roupas,

ressaltar que os dados apresentados pela pesquisa não trazem maiores informações a respeito das características desse capital, assim como não trazem informações a respeito de sua importância no volume total de capital. Com relação ao Brasil 7,9% da população possui o nível superior completo, segundo dados do Censo-2010.

²⁴ Infelizmente a pesquisa não traz informações sobre quais são os jornais e revistas assinados, nem sobre os canais de TV mais assistidos.

²⁵ O tíquete médio é um indicador de desempenho de vendas. Calcula-se através da divisão do volume de vendas, em determinado período, pelo número total de pedidos.

²⁶ AMORIM, Diego. Brasília, território da classe média premium. *Correio Braziliense*, Brasília, p. 35, 3 jun. 2012.

calçados, cosméticos e acessórios) que não são encontrados aqui ou que são vendidos no Brasil por preços mais altos do que no exterior. Esta mulher relata, divertindo-se com o fato, que certa vez fez uma viagem para Nova Iorque apenas para comprar uma bolsa que não era vendida (ou não era vendida ainda) no Brasil.

Muito arrumada, um pouco despojada, uma vez que vestia calças jeans, bem ajustadas ao corpo, parecia ter prestado atenção a cada detalhe do seu trajar. Estava no ambiente de trabalho (local onde a entrevista ocorreu) e vestia botas de cano alto de couro (estávamos no período de inverno) e uma blusa de frio na cor branca. Ao conversarmos a respeito de marcas de bolsas, mostrou-me sua bolsa Louis Vuitton e explicou-me que a usava para ir trabalhar porque esta marca para ela já não era importante, uma vez que, segundo suas palavras “todo mundo tem”. Ao contrário da bolsa Louis Vuitton, segundo ela “fora de moda”, me mostrou orgulhosa sua aliança de casamento, também de uma marca famosa (Bvlgari) e, por fim, ressaltou que seu marido havia prometido que no futuro eles trocariam as alianças Bvlgari por outras de marca ainda mais famosa (e penso, de valor monetário ainda maior). Ao final da entrevista, disse-me que estava com bastante pressa, pois usaria seu horário de almoço para arrumar os cabelos em um salão de beleza.

1.5 Práticas culturais e distinção social

As formas de diferenciação social, os hábitos de consumo²⁷, o uso que se faz dos objetos, a sensibilidade estética entre as classes e frações de classe mais abastadas no Brasil foi objeto de

²⁷ O consumo é compreendido nesta pesquisa a partir de sua função como construtor de inteligibilidade e como atribuidor de status.

Como construtor de inteligibilidade temos as análises que seguem a linha tratada por Mary Douglas e Baron Isherwood em *O mundo dos bens* (1979), a partir da qual o consumo e a circulação de bens são compreendidos como uma maneira de evidenciar e estabilizar categorias culturais, sendo sua função essencial construir um universo inteligível. Nesse sentido, os bens atuam enquanto meios de comunicação que assinalam relações e classificações sociais e que juntamente com seus usos públicos organizam a ordem social tornando visíveis divisões, categorias, classificações sociais, etc. Os significados dos bens não são socialmente arbitrários, nem derivados de um sistema autônomo de signos. Ao contrário, os sistemas de classificação que informam os significados dos bens refletem a própria ordem social e são fundamentais para sua reprodução enquanto ordem moral. Esses significados são usados nas práticas cotidianas (rituais de consumo) para construir e manter relações sociais. Sendo assim, os significados tanto se originam nessa ordem social quanto a reproduzem por meio da prática. A visão de Douglas e Isherwood sobre o consumo é essencialmente “integradora” e vista enquanto sistema de informações, porque para eles por meio do conhecimento dos códigos de consumo e da participação nos rituais de consumo o indivíduo pode dizer algo a respeito de si mesmo, de sua família, do local onde vive, contribuindo, assim, para a formação de um mundo social inteligível. Os significados e rituais de consumo demarcam, portanto, as categorias e classificações que constituem a ordem social (DOUGLAS e ISHERWOOD, 1979).

O consumo também é compreendido nesta pesquisa a partir de sua função específica como atribuidor de status. Essa linha segue os estudos de Thorstein Veblen em *The theory of the leisure class* (1899), no qual os bens e o consumo são vistos a partir de sua capacidade de atuar como indicadores de status social, símbolos ou emblemas que mostram a participação ou a aspiração em participar de grupos de status elevado. Essa ideia opera no sentido de que há uma separação entre o consumo mundano e o consumo de prestígio. Os bens de uma esfera não podem ser trocados pelos bens de outra esfera. Thorstein Veblen coloca essa separação no centro de sua análise sobre

compreensão de alguns pesquisadores das ciências humanas (MELLO E SOUZA, 1987; NEEDELL, 1993).

O historiador Jeffrey Needell ao tratar a respeito do período histórico chamado de *belle époque*, que compreende os anos de 1898 a 1914, focaliza as instituições de socialização e os hábitos e comportamentos do que ele chama de elite carioca, mostrando como o consumo e uso de objetos - principalmente aqueles oriundos da Europa, com destaque para os que seguiam a estética francesa e inglesa - ocupou lugar de destaque no estabelecimento de fronteiras entre as diferentes classes e frações de classe e atuou como importante elemento de composição do estilo de vida dos grupos abastados do Rio de Janeiro.

O historiador trata, por exemplo, do surgimento de lojas e comércio de luxo na rua do Ouvidor, no centro do Rio de Janeiro, a partir da vinda da Corte em 1808. Naquele momento o Brasil não tinha possibilidades de formar uma indústria manufatureira de produtos de luxo, uma vez que a indústria brasileira data da metade do século e fabricava em seu princípio apenas produtos para consumo em grande escala, como sabão e tecidos baratos. Apesar de não haver por aqui a produção de artigos de luxo, por volta de 1820 algumas lojas, mantidas por comerciantes franceses, se instalam na rua do Ouvidor, trazendo produtos importados, desbancando o comércio inglês de produtos ordinários e coexistindo com os portugueses. Estas lojas tendiam aos produtos de luxo – joalheria, vestuários, perucas, cabeleireiros e barbeiros, acessórios, flores artificiais, bebidas, comida, periódicos e livros (NEEDELL, 1993, p.191).

Segundo o autor, o que estava em jogo naquele momento eram formas de diferenciação social e auto-reconhecimento da classe alta carioca que passavam por fantasias de identificação cultural com o estilo de vida aristocrático europeu. Como forma de instrumentalizar esse processo, estes indivíduos buscavam objetos e serviços de origem europeia, mais especificamente durante a *belle époque*, de origem francesa.

consumo. Para ele existe um princípio estrutural da história humana, qual seja: a ideia de que o status social está relacionado ao distanciamento do trabalho mundano, que fica evidenciado pela maneira de consumir tempo e mercadorias. O indicador mais óbvio da distância em relação ao trabalho produtivo é uma vida confortável de lazer e consumo, o desperdício ostentatório de tempo e de bens. Esse desperdício fica evidente por meio de práticas “inúteis” como o conhecimento de línguas mortas, das várias formas de música, o consumo das últimas novidades em matéria de roupas, móveis e utensílios domésticos, etc. É justamente a inutilidade das práticas que evidencia o status social de seus praticantes. Esses estudos se pautam na ideia de que os bens podem significar status e que, conseqüentemente, também podem ser utilizados na competição por status (VEBLEN, apud SLATER, 2002, p. 154). Das análises de Veblen ressalta-se, sobretudo, o caráter ostentatório de alguns bens, que funcionam como atribuidores de status.

A rua do Ouvidor - assim como Petrópolis e parte dos lares dos grupos abastados - representavam simbolicamente a Europa. Era para lá que diariamente essas pessoas dirigiam-se para verem e serem vista em confeitarias, restaurantes, lojas, salões e teatros, e principalmente para vivenciarem um estilo de vida que julgavam estar alinhado com valores como elegância (NEEDELL, 1993, p. 194).

Ao que parece, de acordo com as descrições feitas pelo autor, nas relações que se desenrolavam entre as classes abastadas e entre estas e outros grupos sociais no Rio de Janeiro deste período, os objetos e a aparência de si desempenhavam um papel muito importante, sendo decisivos para definir os membros pertencentes à alta sociedade.

O trajar masculino demonstra bem o esmero com o bem vestir e a elegância. Suas roupas eram compostas de numerosas peças de lã (apesar das frequentes altas temperaturas do Rio de Janeiro), usadas em cima de algodão ou linho. Usavam-se em geral fraques e sobrecasaca azuis ou pretos, e calças culotes justas, pantalonas, ou, cada vez mais, calças compridas. Os coletes eram regra. Sob essas peças usavam-se ceroulas e camisas de mangas compridas de algodão ou linho, com colarinhos apertados, brancos de pontas viradas, engomados e presos firmemente com um dos ancestrais da gravata longa ou borboleta (às vezes estas eram presas por camafeus de quase duas polegadas de diâmetro). Nos pés usavam sapatos abotoados e as mãos eram cobertas por luvas limpas e delicadas. Por fim, na cabeça ia a cartola, que reinou no vestuário até o fim do século XIX quando foi sendo progressivamente substituída pelo chapéu-coco (NEEDELL, 1993, p.197).

Os trajes femininos, também preparados com cuidado, eram compostos por várias anáguas para dar volume às saias²⁸. Sob as saias e vestidos usavam os apertados espartilhos para forçar cinturas diminutas. Assim como os homens também usavam coletes, só que estes eram estruturados em barbatanas de ferro. Tinham os cabelos compridos, enrodilhados no alto da cabeça sobre o qual colocavam um chapéu. Nos pés calçavam botinas de cano alto, abotoadas ou presas por meio de cordão. As mãos eram cobertas por luvas, sempre segurando leques ou lenços (NEEDELL, 1993, p.201).

Estas eram as vestimentas diárias dos membros das classes abastadas do Rio de Janeiro no final do século XIX, uma clara imitação dos trajes usados pela aristocracia europeia (mas

²⁸ Ao longo do século XIX as várias anáguas foram substituídas pela anágua de crinolina (uma estrutura de aço arredondada usada sob as saias para fazer volume). Entre 1870 e 1880 a crinolina foi substituída pela anquinha (também uma estrutura de aço que fazia ressaltar mais as nádegas) e esta, já no fim do século é progressivamente substituída pelas caudas exuberantes.

também pelos burgueses quando queriam imitar estes últimos)²⁹ que indicavam sua posição superior na sociedade carioca (NEEDEL, 1993, p. 201).

Também a respeito da relação existente entre objetos (principalmente artigos do vestuário), moda e distinção social, trata Gilda de Mello e Souza em trabalho intitulado *O Espírito das roupas* (1987).

Discorrendo a respeito de mudanças ocorridas no mundo ocidental nos últimos séculos - como a ascensão da burguesia e a mudança de grande parte das populações do campo para cidade - a pesquisadora mostra as várias mudanças e adaptações feitas no vestuário com vistas a manter, às vezes de maneira mais definida, outras, de maneira mais fluida, as fronteiras que delimitam as diferentes classes sociais. Mostra o quão importante são as roupas como forma de estabelecer uma comunicação sutil entre os grupos abastados e entre estes e outros estratos sociais:

Como se, numa existência de aproximação constante e de frequente confusão de seres de estratos diversos a que a vida urbana nos obriga, fosse necessário, para preservar uma demarcação social existente mas ameaçada, reforçar a todo momento uma realidade imponderável, cuja exteriorização conferisse a cada um uma segurança maior (MELLO E SOUZA, 1996, p. 111).

Em sociedades de classes, onde existe o movimento contínuo de ascensão e descida dos indivíduos entre os diferentes estratos sociais, a insegurança relativa à posição social ocupada pelas pessoas e grupos de pessoas se torna um elemento importante para pensar a relação que se tem com as roupas e com a moda (MELLO E SOUZA, 1993, p.113).

De acordo com a autora, o Brasil, por ser uma sociedade de formação mais recente, onde os grupos não se encontram suficientemente caracterizados, diferenciando-se entre si por uma tradição de usos, costumes e maneiras próprias, a riqueza desempenha papel central como definidora de posições e “modificadora da estrutura social”³⁰ (MELLO E SOUZA, 1993, p.114).

A riqueza, como se vê, é um elemento muito importante, mas por si só não diz muita coisa. Tão importante quanto possuí-la, nos jogos de distinção social, é a utilização que dela se faz. Assim como, igualmente importante, são os julgamentos de opinião e, nesse sentido, a riqueza é apenas um elemento de prestígio, outros são a família, a situação social e mesmo, a participação na vida mundana.

²⁹ As relações entre as vestimentas e as classes na Europa são mais complexas do que foi aqui apresentado, mas para não fugir ao tema tratado neste trabalho optei, por hora, em apresentá-las de maneira mais simplificada.

³⁰ Penso que a autora estabelece, neste sentido, relação com a Europa onde existiu a aristocracia como grupo social bem definido que exerceu poder durante séculos e que baseava seu poder em outros elementos para além da riqueza.

Em se tratando especificamente de como a riqueza é expressa e assim atua como estratégia de distinção, tem-se o consumo de bens e o seu posterior uso nos mercados mundanos. A vestimenta, neste sentido, toma posição de destaque:

A vantagem que o gasto com a roupa apresenta sobre os outros métodos é que a vestimenta está sempre em evidência e oferece, à primeira vista, a todos os observadores, uma indicação de nosso padrão pecuniário (VEBLEN, apud MELLO E SOUZA, 1996, p.124).

Em outros momentos os estratos sociais possuíam um certo número de sinais para indicar sua posição por meio da roupa: era uma amplidão determinada das saias das mulheres, um dado comprimento ou uma dada largura dos sapatos, uma determinada extensão do véu ou da cauda do vestido, o volume das mangas (MELLO E SOUZA, 1996, p.125).

Quanto à pesquisa aqui desenvolvida, e diante do que foi apresentado com vistas a tornar mais legível o objeto de compreensão, perguntas se colocam: como se manifestam as estratégias de distinção social entre agentes e conjunto de agentes bem posicionados no espaço social de Brasília? Em se tratando da sensibilidade estética - como maneira de ver e se manifestar no mundo por meio da forma -, quais são os elementos que compõem esta sensibilidade? O quão importante é entre o grupo a ser pesquisado a distinção social que se expressa com ênfase no capital econômico? Que papel o consumo e uso de objetos desempenha nos processos de diferenciação social?

Penso que, além da vestimenta, existem outras formas de manifestação do alto capital econômico como, por exemplo, a decoração das residências. Durante pesquisa realizada no shopping CasaPark pude perceber a preponderância de um tipo específico de móveis e decoração de interiores que privilegiava a linha reta, espaços amplos, móveis grandes, poucas peças de decoração e estas também apresentavam um tamanho grande. As cores que preponderavam era o branco, o bege, o marrom e o preto³¹. Talvez esta seja uma estética própria às classes e frações de classes endinheiradas de Brasília³², que privilegiam este tipo de manifestação estética quando se trata de mobiliar e decorar suas residências e que desta forma acaba por atuar como uma maneira de se distinguir de outras classes não tão bem colocadas na hierarquia social.

³¹ Este tipo de decoração de interiores se estabelece em oposição àquela que privilegia espaços decorados com grande quantidade de objetos, normalmente em tamanho diminuto, onde os móveis são rebuscados e se encontra sofás forrados com tecidos em cores vivas ou estampadas, por exemplo.

³² Não quero dizer com isso que as referências para a elaboração de tal estética não possam ser encontradas fora da cidade e até mesmo do país.

Com vistas a compreender estratégias de distinção social entre conjuntos de agentes bem posicionados no espaço social de Brasília, investiga-se suas práticas culturais de maneira ampla, como também a composição de seu capital cultural. Procura-se compreender como se dão suas práticas quanto ao que Bourdieu designa como cultura legítima. Nesse sentido, faz-se necessária a discussão de aspectos que compõem a distinção social, seja a distinção que se dá com ênfase na evidenciação do alto capital econômico, como a que opera a partir do consumo e uso de objetos ou aquela que se dá a partir de práticas culturais ditas eruditas, como apreciação de obras de arte, de música clássica, o conhecimento a respeito de filmes e diretores de cinema, de peças de teatro, leitura de livros, etc.

Os estudos sobre distinção social e gosto tiveram vários desdobramentos após a publicação de *A Distinção*. Sua pesquisa acerca das práticas culturais operadas por agentes e conjuntos de agentes, e a relação intrínseca destas com as disputas classificatórias que permeiam o mundo social, suscitaram um número grande de estudos feitos por pesquisadores interessados em problematizar e testar os limites do que foi apresentado pelo sociólogo.

Nos Estados Unidos foram desenvolvidos alguns estudos que partiam dos achados de Bourdieu para pensar práticas culturais que se desenrolam naquele país (HALLE, 1991; LAMONT, 1992; HOLT; 1998)³³. De maneira geral, tais estudos buscavam compreender em que medida as práticas culturais e a disposição estética para apreciar a denominada alta cultura, manifesta na apreciação e consumo de arte abstrata (ópera, literatura, teatro, música clássica), eram responsáveis por estabelecer fronteiras simbólicas e demarcar divisões no seio da sociedade estadunidense.

Nesse sentido, a pesquisa desenvolvida por Lamont (apud BERTONCELO, 2010) busca comparar formas de capital cultural, com base em entrevistas realizadas com indivíduos de classe média, na sociedade norte-americana (Nova Iorque e Minnessota) e francesa (Paris e Clermont-Ferrand).

A pesquisadora percebe que são três os critérios que demarcam fronteiras simbólicas na França e nos Estados Unidos, quais sejam: hierarquia cultural, valores morais e posses materiais.

Lamont conclui que enquanto na França as hierarquias culturais atuam como fortes demarcadores de fronteiras, nos Estados Unidos as fronteiras baseadas em posses materiais e valores morais são mais relevantes. Ou seja, as hierarquias culturais na sociedade estadunidense

³³ HALLE; LAMONT; HOLT, apud BERTONCELO, 2010.

não são significativamente responsáveis por classificações que determinam diferenciações entre grupos sociais.

Sobre aspectos semelhantes tratam os estudos de Halle (apud BERTONCELO, 2010). Este procura compreender a formação do capital cultural nos Estados Unidos com base na pesquisa sobre a posse de obras de arte em residências. Acaba por descobrir que a apreciação de arte abstrata, objetivada pela posse de obras de arte em casa, é encontrada principalmente entre os grupos médios. E mesmo assim, não é encontrado de maneira significativa.

Conclui, portanto, que o consumo de alta cultura (ou pelo menos de arte abstrata) não se constitui como uma importante marca de classe nesta sociedade, não funcionando como um capital importante para a obtenção de vantagens sociais (HALLE, apud BERTONCELO, 2010, p.45)³⁴.

Na busca por contemplar outros aspectos das práticas culturais, mais próximos das práticas operadas pelas elites culturais dos Estados Unidos (práticas de consumo que dizem respeito à moda, esportes, decoração de casa, férias, *hobbies*, eventos sociais e leituras), Holt³⁵ (apud BERTONCELO, 2010) desenvolve uma pesquisa buscando mapear e comparar as práticas de consumo de dois pequenos grupos de indivíduos (10 pessoas cada grupo) bastante diferentes entre si.

Um grupo foi formado por profissionais, gerentes ou especialistas com títulos acadêmicos, todos filhos de pessoas que fizeram curso universitário. O outro, foi constituído por trabalhadores manuais com baixo capital escolar (no máximo ensino médio), cujos pais também estiveram vinculados ao trabalho manual e possuem escasso capital escolar.

Holt percebe que os dois grupos apresentam práticas de consumo bastante distintas.

O primeiro grupo tende a enfatizar o aspecto estetizante de suas escolhas materiais, por exemplo, a escolha da mobília em termos de seu valor estético mais do que de sua funcionalidade (chega a conclusões parecidas com as de Bourdieu quanto às escolhas da classe dominante). O segundo grupo, contrariamente ao primeiro, manifesta seus esquemas

³⁴ Neste ponto faz-se importante ressaltar que para alguns autores (BERTONCELO, 2010, p.45; PULICI, 2010, p.60) os estudos de Halle e Lamont pecam por não contemplarem o aspecto relacional do que Bourdieu procura expressar. Nesse sentido, o significado de uma prática ou de um bem só pode ser percebido em relação a outras práticas e bens pertencentes ou não ao mesmo campo social. Para esses autores não é uma boa interpretação da obra bourdiesiana compreender o significado das práticas e bens a partir de suas propriedades intrínsecas, pois os sentidos destas (bonito ou feio, vulgar ou elegante, etc) só se dão de forma relacional.

³⁵ Os estudos de Holt apontam para a importância das práticas de consumo no que diz respeito às estratégias de distinção social e delimitação de fronteiras entre grupos.

classificatórios enfatizando a funcionalidade e imanência dos bens consumidos, por exemplo, preferência por livros ou filmes que expressem algo sobre o mundo (também se trata de conclusões semelhantes às de Bourdieu). Somado a essas características, Holt conclui que o distanciamento estetizante às necessidades materiais, manifestado pelo primeiro grupo, vem acompanhado de uma tendência à combinação criativa e experimentação estilística (ecletismo), ao passo que as práticas de consumo do segundo grupo encontram-se mais relacionadas aos apelos da cultura de massa (HOLT, apud BERTONCELO, 2010, p.47).

Os estudos de Holt sugerem que mesmo em uma sociedade de consumo de massa como a norte-americana, são estabelecidos critérios que funcionam como marcadores, estabelecendo fronteiras simbólicas entre os indivíduos. Para ele, em tais contextos sociais as características distintivas se dão mais do que no consumo dos bens, na forma como estes são usados. A ênfase se dá na maneira de consumir o bem mais do que simplesmente consumi-lo. A distinção se dá em torno da autenticidade e da originalidade que é buscada a partir da apropriação, por parte de grupos dominantes, de diversos elementos, inclusive os da “cultura popular”, que são escolhidos de maneira seletiva (HOLT, apud BERTONCELO, 2010, p.48)³⁶.

Pensa-se algo parecido sobre a emergência dos “onívoros culturais”. Alguns indivíduos são assim chamados porque tendem a ultrapassar as fronteiras tradicionalmente estabelecidas entre “alta cultura” e “cultura popular”.

Existe a discussão sobre em que sentido as fronteiras são ultrapassadas, quer dizer, como os onívoros podem ser caracterizados. Tais características referem-se ao volume de gostos, à diversidade de gostos e à orientação da escolha dos objetos sociais.

A diversidade é possivelmente o critério que caracteriza melhor este grupo (BERTONCELO, 2010, p.49), ou seja, a possibilidade de se apropriar seletivamente dos objetos sociais disponíveis. Tal princípio possibilita que determinados grupos se apropriem seletivamente de objetos da cultura popular, assim como, conforme já esperado, dos da alta cultura também.

No entanto, alguns outros estudos (WARD, WRIGHT, GAYO-CAL, apud BERTONCELO, 2010) apontam que a abertura à diversidade não se dá de forma tão ampla. Assim, os onívoros tendem a se apropriarem mais dos bens da cultura legítima e a rejeitar algumas atividades como, por exemplo, assistir várias horas de televisão ou comer *fast food*.

³⁶ Para Holt essas possibilidades de uso estão relacionadas a um capital cultural bastante arraigado entre as elites culturais. Os usos dos bens são uma forma de acentuar o capital cultural já incorporado.

Não temos, portanto, uma maior tolerância no campo cultural, embora se tenha uma maior fluidez entre suas fronteiras. Ainda pode-se pensar a emergência dos onívoros e sua seletividade como uma forma de negociar a distinção social em uma sociedade de consumo.

Os assuntos acima apresentados tratam de práticas culturais as mais variadas, desde a apreciação e consumo de obras de arte abstrata até o consumo de artigos em abundância pela dita sociedade de consumo. Os objetos oferecidos e o uso que se faz destes são bastante variados, assim como os sentidos que assumem no mundo social.

Continuando a investigação da distinção social, faz-se necessário discutir achados recentes sobre o assunto no Brasil, para melhor compreender as características da distinção social que aqui se desenrola.

Em trabalho intitulado *O charme (in)discreto do gosto burguês paulista: Estudo sociológico da distinção social em São Paulo* (2010), a socióloga Carolina Pulici faz o mapeamento dos gostos e hábitos culturais da chamada elite paulistana (ela considera principalmente membros de famílias quatrocentonas que detêm alto capital econômico a muitas gerações), procurando demonstrar a pertinência do modelo de diferenciação social bourdiesiano para compreender as relações sociais que se desenrolam entre conjuntos de agentes na capital de São Paulo. Em sua pesquisa, a socióloga destrincha de maneira minuciosa os gostos da elite paulistana, realizando uma série de entrevistas (os entrevistados são escolhidos com base em sua profissão ou como cônjuges de pessoas que desempenham determinada profissão. São principalmente grandes industriais, fazendeiros, empresários, curadores de obras de arte, políticos, filantropos).

A pesquisadora concluiu ser possível encontrar distinção social operando na cidade de São Paulo tal qual Bourdieu apresenta em *A Distinção*. Ou seja, ela encontra entre as classes altas paulistanas o gosto burguês, aquele que se adquire por meio do estudo e da convivência desde os primórdios com a cultura dita “erudita”, “legítima”. Assim, segundo a socióloga, é possível encontrar entre os entrevistados, práticas tais como a frequência assídua a concertos de música clássica, espetáculos de dança, teatro, museus, conhecimento a respeito de artes plásticas (as pessoas entrevistadas apresentaram conhecimento e manifestaram preferências a respeito de diferentes estilos, tais como arte abstrata, expressionismo, surrealismo, arte renascentista, etc.). Manifestaram não apenas a apreciação por artes plásticas, como também afirmaram adquirir obras de arte (alguns entrevistados se diziam colecionadores).

Pulici também verifica que as regras de *savoir-vivre* trazidas por manuais de etiqueta bastante divulgados no Brasil encontram correspondência entre as práticas e valores das classes altas paulistanas. Nesse sentido, segundo a pesquisadora, o chamado bom gosto, como forma de diferenciação, de fato se estabelece em oposição ao que os grupos dominantes acreditam se tratar de um gosto vulgar.

Por fim, a pesquisadora estabelece comparações entre as práticas dos entrevistados que moram em bairros nobres mais antigos de São Paulo (principalmente Jardins) e que, em sua maioria, possuem riqueza acumulada a várias gerações e aqueles que são moradores de condomínios fechados (principalmente Alphaville), também áreas nobres da cidade, mas que tiveram, em sua maioria, uma ascensão social recente (são a primeira geração de endinheirados). Acaba por estabelecer diferenciações entre os dois grupos quanto a suas práticas culturais, mostrando que os endinheirados de ascensão social recente se mostram bastantes desinteressados em relação às práticas culturais eruditas, renunciando aos ganhos simbólicos que advém dessas atividades e priorizando as práticas de consumo em que se adquire bens materiais.

Resultados bastante distintos são encontrados pela antropóloga Diana Lima em trabalho intitulado *Sujeitos e objetos do sucesso: Antropologia do Brasil emergente* (2008). Neste trabalho a pesquisadora busca compreender o fenômeno social dos “emergentes da Barra” (Tijuca, Rio de Janeiro), grupo de pessoas cuja ascensão social e as práticas de consumo conspicuo foram amplamente noticiadas pela imprensa carioca e nacional durante os anos noventa.

Lima trata a respeito da produção discursiva que se faz sobre a figura dos emergentes da Barra (hora aprovando, hora reprovando suas práticas). Os discursos jornalísticos acabaram estabelecendo uma espécie de rivalidade entre dois grupos das classes altas carioca: a “elite tradicional” e os “emergentes”. Os primeiros moradores da zona sul da cidade, os segundos, moradores da Barra da Tijuca (localizada na zona oeste). Apesar da aclamada “futilidade” dos emergentes, evidenciada por suas práticas de consumo conspicuo, amplamente divulgada pela imprensa e comentada, de acordo com a antropóloga, nas conversas cotidianas das pessoas da cidade do Rio de Janeiro, inclusive entre as pessoas da dita “elite tradicional”, Diana Lima conclui que na realidade não existe diferença significativa entre as práticas de consumo dos “emergentes” e da “elite estabelecida”. Ambas marcadas pelo consumo intenso de bens³⁷:

³⁷ No entanto, vale a pena destacar que Lima opta por olhar o consumo e uso de objetos não pela ótica do conflito e diferenciação social e sim como parte de um sistema, no qual os bens funcionam como meios de integração e

Os emergentes consomem muitos bens e, dentre eles, bens para seu conforto físico, para sua diversão e para a aparência. Mas, acho que a forma (dita excessiva e ostensiva) como tudo isso é consumido não os diferencia da camada social que a coluna social trata como “elite tradicional” (LIMA, 2008, p.97).

Embora Lima não enxergue o consumo pela ótica da diferenciação social, seu estudo é importante como dado etnográfico, uma vez que faz o mapeamento das práticas de consumo operadas pelas classes altas, que são indistintamente conspícuas, sejam elas operadas por classes altas “tradicionais” ou “emergentes”.

Discutindo a respeito da delimitação de fronteiras de prestígio em sociedades estratificadas, a antropóloga percebe que no microcosmo por ela estudado (aquele formado pelos “emergentes da Barra”) o “gosto”, tal qual trabalhado por Bourdieu, não opera como um significativo demarcador de aproximações e diferenciações. Mais do que isso, Lima percebe que a chamada “cultura erudita”, em seu trabalho ela chama de “arte legítima”, pouquíssimo reverbera entre as classes altas cariocas, sejam elas antigas ou de ascensão mais recente.

No entanto, as diferenciações que se estabelecem tendo por parâmetro o chamado “bom gosto” aparecem em campo em discussões travadas pela mídia. Ao estabelecerem uma espécie de conflito/disputa entre “tradicionais” e “emergentes”, essas discussões colocam como principal parâmetro diferenciador entre as duas elites a posse (tradicionais) ou não posse (emergentes) do “bom gosto”³⁸. O que nos leva a crer que de alguma forma a ideia de “cultura legítima”, operando como linguagem de distinção diferencial, encontra acento em valores socialmente difundidos.

O que Lima deixa claro é que a elite carioca não é cultivada (nos moldes bourdiesianos), seja ela “tradicional” ou “emergente”. Em seu estudo, pelo que pude apurar, é como se as lutas simbólicas/classificatórias operassem em duas dimensões. Uma que diz respeito ao microcosmo das classes altas cariocas onde não se encontram indivíduos cultivados (nos moldes bourdiesianos) ou que valorizam o “cultivo de si” e onde, na realidade, os valores preponderantes são os de trabalho, consumo conspícuo e sucesso. E outra que se dá na mídia e no que Lima chama de *glamour system*, onde se discute a respeito de quem são os constituintes da verdadeira elite (tradicionais x emergentes) tendo por critério o “cultivo de si” e o “bom gosto”.

comunicação. Especificamente, no que tange ao trabalho que busco desenvolver, o consumo e o uso dos bens são visto como formas de diferenciação na hierarquia social, embora não exclua seu caráter comunicativo/integrativo. Penso os dois olhares que se lançam sobre o consumo de bens, como complementares.

³⁸ É bom lembrar que nos discursos jornalísticos o “bom gosto” da “elite tradicional” carioca estava associado, principalmente, ao valor de discrição. Enquanto o “mau gosto” da “elite emergente” era associado ao valor de exagero, ostentação.

Diante destas questões, outras perguntas podem ser colocadas com vistas a enriquecer o problema de pesquisa trazido neste trabalho.

De acordo com Diana Lima a cultura erudita pouco reverbera entre as classes altas cariocas. Mas ainda assim será que podemos falar em termos de uma cultura legítima, mesmo que ela não opere por meio da cultura dita erudita - como a que se tem pela apreciação das grandes artes? Se assim for, quais são os elementos que constituem a cultura legítima em nosso contexto? Ela continua a operar como forma de diferenciação social? A sensibilidade estética - como disposição estética com base na estética kantiana - continua a ser um elemento importante como maneira de distanciar-se do que é “comum”? Ou ainda, que características constituiriam a sensibilidade estética que permeia grupos bem posicionados no espaço social de Brasília? Que papel o consumo desempenha ou que significados adquire em processos de diferenciação?

1.6 Métodos e técnicas de pesquisa utilizados

Dada a sutileza inerente ao objeto de compreensão desta pesquisa, optou-se pela adoção conjunta de diferentes métodos e técnicas de pesquisa.

Era importante que fossem contempladas diferentes dimensões da vida social, pois as práticas distintivas operadas por agentes e conjunto de agentes possuidores de alto capital econômico e/ou cultural em Brasília se articula a partir das ações, dos objetos, do ambiente e das falas das pessoas.

Ao todo foram entrevistadas cinco pessoas (três homens e duas mulheres) que foram escolhidos respeitando alguns critérios pré-definidos. Consideraram-se critérios que, à luz do modelo teórico-analítico escolhido para orientar a pesquisa e conjuntamente, apontassem para a elevada posse de capital econômico e cultural. Assim, foram considerados a renda, a profissão, a escolaridade e o local de moradia.

Por meio das entrevistas buscou-se elementos que permitissem a investigação a respeito das práticas distintivas operadas por agentes bem posicionados no espaço social de Brasília. As perguntas foram direcionadas de forma a perceber quais elementos poderiam compor as práticas culturais, de consumo e os gostos em matéria de vestimenta, decoração de interiores, artigos eletrônicos, carros e cuidados com a aparência. O questionário também contemplou questões a respeito das escolhas dos agentes em termos de alimentação, práticas esportivas, música e cinema, assim como perguntas que testavam o domínio por parte dos entrevistados quanto às

práticas ditas constituintes da cultura legítima, tais como apreciação de artes plásticas, de música clássica e conhecimento a respeito de diretores de cinema e teatro³⁹.

A dificuldade em ter acesso a possíveis entrevistados assim como na própria delimitação de uma amostra para a pesquisa foi notória. Enviei ao todo cinquenta e quatro cartas, com timbre da UnB e tendo como remetente o Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, explicando de forma sucinta os propósitos da pesquisa e solicitando a concessão de entrevista⁴⁰. As cartas foram enviadas sem que eu soubesse, a princípio, quem seria o destinatário. A exemplo do que fez David Halle (1993) em Nova Iorque⁴¹, escolhi “a dedo”, percorrendo diversas ruas do Lago Sul, residências com aspecto suntuoso. Logo após, enviei cartas, via Correios, a seus moradores na esperança de que estes me concedessem entrevistas e que eu tivesse de alguma forma acesso a suas casas. A expectativa de ter acesso a suas casas foi frustrada, uma vez que as duas pessoas que responderam as cartas me concederam entrevista em seus locais de trabalho. Das duas, apenas a entrevista de um informante foi considerada para análise, pois o outro fugia ao perfil social procurado na pesquisa, tendo uma trajetória mais “tipicamente classe média”⁴².

À medida que a pesquisa foi se desenrolando, percebi que me servir de relações de amizade e com colegas poderia ajudar a identificar pessoas a serem entrevistadas e diminuiria a probabilidade de que eu entrevistasse aqueles que fugissem ao perfil social procurado. No entanto, mesmo esta estratégia apresentou suas dificuldades. As pessoas sentiam-se constrangidas ao dizer a seus familiares, amigos e conhecidos que estavam sendo convidados a conceder entrevista porque são pessoas ricas. A partir desses episódios pude perceber, assim como Pulici (2010), como o assunto estratificação social é tabu, principalmente quando se trata do reconhecimento e do auto reconhecimento como pertencente a classes sociais mais abastadas. Este tabu ficou para mim ainda mais evidente quando comparei a minha dificuldade em conseguir informantes, frente à facilidade encontrada por colegas cujos temas de pesquisa

³⁹ Boa parte do questionário aplicado nesta pesquisa é baseado naquele aplicado pela socióloga Carolina Pulici entre frações da classe alta paulistana em trabalho intitulado *O charme (in)discreto do gosto burguês paulista: Estudo sociológico da distinção social em São Paulo* (2010). Ao questionário elaborado pela socióloga fiz acréscimos e reduções. Cópia deste pode ser vista no apêndice do trabalho.

⁴⁰ Cópia da carta enviada a residências localizadas no Lago Sul pode ser vista no apêndice deste trabalho.

⁴¹ HALLE, David. *Inside culture: art and class in the American house*. The University of Chicago Press, 1993.

⁴² Ao realizar a entrevista que foi descartada para análise, descobri que a pessoa entrevistada não residia naquela casa no Lago Sul e sim que o local era utilizado por ela e colegas como um escritório de advocacia, onde recebiam os clientes. A entrevistada mora com os pais em uma casa no Lago Norte. Tem trinta e quatro anos de idade. Seu pai é engenheiro e sua mãe dona de casa. Estudou no Colégio Militar de Brasília (escola pública), graduou-se em direito na UnB, atualmente cursa pós-graduação e atua como advogada.

versavam sobre trabalhadores(as) em condição de vulnerabilidade, ou abordavam temáticas relativas a relações sociais de gênero, relações raciais, etc.

Por fim, após muita dificuldade em conseguir informantes, acabei por realizar seis entrevistas, das quais cinco tornaram-se objeto de análise. Foram entrevistados: uma bacharel em direito, empresária e confeitadeira, filha de empresários e herdeira de uma locadora de carros e de diversos postos de gasolina espalhados pela cidade, casada com um engenheiro, herdeiro de uma das maiores escolas de Brasília; uma psicóloga e empresária, também filha de empresários do ramo de hotelaria e construção civil; um administrador de empresas, herdeiro de uma rede de lojas de autopeças com sede em Brasília e algumas outras cidades, um executivo de empresa multinacional e um empresário, político e fazendeiro, dono de algumas revendedoras de carros, empresa de construção civil e fazendas de corte de gado, tendo ocupado também cargos como deputado federal e senador (suplente) em diferentes mandatos. Suas idades são de 28, 33, 35, 58 e 83 anos, respectivamente.

O fato de ter entrevistado pessoas ligadas ao ramo empresarial não foi premeditado, no entanto, isso trouxe importantes implicações para a pesquisa e será considerado ao longo da análise.

Todos os entrevistados, que responderam ao questionário passado ao fim da entrevista, declararam possuir renda familiar mensal superior a vinte salários mínimo, sendo que alguns declararam renda superior a oitenta salários mínimo. Entretanto, seu montante de capital econômico varia bastante, uma vez que, ao mesmo tempo em que entrevistei um empresário, fazendeiro e político com patrimônio declarado de muitos milhões de reais, também entrevistei pessoas que apesar de descenderem de empresários e comerciários com considerável capital econômico, atualmente encontram-se em uma situação que muitos chamariam de “alta classe média profissional”, pois ainda não herdaram as propriedades dos pais (ainda vivos) ou escolheram por tomar um caminho diferente deles, não assumindo seus negócios. Como foi o caso da psicóloga e empresária, que após muitos anos trabalhando como psicóloga, decidiu juntamente com o marido tornar-se empresária, mas seu negócio parece ser independente dos negócios de seus pais.

Após o recolhimento dos dados também se destacou alguma disparidade no que tange à trajetória social dos informantes. Enquanto quatro das pessoas entrevistadas descendem de famílias abastadas (fazendeiros, comerciários ou empresários enriquecidos), uma delas (alto executivo de empresa multinacional, 58 anos, morador do Lago Sul) vivenciou uma significativa

trajetória de ascensão social, que será apresentada com mais detalhes ao longo da análise. Outro dado que deve ser destacado em relação a este informante é o fato de ser morador de Brasília há quinze anos - tendo emigrado de uma cidade de porte médio do interior do estado de São Paulo - , diferentemente de outros informantes que nasceram na cidade ou vivem aqui a mais de cinquenta anos.

Assim é que, em vista dos próprios limites e possibilidades em que se desenvolveu, este trabalho pode ser considerado como uma pesquisa exploratória, que se permitiu uma flexibilidade de seleção da população analisada, incompatível com as exigências operacionais de constituição de uma amostra, no sentido estrito do termo, exigência esta que passa pela seleção de uma população bem delimitada empiricamente no tempo e no espaço.

Não obstante, é importante destacar que todos os agentes escolhidos para compor a amostra são pertencentes ao que classifico como classe alta brasiliense, devido a seu alto capital econômico e/ou cultural. Foram escolhidos para as entrevistas, ajudando no recolhimento de dados para análise do estilo de vida e das práticas distintivas das classes e frações de classe abastadas de Brasília, pelo fato de desenvolverem suas práticas, classificarem-nas e serem classificados, e por gozarem de certa autoridade mundana no espaço social e simbólico da cidade.

A opção por tomar a fala dos agentes como o principal elemento analítico, com finalidade de acessar posicionamentos de frações de classe, se deve a aspectos de ordem prática e metodológica. Devido aos escassos recursos de tempo para o desenvolvimento da pesquisa, abduci da proposta inicial de fazer observação participante em lugares frequentados pela classe alta brasiliense, como clubes, lojas, restaurantes, salões de beleza, exposições, etc., aliada à análise de conteúdo da Revista Foco⁴³ e análise da fala dos entrevistados, para concentrar a atenção principalmente na fala dos informantes. Assim, a pesquisa acabou por basear-se, sobretudo, neste recurso como forma de tentar acessar o estilo de vida, as práticas e os gostos dos agentes. Nesse sentido, o objetivo era fazer com que os dados colhidos dialogassem com as discussões teóricas mobilizadas neste estudo, principalmente com o intuito de pensar os limites do modelo de distinção social bourdieusiano, sobretudo no que diz respeito ao pressuposto de que

⁴³ A revista é de circulação nacional, de publicação mensal, mantida pela Magazine Foco Editora Ltda. Seu conteúdo é composto principalmente por relatos a respeito da vida social (festas, casamentos, inauguração de restaurantes e lojas, premiações) de empresários, comerciantes, políticos e servidores públicos de Brasília. O conteúdo também é composto por reportagens que falam a respeito de saúde, beleza, relacionamento interpessoal, política, personalidades (modelos, empresários e empresárias, cantores e cantoras) de projeção nacional e internacional, receitas culinárias, além de muita propaganda publicitária. A revista também traz um número grande de fotos, principalmente aquelas que documentam eventos que acontecem na cidade, tais quais os acima citados.

a reprodução das posições sociais pode se sustentar nos cabedais e deficiências da cultura erudita, para pensar as relações e delimitações de fronteiras entre classes e frações de classe no espaço social de Brasília. Mas também com o intuito de acessar os gostos dos informantes, de forma que eles mesmos discorressem sobre o que gostam e o que não gostam. Assim, por meio do uso deste recurso de pesquisa, qual seja, a análise do discurso⁴⁴ dos informantes, buscou-se apreender as representações que agentes bem posicionados no espaço social da cidade formam sobre si mesmos e, em alguma medida, sobre os outros em suas preferências culturais declaradas, as quais também contribuem para formar a realidade destes agentes e conjunto de agentes. Propõe-se por meio da análise do discurso perceber a formação de barreiras simbólicas a partir dos estilos de vida compartilhados.

De maneira geral os informantes pareceram terem compreendido que a pesquisa tratava a respeito de práticas e gostos e que dizia respeito a uma pesquisa sobre classe social. A informação de que se tratava de uma pesquisa sobre hábitos da classe alta não foi explicitada na carta-convite, por receio de que tal informação afugentasse possíveis informantes, no entanto, nos contatos prévios e mesmo nos momentos da entrevista procurou-se deixar este aspecto mais claro mesmo que de forma eufemística afirmando, por exemplo, que se tratava de uma pesquisa sobre práticas e gostos de moradores do Lago Sul, quando tal comparação cabia. De todo modo, embora tenha me colocado à disposição para responder dúvidas dos entrevistados quanto à pesquisa, de maneira geral, houve poucas solicitações neste sentido.

O pertencimento ou não pertencimento ao grupo empírico a ser investigado, e a posição de autoridade mundana no espaço social e simbólico da cidade foi medido de certa forma no momento da entrevista. Embora houvesse o cuidado prévio na escolha das residências para as quais mandei correspondência e na solicitação feita a amigos e conhecidos de que as pessoas indicadas fossem aquelas reconhecidamente pertencentes a grupos privilegiados de Brasília.

Aliada à análise de discurso também utilizou-se a etnografia como técnica de pesquisa complementar.

A etnografia foi escolhida devido ao seu caráter descritivo, da exigência da observação *in loco* dos fatos e das entrevistas com informantes.

⁴⁴ Análise de discurso pode ser pensada como “uma forma de estudar o uso da linguagem que procura identificar o processo pelo qual as pessoas dão forma discursiva às interações sociais, produzem sentidos ao que falam e orientam suas ações no contexto em que vivem” (CHIZZOTTI, 2008, p.122).

A observação *in loco* se deu, principalmente, a partir da visita feita à casa de alguns dos informantes às quais tive acesso. O principal intuito das observações era captar certa sensibilidade estética própria ao conjunto dos entrevistados no que tange às escolhas em termos de decoração de interiores e arquitetura. Tentou-se articular o material recolhido nestas visitas à fala dos informantes e foi utilizado o recurso da fotografia como forma de exemplificar seu gosto.

Por fim, empregou-se como recurso complementar a análise de conteúdo de algumas edições da Revista Foco. No entanto, este recurso cumpriu função exploratória, sem que a revista tenha sido objeto de exame mais profundo, restringindo-se apenas à intenção de, por meio deste recurso, obter mais informações a respeito de agentes bem posicionados no espaço social da cidade e as práticas por eles operadas.

CAPÍTULO 2

Práticas distintivas, gostos e estilos de vida entre frações da classe alta em Brasília

O senso de distinção passa pela apropriação de determinados sistemas de percepção e manifestação de preferências que compõem um dado estilo de vida situado simbolicamente perante a homologia existente entre espaço social e espaço simbólico. Dadas às restrições, sobretudo de tempo, impostas à pesquisa, este trabalho não pôde contemplar maiores detalhes a respeito da composição do espaço simbólico de Brasília, no sentido de pensar sobre os usos que se faz de objetos e os gostos de agentes e conjunto de agentes pertencentes a classes menos favorecidas no espaço social da cidade, para, a partir daí, estabelecer proximidades e distanciamentos em relação às práticas operadas por agentes que ocupam posição mais privilegiada. Nesse sentido, achados de pesquisa que poderiam surgir de tal comparação, não puderam realizar-se. Por esse motivo, o estilo de vida e as práticas distintivas operadas por agentes e conjunto de agentes abastados da cidade podem parecer por algum instante como “fechadas em si mesmas”, no entanto, deseja-se compreendidas como localizadas em relação a uma hierarquia de usos e práticas que perpassam o espaço social e simbólico de toda Brasília e delimitam fronteiras entre os agentes.

Neste capítulo, busca-se contemplar alguns aspectos do estilo de vida de agentes que ocupam posição privilegiada no espaço social da cidade.

As fontes utilizadas foram entrevistas em profundidade realizadas com cinco agentes, anotações realizadas em campo, além de pesquisa exploratória feita a revistas e sites que noticiam a respeito da vida social da classe alta brasiliense.

Ao buscar possíveis informantes para a pesquisa, solicitando indicações de amigos, conhecidos e colegas e a partir do envio de cartas para luxuosas residências no Lago Sul, acabou-se, sem que isso tenha sido premeditado, entrevistando pessoas cujo alto capital econômico provêm, principalmente, de investimentos nos ramos empresarial e comercial. Tal aspecto traz implicações para pesquisa, pois tendo como orientador o modelo teórico-analítico apresentado por Bourdieu para pensar o fenômeno de distinção social, devemos lembrar que o autor aponta diferenciações quanto às práticas operadas por diferentes frações de classe que compõem a classe dominante. Basicamente, o sociólogo estabelece uma cisão entre o que

denomina como fração dominante da classe dominante (grandes empresários, industriais e comerciantes) e fração dominada da classe dominante (professores universitários e intelectuais).

Para além das diferenças relativas à estrutura do capital - tendo os grandes empresários, industriais e comerciantes um importante patrimônio em capital econômico e os intelectuais e professores universitários, em capital cultural - que acaba por determinar diferentes práticas operadas pelas diferentes frações de classe, outro aspecto chama atenção a respeito do encaminhamento que a pesquisa tomou quanto aos informantes entrevistados, sem que tenha havido qualquer tipo de premeditação. Trata-se do fato de que Brasília, reconhecidamente uma cidade habitada por muitos servidores públicos, muitos deles de alto escalão - como juízes, desembargadores, auditores, diplomatas - e que recebem altos salários pelos serviços prestados ao Estado, acabaram não sendo contemplados a partir da escolha aleatória feita para angariar possíveis informantes.

Para além da aleatoriedade, tal evento aponta indícios de que uma parcela importante da classe alta brasiliense é composta por empresários com diversificados ramos de negócios - mas tendo em comum a atuação na área da construção civil -, embora haja certa tendência, presente no senso comum, a pensar os bem posicionados no espaço social da cidade como atuando, principalmente, nos altos cargos do funcionalismo público.

A partir de pesquisa exploratória feita visitando sites e revistas que noticiam a vida social da classe alta brasiliense, chamou-me atenção a frequência com que certas pessoas apareciam nas páginas de reportagens que noticiavam sobre festas, desfiles de moda, coquetéis de inauguração de grifes, casamentos, etc., que acontecem na cidade. Essas pessoas são, sobretudo, esposas e filhas de empresários da cidade, ligados, principalmente, ao ramo da construção civil e muitos deles apresentam ligação com a política local, ocupando ou tendo ocupado cargos no legislativo e executivo. Às vezes essas mulheres aparecem acompanhadas por seus companheiros e, em outras ocasiões, aparecem sozinhas. O aspecto que mais chama atenção é que este grupo não é muito diversificado, sendo recorrente a exibição da imagem das mesmas pessoas. Tal fato sugere, a despeito da necessidade de maior aprofundamento, que boa parte da riqueza circulante na cidade esteja concentrada nas mãos de poucas famílias ligadas ao empresariado (com destaque para o ramo da construção civil) e comércio da cidade. Uma vez que, ao sair à procura de possíveis informantes para compor a amostra, cuja pré-condição para que participassem fosse sua posição privilegiada no espaço social da cidade, me foram apresentados, sobretudo, empresários e comerciantes ou herdeiros destes. Tais achados são

importantes, pois pouco se sabe a respeito das pessoas mais abastadas e grupos dirigentes da cidade. Afirmo isso porque procurei por estudos que versassem a respeito dos ricos de Brasília e pouco ou quase nada encontrei a respeito. Este fato aponta para a necessidade de mais estudos sobre o tema.

Tomando como modelo a distinção social que se desenrola a partir da disposição estética, que leva a priorizar a forma mais do que a função das coisas, e que encontra na apreciação das artes sua manifestação mais pura, evidencia-se entre o conjunto de entrevistados a baixíssima dedicação aos saberes gratuitos. Tal fato faz-se notar por meio da baixa sofisticação cultural encontrada entre eles. Os informantes, em sua maioria, não apreciam as artes plásticas, não frequentam concertos de música clássica, vão pouquíssimo ao teatro, não tocam instrumentos musicais, vão pouco ou não vão a museus, ou seja, não se empenham em práticas culturais eruditas. Em contraposição, os filmes que assistem e as músicas que ouvem são aquelas apreciadas pelo “grande público”, as salas de cinema que mais frequentam são aquelas onde são exibidos filmes de grande circulação (salas dos *shoppings* Pier 21, Iguatemi e CasaPark), são inclinados a assistirem filmes onde atuam atores conhecidos do público, para a maioria dos informantes o “final feliz” de um filme é importante, demonstrando, portanto, que quando se trata de apreciação artística, não apresentam disposição a suspender os julgamentos morais.

À luz da pouca inclinação aos saberes gratuitos e a baixa sofisticação cultural, faz-se notar como importante componente de seu estilo de vida os muitos cuidados com o próprio corpo e com a aparência que se manifestam, principalmente, na prática intensa de atividades físicas, na busca por tratamentos estéticos, na boa aceitação quanto aos procedimentos e técnicas antienvelhecimento, na alimentação saudável e nas preocupações com a indumentária. A alta frequência de viagens e idas a restaurantes também se destacam, juntamente com a estilização das residências que aparece como um importante elemento na composição do estilo de vida dos agentes entrevistados. Tal exercício de estilo manifesta-se na contratação de arquitetos para projetarem ambientes em suas residências e, em alguns casos, na contratação de decoradores e paisagistas. A disposição à estilização de suas casas se manifesta novamente no fato dos informantes julgarem como mais importante o trabalho do arquiteto do que propriamente o do engenheiro no projeto de uma casa e/ou encaminhamento de reformas ou então na afirmação de que não contratariam apenas um engenheiro, sem a ajuda de um arquiteto, para construir suas residências.

Mais uma vez, vale ressaltar que o conceito de estilo de vida aqui adotado foi pensado considerando a capacidade do *habitus* em gerar práticas classificadas e classificantes, por meio da transmutação do espaço social em espaço simbólico, que também pode ser pensado como o espaço dos estilos de vida. O gosto, propensão a apreciar material e simbolicamente determinada classe de objetos e práticas classificadas e classificantes, é o princípio gerador do estilo de vida, pensado como um espaço de preferências distintivas que exprimem na lógica específica de cada subespaço simbólico, seja o mobiliário, o vestuário, a linguagem ou a *hexis* corporal, a mesma intenção expressiva. Nesse sentido, as práticas operadas pelos agentes e os gostos manifestados por estes, componentes de determinado estilo de vida, formam um conjunto de traços distintivos que, no mundo social e devido à homologia existente entre os espaços, são “naturalmente” associados a determinadas condições de existência, de forma que a hierarquia de estilos de vida exprime, simbolicamente, as diferenças objetivas do espaço social:

Às diferentes posições no espaço social correspondem estilos de vida, sistemas de desvios diferenciais que são a retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência. As práticas e as propriedades constituem uma expressão sistemática das condições de existência (aquilo que chamamos de “estilo de vida”) porque são o produto do mesmo operador prático, o *habitus* – sistema de disposições duráveis e transferíveis que exprime sob a forma de preferências sistemáticas as necessidades objetivas da qual ele é produto (BOURDIEU, 2003, p.73).

Não é pelo fato de não se empenharem em saberes gratuitos ou não possuírem sofisticação cultural que os informantes não apresentam a disposição estética, capacidade generalizada de neutralizar as urgências ordinárias e de colocar entre parênteses os fins práticos. Embora a disposição estética não se manifeste por meio da apreciação das artes, no sentido erudito do termo, os cuidados com a aparência e com o corpo, a alta frequência de viagens de turismo e idas a restaurantes, assim como a estilização de suas residências são práticas que têm sua finalidade em si mesma, sendo reservadas àqueles que se encontram distantes das necessidades mais imediatas, inclinados ao gratuito e ao desinteressado. Adicionalmente, está o fenômeno de estilização da vida, que como manifestação objetiva da distância em relação à necessidade, se constitui como decisão sistemática que organiza e orienta as práticas mais diversas, desde a escolha de um vinho até a decoração do interior da residência. O fato de poder estilizar a própria existência se coloca como a afirmação de um poder sobre a necessidade dominada. Configura um estilo de vida que encerra a reivindicação de uma superioridade legítima sobre aqueles que não sabem ou não podem entregar-se ao luxo gratuito e ao desperdício ostentatório, permanecendo dominados, portanto, pelas urgências e interesses mundanos.

Neste capítulo procuro apresentar alguns dos aspectos que aparecem como mais significativos na composição do estilo de vida e práticas distintivas dos agentes entrevistados. Tais aspectos dizem respeito aos cuidados com a autoapresentação. No capítulo seguinte, trato a respeito da estilização de suas residências. As roupas, os móveis, as casas, as comidas, o lazer revelam as escolhas práticas que situam os agentes no espaço social. Buscou-se estabelecer alguma aproximação entre as práticas e gostos operados pelos agentes com vista a pensá-las como estratégias de distinção social.

Também procuro apresentar a trajetória social dos agentes com o intuito de compreender melhor a formação e composição de seu capital econômico e cultural.

Devido a suas idades, os informantes que concederam entrevista para esta pesquisa se encontram em diferentes momentos de suas vidas. Enquanto Elisa, César e Flávia têm por volta dos 30 anos de idade, Edgar tem 58 anos e Francisco, 83⁴⁵. Aspectos relativos à idade aparecem nas falas dessas pessoas e relacionam-se a suas práticas e, sobretudo, a seus projetos de vida em termos de busca por manter certo estilo de vida abastado, herdado dos pais, por parte dos mais jovens, ou quanto às marcas da ascensão social que Edgar deixa transparecer em sua entrevista ou ainda a respeito da impossibilidade de continuar a realizar certas práticas, devido à idade avançada, como é o caso de Francisco. Em relação aos mais jovens evidenciam-se seus investimentos modeladores (filhos, carreira, patrimônio) relativos à busca por um futuro prestigioso. Em relação a Edgar, especificamente, notou-se os investimentos em relação à educação formal dada a seus filhos como forma de suprir o capital cultural que ele próprio não foi capaz de transmitir aos filhos e também como parte de um projeto que possibilitasse que estes obtivessem ganhos diversos no campo profissional.

Flávia, 28 anos, é empresária e confeitadeira, nascida em Brasília. Ela é filha de empresários. Possui o ensino superior completo, tendo cursado direito em uma das faculdades particulares mais tradicionais da cidade, o UniCeub. Após a conclusão da faculdade, especializou-se em gastronomia (tendo feito curso tecnólogo na faculdade particular IESB), atividade com a qual trabalha atualmente.

Seus pais cursaram o nível superior de ensino, tendo seu pai se formado em economia e sua mãe em pedagogia. Ambos formaram-se pelo UniCeub. Flávia é casada com um engenheiro

⁴⁵ Com o intuito de preservar a identidade dos informantes foram usados nomes fictícios. A opção por indicá-los por nomes próprios deve-se a facilidade de identificá-los ao longo do texto.

elétrico formado pela UnB, com pós-graduação em gestão empresarial pela Fundação Getúlio Vargas, que atua como empresário da área de construção civil e comércio. Seu sogro é professor e proprietário de um dos maiores colégios da cidade.

Como comum entre a maioria dos informantes, Flávia não apresenta sofisticação cultural. Ela nunca foi a um concerto de música clássica, não conhece nada a respeito de diretores de cinema, é inclinada a assistir filmes em que atuam atores conhecidos do “grande público”, filmes que lhe marcaram foram aqueles que tiveram ampla divulgação, assiste cinema para se distrair e considera importante o final feliz, não frequenta peças de teatro, mas quando assiste a alguma acha importante que o enredo represente como nós agimos em nosso dia-a-dia, lê pouco e quando lê dá preferência a *best-sellers*, gosta de MPB e suas bandas e cantores favoritos são aqueles com ampla circulação na mídia.

O fato de ter feito o curso de gastronomia também é significativo, pois vai contra a ideologia do gosto puro (BOURDIEU, 2008, p.9), que se pretende puro por não se constituir como fruto de regras ou aprendizados escolares, sendo, portanto, fruto do apuro precoce pela via familiar.

Insígnia dos verdadeiramente cultos, o gosto puro pelas artes da cozinha e outras artes parece não ser constituinte de suas disposições, tendo o gosto pela apreciação culinária sido desenvolvido tardiamente por meio de cursos. Entretanto, não é por não apresentar uma disposição estética pura para as artes que Flávia não goza de prestígio como autoridade mundana. Sendo inclusive citada, em um site mantido por colunista de um importante jornal de Brasília, como uma pessoa “bonita, bem-nascida e talentosa”⁴⁶.

Todas essas características indicam que Flávia, apesar de ter vivido e ainda viver uma existência abastada, não possui o capital cultural erudito, típico dos “verdadeiramente cultos”, de acordo com o modelo teórico-analítico elaborado por Pierre Bourdieu (1979) e conforme encontrado por Pulici (2010) entre frações da classe alta paulistana.

Sendo assim, apesar do gosto apurado escolarmente, da pouca sofisticação cultural e dos baixos investimentos em práticas cultas, Flávia é facilmente posicionada, na vida cotidiana que se desenrola nos mercados mundanos, como pertencente aos estratos mais bem posicionados de Brasília, no tocante à hierarquia da estratificação social na cidade, além de ser considerada, conforme já visto, uma autoridade mundana. Em que elementos se baseiam tais classificações?

Como veremos adiante, alguns aspectos que compõem suas práticas e as de outros informantes que formam a coleção de casos aqui considerada apontam indícios sobre a composição de determinado estilo de vida entre frações de classe bem posicionadas no espaço

⁴⁶ Não posso citar a fonte para não pôr em risco o sigilo quanto à identidade da informante.

social de Brasília, que contribui para o exame a respeito das classificações e delimitações de fronteiras entre classes e frações de classe no espaço simbólico da cidade.

Diferentes instâncias de suas vidas são perpassadas por práticas que, embora não contemplem a sofisticação cultural e a entrega aos saberes gratuitos, passam por aspectos relativos ao fazer que, dizendo respeito ao ato de vestir, morar, fazer uso do corpo, alimentar-se e viajar, são perpassados por diferentes exercícios de estilo.

Apesar de ser empresária, Flávia também trabalha com gastronomia, preparando confeitados finos para festas. A disposição à prática gastronômica abrange a preparação de pratos em seu dia-a-dia, o uso da cozinha gourmet para receber e cozinhar para amigos e familiares nos fins de semana, a alta frequência de idas a restaurantes requintados da cidade.

As funções de representação quanto à comida perpassam a preparação das refeições cotidianas:

Eu quando eu vou montar um prato no meu jantar, às vezes eu estou fazendo um filé de frango, uma salada e aspargos, eu não ponho de qualquer jeito no prato. Eu sempre arrumo ele bonitinho. Eu coloco a salada bem cortada, coloco o aspargo de um jeito assim. Eu sempre arrumo o prato. Eu não monto de qualquer jeito⁴⁷.

A inclinação a exercícios de estilo materializam-se nas revistas das quais é assinante, Casa e Comida e Lola Magazine. A primeira é apresentada no site da própria editora como uma revista sobre “a arte de comer, beber e receber bem”. A segunda traz conteúdos sobre moda, beleza, viagens, culinária, comportamento e cultura de maneira geral⁴⁸.

Embora não apresente nenhum conhecimento em artes plásticas, Flávia considera que os quadros sejam as peças mais importantes na composição da decoração de uma casa, e os usa para ornamentar a ampla e luxuosa residência onde vive no Lago Sul com o marido e os dois filhos. Ela “adora” decoração e arquitetura e compra frequentemente várias revistas sobre o tema com vistas a ter ideias e pensar a decoração de sua residência.

Assim também, seu estilo de vida é composto por viagens frequentes de férias para praia (litoral do Nordeste ou do Rio de Janeiro) e para o exterior (França, Suíça, Itália, Inglaterra, Estados Unidos e Aruba).

Também dedica boa parte de seu tempo em cuidados com o próprio corpo e apresentação de si⁴⁹.

⁴⁷ As refeições na casa da informante são preparadas durante o dia por uma cozinheira. À noite, a própria informante as prepara.

⁴⁸ Além dessas, Flávia também é assinante da revista Época.

⁴⁹ Os cuidados dispensados ao corpo e com a autoapresentação serão foco de análise neste capítulo. As demais práticas distintivas constituintes do estilo de vida da coleção de casos considerada serão apresentadas com mais detalhes no capítulo seguinte.

Ao longo deste capítulo e do capítulo seguinte apresentarei práticas que se destacaram nas respostas dadas pelos informantes quanto às questões colocadas no roteiro de entrevista, considerando o conjunto das entrevistas.

Os cuidados com o corpo incluem uma rotina intensa de exercícios físicos, a busca por uma “alimentação saudável” e o uso de técnicas cosméticas, modeladoras e relaxantes para o corpo.

Flávia considera que seja importante dedicar-se à aparência física: “acho que levanta a autoestima, você se sente bem. Eu acho importante”. A dedicação à aparência física se dá com a prática de atividade física seis vezes por semana sob supervisão de uma *personal trainer*. Suas atividades incluem a prática de corrida, musculação (executadas em uma academia de ginástica) e treinamento funcional⁵⁰ (feita em sua casa com a ajuda da *personal trainer*). Mesmo durante os momentos de férias, em que costuma viajar para a praia, a informante continua a se exercitar: “E quando eu vou pra praia, eu sempre corro. Eu sempre faço atividade física”.

A relação entre beleza, saúde física e saúde mental se apresenta no discurso da informante. Para ela a prática esportiva ajuda a aliviar o estresse de seu cotidiano e em questões de emagrecimento e condicionamento físico. A confusão entre estética e saúde física fica evidente em seu discurso:

Mas cuidar do corpo né?! Porque quando você está acima do peso não é só uma questão de estética, é uma questão de saúde também, você está comendo errado. Então, eu acho assim, se você está cuidando, tentando ser magra, você ai estar cuidando da alimentação. Então, uma coisa vai puxando a outra.

A informante considera que uma aparência desejável é ser magra: “Eu gosto de ser magra [...] tem mulher que se sente bem mais gordinha e tudo. Mas eu me sinto mal. Então, eu vou atrás sempre de estar mais magra”. Afirma ainda que as mulheres devem estar sempre vigilantes em relação ao próprio peso.

A busca pelo corpo magro perpassa a grande preocupação que demonstra em seguir uma alimentação saudável: “Mas assim, eu como muito comida natural. Eu busco muito isso de saúde”. Ela disse que gostaria de comer apenas produtos orgânicos, mas que não tem tempo nem disposição para ir comprá-los na feira.

Seu cardápio, assim como o de seu marido, é elaborado por uma nutricionista: “pra mim, eu resolvi fazer assim com ela, porque eu queria emagrecer. Aí acabou o meu marido indo também”.

Apesar da pouca idade e de ainda não fazer uso, Flávia avalia positivamente as diversas técnicas usadas para retardar o envelhecimento do corpo. Em seu discurso, percebe-se a naturalização da corrida por manter-se eternamente jovem: “Mas chega uma idade que se você não fizer (cirurgia plástica, uso de botox) você vai aparentar muito mais velho. Hoje em dia,

⁵⁰ Modalidade de atividade física feita sem a utilização dos tradicionais aparelhos de musculação (que tendem a trabalhar grupos musculares isoladamente). O treinamento funcional é feito com outros tipos de equipamentos, como bolas e cordas, e busca trabalhar toda musculatura do corpo de forma integrada. Esta modalidade de ginástica é oferecida em academias e amplamente procurada por aqueles que querem tonificar os músculos e emagrecer.

uma mulher de 50 anos ela tem uma cara totalmente diferente que há trinta anos uma mulher de 50 tinha”. E acrescenta: “Eu vou usar com certeza quando eu achar que precisa”.

Ainda como aliados no processo anti-envelhecimento, afirma ter simpatia pelo uso de medicamentos ortomoleculares⁵¹ e pela dermatologia-estética: “tem coisas que eu acho ótimo que estejam no mercado pra gente poder usar”.

Os dados de pesquisa aqui apresentados se destacaram considerando-se o conjunto da entrevista realizada com a informante. Em meio a uma série de perguntas que versavam sobre suas práticas culturais em geral, a informante estendeu-se ao falar sobre aquelas que envolviam o cultivo do próprio corpo. Tais práticas adquirem mais relevo quando se considera a pouca atenção e as respostas curtas dadas pela informante às perguntas a respeito de práticas culturais eruditas.

A disposição a dedicar-se aos cuidados quanto à aparência de si e a intensidade com que acontece, englobam também as práticas indumentárias. Neste ponto evidencia-se a disposição de Flávia na construção de um estilo próprio (distinto e distintivo) e seus hábitos de consumo.

A informante lê frequentemente revistas de moda com vistas a se informar quanto aos estilos de roupa que estão sendo usados. Ela apresenta bastante conhecimento a respeito de estilistas de moda, sendo suas favoritas Adriana Barra e Isabela Capeto⁵²: “gosto das roupas dela. Acho bem alternativa assim”.

Podemos ler o uso do termo “alternativa” para descrever o tipo de roupa de sua preferência como uma maneira de buscar aquilo que é “diferente”, “original”⁵³.

Faz investimentos indumentários com frequência e num número grande e diversificado de lojas: Maison Ana Paula, Osklen, Le lis Blanc, Farm, Fyi, Animale e Zara⁵⁴.

⁵¹ Medicamentos que visam suprir a deficiência em vitaminas e/ou minerais no organismo.

⁵² As duas estilistas gozam de destaque no campo da moda brasileira, atuando, sobretudo, nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Em Brasília, suas criações são vendidas em boutiques como Maison Ana Paula e Magrella. As roupas são vendidas por um alto valor pecuniário. As peças criadas pelas duas estilistas apresentam em comum a característica de serem bastante coloridas e estampadas. Também são peças que no mundo da moda costumam ser conhecidas como de estilo bastante feminino, com o uso de babados e tecidos fluidos.

⁵³ Não devemos esquecer que associado ao fenômeno da moda está, por um lado, a necessidade de distinção, de diferenciação e de mudança. E por outro, está o sentimento de imitação, na medida em que faz com que as pessoas queiram seguir o mesmo caminho que os demais seguem (SIMMEL, 2005, p.161). Dessa forma, a busca por distinção individual no seio da moda, inevitavelmente remete a algo já adotado por muitas outras pessoas. Em sua maioria, conforme pensado por Simmel, pertencentes ao mesmo estrato social.

⁵⁴ Destaque para o fato de que a quase totalidade das lojas citadas pela informante são o que se costuma chamar de boutique, sendo as peças indumentárias nelas vendidas por um alto valor pecuniário. A Maison Ana Paula, especificamente, é uma boutique localizada no Lago Sul e disputa com a Magrella, outra boutique localizada neste bairro, a clientela endinheirada da região.

Ao analisar o estilo de roupa vendido nas lojas citadas pela informante, pode-se dizer que oscilam entre o luxuoso (Maison Ana Paula, Le lis Blanc e Animale), onde as roupas são bastante elaboradas e feitas em tecidos nobres, até um estilo que poderia ser chamado de “descolado”, “moderno” e até “praiano” (Fyi, Osklen, Farm e Zara).

Diferentemente dos demais informantes, conforme veremos adiante, Flávia diz não usar roupas em corte clássico: “acho que é meu estilo assim... É difícil eu vestir uma roupa clássica. Eu gosto de uma calça confortável, gosto de uma calça que tenha um detalhe assim mais maluco, de uma blusa mais despojada”.

Tais escolhas indumentárias devem-se ao fato de Flávia buscar construir um estilo de vestimenta (e de moradia, conforme veremos mais a frente) que contempla e simboliza o que é “moderno”, “jovem”, “despojado” e até mesmo “desencanado”.

De qualquer forma, quando fala de suas escolhas quanto à vestimenta e o uso de cores e estampas, Flávia acaba por deixar indícios de um gosto tradicional/clássico: “eu não sou muito de estampa não. Eu gosto muito de um preto e branco”. Aproximando-se, assim, do que é manifestado pelos demais informantes, ou seja, a adesão a um gosto que embora não faça referência a qualquer antiguidade (como o uso de objetos herdados), também não pode ser visto como de vanguarda, embora tenda a se auto intitular como moderno, sobretudo, no que tange às escolhas arquitetônicas e de decoração de interiores.

O fato dos informantes não fazerem muitas referências a objetos herdados, seja no que diz respeito à indumentária, assim como à decoração de interiores, pode dever-se ao fato destes terem passado por trajetórias de ascensão social de forma que seja provável que sua honorabilidade social, como pertencentes a frações bem posicionadas no espaço social e simbólico da cidade, não se assente em valores como o de tradição, que o uso de objetos herdados poderia suscitar. O fato de Brasília ser uma cidade jovem (53 anos atualmente) é um fator importante para compreensão do comportamento de frações da classe alta que aqui vivem, uma vez que podemos pensar que boa parte das pessoas que hoje ocupam posição privilegiada no espaço social e simbólico enriqueceram com o próprio crescimento da cidade, conforme se faz notar nas entrevistas realizadas.

A alternância de gosto entre aquilo que se pretende original e se faz único, a partir da mistura de objetos de diferentes referências, e aquilo que é clássico/tradicional, se dá entre os entrevistados, a depender, principalmente, de aspectos geracionais e de gênero.

Entendo por gosto clássico ou tradicional aquele que privilegia a busca por aquilo que representa algo discreto, fora de modismos, sem maiores rebuscamentos. Na indumentária tal aspecto faz-se notar pelo uso de cores sóbrias, com poucas estampas, por exemplo. Na arquitetura, o gosto clássico/tradicional manifesta-se pela adoção da casa cúbica, o tipo de planta rebatida nos dois pavimentos, com concepção simétrica organizada em torno de um acesso

A rede de lojas Zara constitui o que se costuma chamar no mundo da moda de “fast fashion”, vendendo, em larga escala e por preços mais acessíveis, roupas que seguem o estilo e tendência lançado a cada estação nos grandes desfiles de moda de cidades na Europa e nos Estados Unidos.

principal centralizado, como é comum nos estilos neogeorgiano e neocolonial. Ou também na adoção de uma decoração que preza por móveis em cores sóbrias, feitos em materiais como madeira, mármore e, em menor medida, vidro.

O gosto que prioriza a busca por originalidade se manifesta na adoção de estilos que contemplam o uso de objetos de diferentes referências tanto no que tange à decoração de interiores quanto à indumentária. Manifestando-se de maneira mais colorida e estampada.

Vale ressaltar que estas foram as duas variantes de gosto encontrada entre a coleção de casos aqui considerada a depender de aspectos como gênero e geração, formadas a partir do relato dos informantes sobre suas próprias escolhas.

Diante da centralidade dada pelos informantes aos cuidados com a aparência, contemplando tanto a dedicação ao corpo quanto à indumentária, faz-se necessária uma pequena revisão da literatura a respeito do tema.

Compreendendo a aparência de uma pessoa como “o corpo e os objetos usados pelo corpo, ou ainda como um conjunto de características físicas constantes (ou que variam lentamente), de atitudes corporais (posturas, expressões, gestos) e atributos (roupas, penteados, acessórios)” (MALYSSE, 2002, p.118), ela se oferece à percepção sensorial do outro e pode ser pensada como um importante atributo classificatório.

Os cuidados com a aparência ou apresentação de si é preocupação dos estratos superiores no Brasil desde muito tempo. Este aspecto aparece na negociação que se fazia entre membros ilustres da classe alta brasileira (políticos, diplomatas, intelectuais, empresários, fazendeiros) da primeira metade do século XX e artistas contratados para pintar seus retratos e de seus familiares (MICELI, 1996, p. 129-139). Nestas pinturas de autoapresentação, com vistas a marcar o status social do indivíduo retratado, certas características deviam ser ressaltadas como, por exemplo, requinte, altivez e sobriedade.

Também, como já analisado anteriormente, a classe alta carioca do fim do século XIX e início do século XX apresentava grande preocupação com a apresentação de si nos ambientes de socialização por onde circulava, manifestando um forte investimento, principalmente, quanto à vestimenta e acessórios utilizados (NEEDEL, 1993).

A partir dos dados colhidos para compor esta pesquisa pode-se concluir que tais preocupações vigem entre o grupo social investigado, no entanto, percebe-se investimentos quanto à autoapresentação que ultrapassam aspectos relativos à vestimenta e perpassam o próprio corpo físico. Este fato salta aos olhos se levarmos em consideração uma comparação que

se poderia estabelecer entre investimentos culturais, em termos de cultura erudita conforme tratada por Bourdieu, e investimentos corporais, pensados como a dedicação que se tem sobre o próprio corpo em termos de mantê-lo ou torná-lo magro, jovem, forte.

O interesse manifestado pelos informantes quando se trata de discorrer a respeito de seus hábitos de cuidados com o corpo, práticas esportivas (que aparecem como meios de cuidar do corpo e como maneira de amenizar o estresse do dia-a-dia) e alimentação, citada sempre como “alimentação saudável” que busca a saúde e a boa forma física, ultrapassam, e muito, o interesse manifestado quanto aos investimentos em práticas culturais eruditas⁵⁵. Para além da comparação que traz a evidência do baixo cultivo de si em termos de práticas culturais eruditas, podemos considerar a existência de uma disposição estética que perpassa o corpo físico, moldando práticas e corpos de forma a torná-los adequados à circulação em determinados meios sociais e referente a determinado gosto de classe, ou ainda, funcionando como um capital que aumenta as possibilidades de ganhos em diferentes campos sociais.

A atenção por vezes excessiva dada pelos brasileiros ao próprio corpo é assunto tratado por cientistas sociais (CASTRO, 2001; GOLDENBERG, 2007; MALYSSE, 2002). As análises versam sobre o alto grau de controle social quanto ao corpo, sobretudo, em relação às mulheres, com a imposição de padrões difíceis de serem seguidos e que em última instância também classificam os agentes no mundo social:

Determinado modelo de corpo, no Brasil de hoje, é um valor, um corpo distintivo, um corpo aprisionado e domesticado para atingir a ‘boa forma’, um corpo que distingue como superior aquele que o possui, um corpo conquistado por meio de muito investimento financeiro, trabalho e sacrifício. No Brasil, o corpo é uma riqueza, talvez a mais desejada pelos indivíduos das camadas médias e também das camadas mais pobres, que percebem ‘o corpo’ como um veículo fundamental de ascensão social e, também, um importante capital no mercado de trabalho, no mercado de casamento e no mercado sexual” (Goldenberg, 2007, p.29).

A dedicação, quase devoção, em relação ao próprio corpo é tratado por alguns estudiosos como particularmente intenso entre os brasileiros:

No Brasil, e mais particularmente no Rio de Janeiro, o corpo trabalhado, cuidado, sem marcas indesejáveis (rugas, estrias, celulites, manchas) e sem excessos (gordura, flacidez) é o único que, mesmo sem roupas, está decentemente vestido. Pode-se pensar, neste sentido, que [...] é o corpo que deve ser exibido, escolhido, construído, produzido, imitado” (GOLDENBERG, 2007, p.25).

O administrador de empresas César, 35 anos, é filho e neto de empresários. Trabalha na empresa fundada, em 1964, por seu avô, sendo esta especializada na revenda de peças para

⁵⁵ Digo práticas culturais eruditas porque apesar dos entrevistados apresentarem pouco ou nenhum conhecimento em termos de artes plásticas, música clássica e peças de teatro, eles dizem apreciar cinema e música, embora, tal apreciação apresente especificidades como, por exemplo, o desconhecimento em relação a diretores de cinema e o gosto, principalmente, por filmes e músicas que tenham ampla circulação no mundo social.

automóveis, com diversas lojas no Distrito Federal e em várias cidades do Brasil. O capital econômico de sua família também abrange investimentos em fazendas de corte e na área de construção civil.

O baixo investimento em sofisticação cultural perpassa o estilo de vida de César, evidenciando-se, por exemplo, no fato de que ele tenha ido a um museu pela primeira vez apenas aos 25 anos de idade. Ainda hoje as visitas a museus são bastante raras, limitando-se apenas aos momentos em que faz viagens ao exterior, sobretudo, para os Estados Unidos. Também a primeira vez que foi ao teatro foi aos 23 anos de idade⁵⁶.

A falta de investimento se manifesta a despeito do nível de escolaridade relativamente alto por parte de seus avós materno e paterno e de seus pais. Todos eles possuem como nível de escolaridade mínimo o ensino médio completo e as mulheres (avó materna, avó paterna e mãe) possuem o ensino superior completo, tendo, inclusive sua avó paterna cursado odontologia na Universidade Federal de Goiás. Essas evidências apontam para o uso mais instrumental do saber oferecido por instituições de ensino, talvez com o intuito de obtenção de diplomas que possibilitassem melhores colocações no mercado de trabalho sem que necessariamente o aprendizado seja acompanhado pelo “cultivo de si” no sentido da busca por uma maior erudição. Caso houvesse algum entrelaçamento entre os altos diplomas obtidos por seus familiares e investimentos em sofisticação cultural, este certamente ficaria evidente na trajetória social de César, o que de fato não ocorreu.

César formou-se em administração de empresas pela UNEB, faculdade particular de pouca expressividade na cidade, não sendo significativamente cursada pela classe alta brasileira. Sua esposa, que assim como ele também é administradora de empresas, formou-se pelo UniCeub.

César recebeu-me para entrevista na sala de reuniões da empresa a qual ajuda a administrar. O ambiente refletia a praticidade e funcionalidade próprias aos locais de trabalho. Fizemos a entrevista em uma sala de reuniões. Falou-me que gostaria de responder às perguntas com bastante objetividade (o que de fato fez), já que me disse que “deveríamos acabar logo com isso”. Deixando claro assim, mais uma vez, sua pouca inclinação a exercícios de representação e erudição frente ao quão “desinteressante” uma pesquisa acadêmica poderia ser para ele.

⁵⁶ Não se deve enganar quanto ao fato de não haver familiaridade e/ou investimento com obras de arte no sentido de pensar este fato como a não disposição à estilização da vida e à representação. Mesmo que não pelos meios mais clássicos de manifestação da distinção pelo gosto burguês, ainda sim a fração de classe investigadas continua a marcar sua distinção a partir da estilização da vida, por meio de funções de representação e por determinada disposição estética.

Quando questionado a respeito de seus principais gastos, excluindo aqueles destinados a atividades essenciais (alimentação, saúde e moradia), César logo aponta para suas atividades de consumo, “sair para jantar, comprar roupa e viajar” são as atividades para quais se destina sua renda. As práticas corporais são citadas logo em seguida quando fala a respeito de seus passatempos preferidos: “correr no parque e tomar sol”. Seu apresso a práticas relacionadas ao corpo evidencia-se, pois correr e tomar sol são atividades fundamentalmente corporais.

César considera que um cuidado desejável com a aparência sejam os mais básicos como “cortar o cabelo, escovar os dentes, tomar banho, fazer a barba e estar perfumado”. Por outro lado, ele mantém vigilância em relação ao peso, pratica intensamente atividades físicas (corrida, *squash*, *jiu-jitsu*), aprecia refeições “saudáveis”, acompanha desfiles de moda pela televisão e pessoalmente e tem um estilista de moda preferido (Giorgio Armani). Considera que a “boa aparência” seja importante para as interações sociais que se travam no mundo social em geral e, mais especificamente, para as relações de trabalho.

Quanto aos hábitos alimentares, quando é questionado sobre o que espera de uma refeição, César indica com naturalidade aspectos relacionados à “alimentação saudável”: “Que me satisfaz. O gosto, o sabor, mais isso, espero isso. *E, claro, que seja uma alimentação saudável*”. Como se tal prática fosse orientada por um *habitus*, que dispõe os agentes a agir de determinada forma, uma estrutura social incorporada e por isso mesmo dada como natural. A procura por uma alimentação saudável pode ser pensada como aliada na busca por um corpo tido como ideal, pois devido ao baixo nível de gordura este tipo de alimentação evita o processo de aumento de peso ao mesmo tempo em que favorece processos de emagrecimento⁵⁷.

⁵⁷ Interessante notar que absolutamente todos os informantes declararam alimentar-se saudavelmente. O “alimentar-se saudavelmente” diz respeito à ingestão de comidas leves como verduras, legumes, saladas, frutas, peixe, peito de frango grelhado. Todos os informantes dizem que estes itens, além de arroz e feijão, constituem o seu cardápio no dia-a-dia. A ingestão de comidas leves e também a ingestão comedida de alimentos têm como “recompensas” a beleza e a saúde, no entanto, não podemos esquecer que a alimentação também é palco para representações, por meio das quais os estratos superiores tradicionalmente buscam criar ou manter diferenças em relação aos demais estratos da sociedade. O elogio ao sacrifício dos apetites e prazeres imediatos compõe a representação. A partir dela, estabelece-se oposição, comum em manuais de etiqueta, entre a “gluttonaria popular” e o “comedimento burguês”. Apesar de tal oposição não ter sido abertamente declarada pelos informantes não podemos deixar de considerá-la, uma vez que se coloca como central quando se trata de pensar os emblemas eletivos e distintivos da classe alta.

Conforme tratado por Bourdieu (2008, p.167):

À condição dominada que, do ponto de vista dos dominantes, se caracteriza pela combinação da ascese forçada com o laxismo injustificado, a estética dominante, cujas realizações mais acabadas são a obra de arte e disposição estética, opõe a combinação da naturalidade com a ascese, ou seja, o ascetismo eletivo como restrição deliberada, economia de recursos, moderação, reserva, que se afirmam na manifestação absoluta da excelência que é a distensão na tensão.

Apesar de declarar um juízo de valor bastante negativo quanto às técnicas para retardar o envelhecimento do corpo, considerando-as “ridículas”, César diz achar importante que as mulheres e os homens se mantenham vigilantes em relação ao peso, pois julga que esta seja uma questão de saúde.

A saúde como justificativa para cuidados com o corpo foi recorrente nas entrevistas realizadas. Também por esta razão, sobretudo quanto à sensação de bem-estar, César afirma frequentar regularmente a academia de ginástica e praticar corrida, *squash* e *jiu-jitsu*. Atividades que pratica há cerca de dezoito anos, sendo, portanto, algo bastante incorporado a suas práticas.

Francisco, 83 anos, é político, fazendeiro e empresário com negócios na área de venda de automóveis, construção civil e fazendas de criação de gado. Chegou a Brasília no período de construção da cidade, após formar-se em engenharia civil na universidade de Miami, e empregou-se como engenheiro na construção de prédios na cidade que naquele momento estava sendo construída. Seu pai foi fazendeiro, “de pouca instrução”⁵⁸, no interior de Minas Gerais em uma região bastante conhecida no Brasil pela importância que tem na área de criação de gado. Sua mãe foi dona-de-casa⁵⁹.

Quando pergunto a respeito de seus principais gastos, excetuando aqueles com necessidades mais imediatas, Francisco fala-me que usa sua renda para investir em negócios. Diz-se crítico daqueles que costumam gastar tudo o que ganham. Quando pergunto, então, se ele considera que vive com austeridade, ele me responde: “Com austeridade? Não sei... Eu tenho aquilo que eu acho que... Eu tenho os meus defeitos, mas sem exagero”, deixando, assim, pistas a respeito de seus hábitos de consumo.

Francisco, assim como o conjunto da coleção de casos aqui reunidos, manifesta baixos investimentos em práticas culturais eruditas. Apesar da trajetória social vivida em condições sociais de existência abastada, tendo tido uma educação formal privilegiada - com a possibilidade de sair de sua cidade natal, no interior de Minas Gerais, em meados dos anos 1940 - para estudar na capital do estado e, posteriormente, cursar o ensino superior, durante a década de 1950, fora do país, fato bastante atípico para a época, Francisco não apresenta a disposição

Também destaco a preferência unânime dos informantes por refeições que comportam entrada, mais de um prato principal e sobremesa, em oposição àquela composta por prato único. Mais uma vez, temos aqui a disposição a exercícios de representação.

⁵⁸ Tal informação foi retirada do livro que narra a história de vida de Francisco. Recorri a esta fonte, que disserta a respeito de eventos da vida de Francisco por meio de uma narrativa bastante romanceada, como forma alternativa de conseguir informações sobre sua trajetória social, uma vez que o entrevistado não respondeu ao questionário que visava colher informações a respeito do local de nascimento, profissão e nível de escolaridade de seus ascendentes e cônjuge. É importante dizer que se trata de um livro autobiográfico, entregue a mim por Francisco.

⁵⁹ Não tenho informações quanto ao nível de escolaridade.

culta, no sentido erudito do termo. A disposição “não culta” evidencia-se, por exemplo, quando o informante diz que ao se deparar com um quadro em um museu concentra-se na aparência que este apresenta. Contrariando aquilo que, a princípio, se esperaria dos verdadeiramente cultos, orientados a concentrarem sua atenção no estilo propriamente formal empregado pelo autor da obra. O pouco conhecimento a respeito de pinturas e artistas é revelador de seu baixo conhecimento/investimento cultural erudito:

CAROLINA: O senhor tem algum pintor de preferência? Ou não? É mais, assim, quadro bonito...?

FRANCISCO: Não, não. Não tenho nenhum não. Tem esses quadros mais famosos... Eu gosto de ver aquele... Como é que chama? Tarsila...

Em contraposição, práticas culturais e gostos consagrados e orientadores do “grande público” compõem o estilo de vida de Francisco, assim como práticas relativas aos cuidados com autoapresentação e com o corpo.

A respeito dos cuidados com o corpo e a aparência física, quando questionado se considera importante que as pessoas se dediquem aos cuidados com a aparência, Francisco responde: “Isso é de pessoas educadas, né?”. Diz-se um homem vaidoso, que, segundo ele, diminuiu a quantidade de ingestão de cerveja para não ficar “barrigudo” e que acredita que “uma certa aparência [...] faz parte da educação”. Suas preocupações com a autoapresentação em meio a vida social evidenciam-se em sua fala: “(Faz parte) da vida social. Você não vai se apresentar com uma roupa feia ou pelo menos com uma falta de gosto”. A relação entre a “boa aparência” e a educação aparece ainda mais em sua fala: “(Uma roupa) bem talhada, bem feita. Isso aí eu acho que é parte da formação, da educação das pessoas. Principalmente, se você tem uma condição... Você tem uma condição pra ter, não é?”. Ou ainda: “Acho que a pessoa de má aparência, relaxada... Olha, pra mim, ela decaí muito, falta educação na pessoa”.

Francisco usa bastante os termos “gosto” e “bom gosto” para se referir a suas práticas e a práticas alheias. Também os termos “educação” e “boa educação” aparecem bastante em seu discurso. As expressões relacionam-se, principalmente, à escolha de artigos indumentários, de decoração de interiores e cuidados corporais.

De fato, os termos “bom gosto” e “boa educação” possuem um alto teor distintivo, suscitando a ideia da incorporação de uma disposição estética pura que acontece de modo insensível, invisível e precoce. Também suscitam representações que frações de classe bem posicionadas socialmente possam ter em relação a outras frações. No que tange a essas representações com que as classes altas buscam criar ou manter diferenças em relação aos outros estratos da sociedade, é significativa a fala de Francisco: “Eu fui pra os Estados Unidos nos anos

50, bem antes *dessa leva aí que hoje acontece*". Também em outro momento da entrevista, o informante faz questão de dizer que viaja frequentemente para os Estados Unidos porque mantém no país laços desde seu tempo de faculdade. Como que para justificar essa prática turística que, nos últimos tempos, devido às possibilidades de parcelamento e outras facilidades, tem se popularizado. Nota-se aqui, mais uma vez, a inclinação manifestada por alguns informantes em marcar suas práticas como raras e originais e, por sua vez, diferentes daquelas praticadas pelo "grande público".

Na mesma linha de juízo, Francisco julga que um cuidado desejável com a aparência seja apresentar-se "limpo" e acrescenta: "Cabelo cortado. Roupa limpa, bem passada, bem arrumada. Sapatos também engraxados, com meia. Usar desodorante. Escovar os dentes. Gosto de tipo uma aparência. Por que isso? Faz parte da presença, da educação". Ele se mantém constantemente vigilante em relação ao próprio peso e vê "com certa censura aos muito gordos". A "boa forma" física, Francisco procura manter com a prática de exercícios realizados sob orientação de sua fisioterapeuta na sala de ginástica que possui em sua casa. Em sua fala ele é bem enfático quando se refere à preocupação com relação ao seu físico: "No meu dia-a-dia, você não me encontra diferente do que você está me vendo, eu não relaxo. Eu não relaxo com a aparência e com o meu corpo, porque ele é importante, eu preciso dele".

Ainda sobre os cuidados que Francisco tem com a aparência e o próprio corpo, a prática de atividades físicas ele diz ter sido e ainda ser constante em sua vida. Quando pergunto há quanto tempo pratica esportes, ele diz: "Ah! Sempre pratiquei. Sempre". Quando jovem Francisco praticava bastante "futebol, peso, ginástica". Hoje em dia, devido a sua idade, faz exercícios, além de fazer caminhadas por sua fazenda, que ele visita quase todos os sábados. Além de futebol, caminhada, halterofilismo e ginástica, Francisco diz gostar de vôlei, basquete, cavalgada e automobilismo. Este último revelador de um estilo de vida que contempla o desenvolvimento de práticas raras, já que Francisco alega não apenas acompanhar corrida de carros, mas ter praticado automobilismo também: "Já gostei muito de carros esportivos. Eu já participei de corridas".

Francisco estabelece forte relação entre aparência física e saúde, avaliando positivamente as diversas técnicas usadas para retardar o envelhecimento do corpo, considerando-as uma questão de saúde.

A relação entre saúde e estética é constante na fala de todos os informantes e pode ser explicada a partir de como historicamente os conceitos de saúde, estética e higiene foram sendo construídos e tendo seus sentidos entrelaçados.

As ações de saúde pública na primeira metade do século XX difundiram os sabões e sabonetes como itens de higiene e limpeza, fundamentais para manutenção de uma vida saudável. Os publicitários não tardaram em associar o apelo higienista ao estético, colocando estrelas do cinema nos anúncios de sabonetes e, na mesma linha de estratégia publicitária, nos de creme, rouge e pó-de-arroz. Assim, não apenas os sabões e sabonetes (artigos de higiene), mas também todo produto que garantisse a reparação de pequenos defeitos (cosméticos) foram sendo considerados como garantidores de uma vida saudável. (CASTRO, 2001, p.83-96). Na esteira deste pensamento, hoje temos até mesmo as cirurgias plásticas, com fins estritamente estéticos, sendo consideradas como necessárias para se ter uma vida saudável. Conforme fica evidenciado no discurso de alguns informantes quando falam a respeito de técnicas para retardar o envelhecimento do corpo: “Porque é o bem-estar da pessoa, é ela estar bem consigo mesma [...] Mas, às vezes, nós estamos falando de uma coisa estética, que faz parte da saúde” (Edgar, presidente de multinacional).

A preocupação com a beleza ganha força ao longo do século XX, e hoje presenciamos a supervalorização da aparência corporal, chamada por alguns cientistas sociais de culto ao corpo, que leva os indivíduos a uma busca frenética pela forma e volumes corporais ideais (CASTRO, 2001, p. 87).

A associação entre saúde e beleza é constante entre os informantes. Sua concepção de saúde/cuidados corporais abrange também o que se costuma chamar de saúde mental. Neste sentido, as atividades físicas cumprem função central, sendo concebidas como uma espécie de autoajuda para aliviar as tensões do dia-a-dia. Tal aspecto aparece na fala dos informantes quando eles falam a respeito das vantagens trazidas pelas atividades físicas por eles praticadas: “saúde, bem-estar. É, é basicamente bem-estar, você se sente bem depois. Acho que é importante isso” (César, administrador e empresário), “eu acho que ela me ajuda no estresse do dia-a-dia. Um momento em que eu consigo relaxar, correr e tal” (Flávia, empresária e confeitadeira), “primeiro que ela é relaxante. E segundo que ela me deixa um pouquinho comigo mesmo, entendeu?” (Edgar, executivo de empresa multinacional), “diminuir a ansiedade, ficar mais calminha e tal [...] então, ela mantém a minha sanidade” (Elisa, psicóloga e empresária).

Também Castro (2001), em trabalho a respeito da relação entre corpo, mídia, cultura de consumo e estilos de vida, constata que a busca pela atividade física como forma de “autoajuda” é típica entre as classes sociais mais cultas e abastadas. Como exemplo, a socióloga cita o caso dos praticantes de yoga: “Os yoguis constituem, neste trabalho, o grupo melhor posicionado econômica e culturalmente e buscam na atividade física algo além do modelamento das formas corporais, visando ao que se aproxima da noção de saúde mental” (2001, p.114).

Elisa (psicóloga e empresária) ao se referir a suas atividades de yoga, cita os possíveis ganhos em termos de “saúde metal”: “e a yoga é o bem-estar físico mesmo, porque eu sou muito ansiosa”.

Por fim, no que tange às escolhas indumentárias, evidenciam-se os cuidados que Francisco tem com a autoapresentação. Suas roupas são praticamente todas confeccionadas por alfaiate:

CAROLINA: O senhor compra roupas ou, praticamente, todas o senhor manda fazer no alfaiate?

FRANCISCO: Não. Eu não tenho nenhum terno comprado pronto.

CAROLINA: Tudo no alfaiate?

FRANCISCO: Me diz o meu alfaiate que eu não tenho uniforme.

CAROLINA: [Risos]. Ah! É por que quando compra em loja fica tudo igual?!

FRANCISCO: Eu não tenho uniforme. Tenho *os meus ternos*.

Além dos ternos, ele me diz que suas camisas também são confeccionadas por um alfaiate, prática atípica nos dias de hoje e que, para além da questão geracional - pois Francisco tem 83 anos de idade - indica a posição social do agente, devido ao fato de ser uma prática rara e pouco acessível.

Apesar de não acompanhar revistas ou desfiles de moda, Francisco tem a preocupação em usar aquilo que “todos usam”, de “estar atualizado” ou ainda de vestir aquilo que é “o normal a ser usado”, deixando assim indícios sobre seu gosto clássico quanto à vestimenta. Em um dado momento, ele fala claramente que se considera “conservador” quanto a suas escolhas em relação ao vestuário:

Roupa é uma coisa interessante... Bom, saindo fora da moda, do uso, eu procuro estar dentro do que a maioria está usando. Quer dizer, dentro do que está usando na época, nada de exageros. Eu sou conservador.

Critérios como “harmonia”, “normalidade” e “discrição” parecem orientar o gosto de Francisco e seus cuidados com autoapresentação.

Elisa é psicóloga e empresária, com idade de 33 anos. Seus pais também são empresários e sua mãe, formada em contabilidade e história pela UnB e pelo UniCeub respectivamente, exerceu também a profissão de auditora. Seus pais chegaram a Brasília ainda no período de construção da cidade. Seu pai, com nível de escolaridade mediano, possuindo o ensino médio completo, tornou-se um importante empresário da cidade, tendo sido dono de fábricas de gêneros alimentícios e com investimentos ainda nos setores de construção civil e hotelaria. Elisa possui um alto nível de escolaridade, formando-se em psicologia pelo UniCeub, tendo feito especialização pela UnB e mestrado na Universidade de Edimburgo, Escócia. Também seu marido, psicólogo e empresário, formou-se no UniCeub e fez pós-graduação em uma

universidade particular da cidade (Universidade Católica). Seu marido é filho de um médico ortopedista, formado pela UFRJ, com especialização de doutorado, que veio para Brasília ainda no período de construção da cidade para compor a equipe de ortopedistas do Hospital de Base. A sogra de Elisa é bibliotecária, também formada na UFRJ, com curso de especialização. Veio para Brasília com o marido e compôs o quadro de bibliotecários do Senado Federal.

Elisa destoa da coleção de casos aqui considerada, porque apresenta uma maior disposição estética culta. A partir da análise da entrevista é possível perceber que a formação de tal disposição pode ser creditada a diferentes momentos da experiência de vida da informante. Em algum momento da conversa, quando lhe pergunto se aprecia tanto a arte abstrata quanto a arte figurativa, Elisa responde que sim e acrescenta: “Eu não curtia antigamente não. Até, sei lá, uns 23, 24 anos eu não curtia. Eu achava que a figura tinha que ser a figura e pronto. E o cara tinha que prestar aquilo. *E aí eu comecei... Não sei... À medida que eu fui aprofundando os meus conhecimentos na própria arte e por ser da psicologia, que é a minha área e tal, eu fui começando a apreciar [...] Porque aí passei a ter outra compreensão que até então não tinha*”. Percebe-se, portanto, que a apreciação da arte abstrata foi fruto de um processo pedagógico que acontece pelo esforço individual da informante por meio de estudos em arte e psicologia, e não pelo cultivo precoce e contínuo no seio da família. O fato de Elisa creditar sua competência cultural à profissão como psicóloga é significativa, pois relaciona fortemente deveres profissionais a práticas culturais, imprimindo um quê instrumental ao que a princípio deveria se apresentar como gratuito. No entanto, indícios da sofisticação cultural cultivada precocemente pela via familiar também estão presentes em seu discurso:

CAROLINA: Com aproximadamente quantos anos e com quem foi ao concerto pela primeira vez?

ELISA: Eu acho que com minha mãe...

CAROLINA: Você lembra a sua idade?

ELISA: Nossa! Eu era pequena. Pequena assim, pré-adolescente mais ou menos. Uns 10, 11 anos por aí.

CAROLINA: Foi um concerto de música clássica?

ELISA: Foi. Foi um concerto de música clássica. E eu lembro que quando eu comecei a ir um pouco nessas coisas mais eruditas, digamos assim, porque eu lembro que no mesmo ano eu fui no balé, numa apresentação de dança contemporânea. E daí eu já decidi, assim mais ou menos, o

que eu curtia mais, né? Porque eu curto balé e tal, é uma coisa que eu tenho uma disposição maior.

Ou ainda quando afirma que, apesar de não ter existido o hábito de frequentar museus com os pais quando criança, lembra-se de ter ido a algumas *vernissages* com a mãe.

Independentemente de ser fruto de uma busca individual e tardia ou apurada precocemente no seio da família, Elisa apresenta considerável sofisticação cultural e disposição estética pura. É apreciadora de balé clássico e contemporâneo, quando se depara com um quadro num museu concentra a atenção no estilo formal empregado pelo autor, responde às perguntas sobre preferência quanto a filmes citando diretores de cinema (Buñel e Bergman), considera que o final feliz seja uma “besteira”, porque muitas vezes não se adequa à proposta trazida pelo diretor e para que um filme seja bom, não considera imprescindível a identificação com os personagens e suas peripécias, indicando, portanto, que quando se trata de apreciação das artes, é capaz de suspender os julgamentos morais, concentrando a atenção apenas no estilo artístico empregado.

Apesar de dispor de elevado capital cultural erudito⁶⁰, aspecto que a distancia dos demais informantes, Elisa não deixa de compartilhar com eles um estilo de vida marcado por práticas que colocam em voga o “fazer” (ginástica, viagens, idas a restaurantes, estilização das residências), mais do que propriamente o “ser” (apreciador de artes, conhecedor de literatura, etc.).

Quando lhe pergunto sobre seus principais gastos (excluindo aqueles com necessidades mais básicas), Elisa aponta aspectos relativos a cuidados de si, estilização da vida, práticas hedonistas e investimentos culturais. Os cuidados de si são relativos ao uso de terapias psicológicas, nas quais a informante diz empregar uma importante parcela de sua renda. Assim como a terapia, idas frequentes a restaurantes e compras de ingredientes “diferentes” para preparação de almoços e jantares (nos quais recebe amigos e familiares), assim como idas ao cinema (“quando dá tempo”) e viagens consomem parcela importante de sua renda.

Elisa considera que seja importante que as pessoas se dediquem a sua aparência física. No entanto, diz não concordar com certos padrões de beleza socialmente difundidos, assim como a busca exagerada por determinada aparência física. Censura aqueles que se dedicam intensamente a esses cuidados: “Eu considero que seja importante. Mas eu considero que você

⁶⁰ Pergunto-me se o elevado capital cultural erudito se coloca efetivamente como um importante trunfo social no mercado simbólico de Brasília.

não pode se perder nisso. Você entendeu?”. É crítica do que considera uma aparência física “massificada”: certos padrões de beleza que ela percebe como socialmente difundidos e que privilegiam/impõem uma dada estética: “Por exemplo, eu tenho cabelo cacheado. Eu tenho, sei lá, três salões que eu consigo ir que eu falo pro cara: ‘Olha, meu cabelo vai ficar cacheado. Tem que cortar ele pra usar cacheado [...] Não quero ele liso’”. Tal fato aponta para busca pela originalidade e a distinção que se dá pela construção da raridade. Deve-se notar que em vários momentos da entrevista, Elisa apontou sua procura por individualidade que passa pela busca por originalidade. Não podemos desconsiderar que a distinção social também se constitui pela construção da raridade/originalidade, que passa pela frequência de pessoas, lugares e objetos pouco acessíveis e “diferentes”. Elisa, inclusive, declara sua busca por originalidade quando peço para descrever o interior de sua casa: “o interior da minha casa é aconchegante, é *original*, é rústico”. Ou ainda, quando fala a respeito do estilo de decoração que emprega em sua casa: “não tenho um estilo. Tenho, assim, *o meu estilo*, que é meio hippie, né? Ou mesmo quando declara que não contrataria um profissional para compor a decoração de sua casa porque acredita esta é uma atividade muito pessoal.

Embora considere que as pessoas não devam “se perder” nos cuidados com a própria aparência física, frequenta regularmente o dermatologista, gosta de fazer as unhas de vez em quando, cuida das sobrancelhas e considera que manter um corpo magro e esguio é muito importante. A busca pela saúde/estética/bem-estar se dá por meio da prática regular e, em alguns momentos intensa, de atividades físicas. Elisa pratica ou já praticou natação, dança, corrida, caminhada, yoga⁶¹, caratê e dança do ventre, além de em alguns momentos ter frequentado academia de ginástica. Também a busca pela alimentação saudável é amplamente mencionada. Quando fala dos pratos mais frequentes no dia-a-dia seu e de sua família Elisa diz: “E muita verdura, muito legumes, muita salada, suco e tal. Essa é... Não tenho uma rotina muito fixa, mas tem que participar... Muito legumes, muitas verduras. E tentar balancear proteína, carboidrato e os vegetais sempre”.

Ela avalia positivamente as diversas técnicas utilizadas para retardar o envelhecimento do corpo, mas desde que sejam “pequenos melhoramentos”, tais como o uso de protetor solar e cremes para evitar o envelhecimento da pele. Sua avaliação é negativa quanto ao que ela chama

⁶¹Mais uma vez cito aqui os achados da socióloga Ana Lúcia de Castro (2001) em pesquisa desenvolvida com frequentadores de academias de ginástica, sobre a relação existente entre a prática de yoga, modalidade de atividade física, que alia modelamento das formas corporais com busca por saúde mental, e posições privilegiadas ocupadas em esquemas de estratificação social:

O yoga caracteriza-se, então, por ser a atividade mais procurada por indivíduos que gozam de um nível socioeconômico mais alto, o que se deve ao fato de que são esses os indivíduos que têm as condições necessárias para a realização da proposta principal desta prática: a busca do autoconhecimento pela interiorização, o que requer tempo e ausência de preocupação material com a sobrevivência (2001, p. 121).

de “loucura plástica”, ou seja, o uso de procedimentos cirúrgicos para fazer intervenções antienvhecimento no corpo. Mas ressalta: “eu estou falando isso agora, aos 33, pode ser que daqui a dez anos, quando você me pergunte, talvez eu esteja totalmente enlouquecida pelas plásticas”. Deixando claro, assim, que também possui a disposição a fazer uso de maiores intervenções para ter ou manter o aspecto corporal jovem e magro.

Suas preocupações com autoapresentação, também perpassam os cuidados que tem com a moda. Lê frequentemente as revistas *Vogue* e *Marie Claire* para “ver o que está na moda” e tentar, “a sua maneira”, se adequar ao que é ditado por esta. Mais uma vez a informante deixa explícita sua busca por originalidade/raridade ao declarar que não segue a moda sem que ela passe por uma espécie de filtro, adquirindo características propriamente suas⁶². Interessa-se pelas reportagens que versam sobre jóias e diz gostar do conteúdo estético das revistas.

Elisa também acompanha desfiles de moda, seja pela televisão ou pessoalmente, pois acredita que a moda tem um “valor estético importante” e que em Brasília “se produz uma moda bonita”. Seus estilistas prediletos são Stella McCartney e Yves Saint Laurent. Além desses, que são estilistas internacionais, diz gostar do trabalho de Sann Marcuccy, estilista brasileiro que Elisa afirma ter como amigo.

Quando se trata das lojas de sua preferência, onde ela costuma comprar suas roupas, Elisa demonstra uma tendência à diversidade, típica dos onívoros culturais, citando desde lojas sofisticadas da cidade como *Le Lis Blanc*, até lojas populares como *C&A*, por exemplo. Tal tendência associativa diz respeito àqueles que se sentem suficientemente seguros em sua posição social para se apropriar tanto de elementos da dita “alta cultura”, assim como dos da “cultura popular”. Outras lojas citadas foram *Fórum*, *M. Officer*, *Colcci* e *Hering*. Suas escolhas estéticas em termos de roupas seguem um estilo mais clássico: “Eu gosto de cores clássicas. Eu me ligo muito pouco em estampas e tal, nem olho. Eu não tenho muito essa tendência de ser muito ousada em roupa não”. Declara que o principal critério a ser considerado na escolha de uma roupa seja o conforto e, nesse sentido, ela considera que suas roupas seguem um estilo que é básico/clássico. No entanto, quando se trata de ocasiões especiais, Elisa diz usar outro tipo de roupas: “Pra ocasiões especiais eu gosto de usar roupas mais decotadas, mais transparentes. E aí, eu já sou mais ousada. Eu gosto de uma coisa diferente e tal [...] é completamente diferente se

⁶² A segurança em relação ao próprio gosto, possibilitando que se façam apropriações “originais”, “individuais” quanto aos objetos sociais, foi frequente entre os informantes. Esta mesma tendência também se manifesta quando alguns informantes dizem fazer uso dos serviços de arquitetos e, sobretudo, de paisagistas e decoradores. Neste sentido, declaram contratar estes profissionais para executarem uma ideia elaborada por eles mesmos. Como que deixando claro que o “bom gosto” é deles e não dos profissionais. Atitude diferente é aquela manifestada por Edgar (veremos as particularidades de sua trajetória social mais a frente) que declarou que contrataria profissionais para fazer aquilo que ele próprio se considera incapaz de fazer.

você me ver numa festa formal e me ver no meu cotidiano [...] Boto um salto enorme e tal”. Também quando lhe pergunto sobre seus hábitos de consumo, Elisa aponta para o consumo de objetos que componham sua autoapresentação: “As jóias me atraem, roupa me atrai. Entendeu? Sapato... Esses trecos me atraem”.

A manifestação de preferência quanto às escolhas indumentárias do grupo investigado, representante de frações de classe abastadas de Brasília, revelou-se como o gosto tradicional. Os informantes dizem-se inclinados a adotar estilo clássico quando se trata de suas escolhas indumentárias e, em menor medida, quanto a escolhas de decoração de suas residências⁶³. Embora declarem ter inclinação ao estilo clássico na forma de vestir e, em certa medida, decorar suas residências, pode-se perceber variações como, por exemplo, quando Elisa diz seguir um estilo “meio *hippie*” ou quando pude perceber na casa de Flávia, quando lá estive em função da entrevista, uma composição decorativa feita com cores vivas, para além de algumas peças clássicas, como a utilização do sofá cinza⁶⁴. De qualquer forma, mesmo que existam variações de estilo, pode-se dizer que não foi encontrado, entre a coleção de casos aqui reunida, um padrão de gosto predominantemente vanguardista. Nenhum dos informantes declarou adotar um estilo estético (muito) ousado ou inovador. Destacam-se, neste sentido, como manifestação do gosto tradicional, suas escolhas quanto às roupas. “Você não vai usar uma cor ‘cheguei’. Bom gosto pra mim é discrição. Não é? Mais uma coisa discreta. [...] Não vou botar, não gosto de vermelho com azul”, declara Francisco. “Ah, não. Eu prefiro um corte mais... Não quero esse negócio de ousar não”, diz Edgar.

A preferência por roupas de corte clássico também foi encontrada entre frações da classe alta paulistana, em estudo desenvolvido por Pulici (2010, p.178). A socióloga observa que há indícios do enfraquecimento das aparências graves e solenes por meio da adoção de um trajar mais casual e descontraído que se afirma na contemporaneidade. No entanto, também observa a rejeição a cores consideradas berrantes. Relacionando a inclinação à adoção de cores sóbrias entre a classe alta a resquícios deixados pela reeuropeização da moda ocorrida no Brasil durante o século XIX.

Entre os mais jovens, a adoção do traje “casual”, “despojado” ou “básico” é absoluta. “Eu prefiro uma roupa mais normal, não muito... Não terno, essas coisas mais pesadas não. Prefiro usar mais o que eu me sinto mais à vontade”, declara César. Sua vestimenta no dia-a-dia

⁶³ Quanto à decoração de interiores e escolhas arquitetônicas para compor suas residências, temos que considerar a questão geracional. Como veremos, os informantes mais jovens tendem a declarar que em suas casas seguem um estilo moderno, enquanto os mais velhos declaram seguir o estilo clássico.

⁶⁴ Flávia foi a única informante que à pergunta, “você prefere roupas de corte clássico ou sente-se mais inclinado a ousar?”, respondeu fazer escolhas mais ousadas quando trata-se de compor sua indumentária.

é composta por camisas polos e calças jeans. “Mas eu gosto muito de um básico. Não é nem clássico. Eu gosto de um básico, tipo um jeans e uma blusinha lisa. Aí eu ponho um sapato legal, assim... Aí eu gosto”, diz Flávia.

Edgar, 58 anos, possui o ensino médio completo. Em diferentes oportunidades se preparou para prestar o vestibular ou mesmo começou, depois de mais velho, a cursar o ensino superior, não chegando, entretanto, a completá-lo. O nível de escolaridade de seu pai é ensino médio completo, tendo trabalhado na área de contabilidade e atuado como policial e ferroviário. Sua mãe, que é alfabetizada, foi dona-de-casa, costureira e comerciante.

Apesar de sua trajetória social não ser marcada por condições sociais de existência abastadas nem por níveis de escolaridade altos, o que a princípio se coloca como decisivo na formação do capital cultural e econômico dos agentes e, assim, determinante quanto às possibilidades de ganhos nos diversos campos sociais, Edgar tornou-se uma pessoa rica (ele situou sua família no nível de renda acima de 80 salários-mínimos mensais), tendo ocupado importantes cargos (diretor comercial e presidente) de diferentes empresas multinacionais. Entre a coleção de casos reunidos para análise neste estudo, destoa em relação aos outros por ter percorrido uma vertiginosa trajetória de ascensão social. Outro aspecto o diferencia dos demais informantes, pois Edgar não nasceu nem está em Brasília desde a construção da cidade, tendo se mudado para cidade há quinze anos.

Quando questionado sobre a possibilidade das pessoas aprenderem a ter, como se diz, “bom gosto”, Edgar diz que acredita nesta possibilidade, não concebendo o dito “bom gosto” como algo inerente aos sujeitos. Contrariando a ideologia do gosto inato que, como estratégia distintiva, converte sistematicamente diferenças no modo de aquisição da cultura em diferenças de ordem natural, e acrescenta: “e isso é trabalho da escola”.

Apesar de não ter se dedicado muito ao ensino formal, Edgar lhe atribui muita importância. Tal relevância evidencia-se no orgulho expressado quando fala do fato de que dois de seus filhos estudaram na Universidade de Brasília (“A UnB, eu tive a benção de ter dois filhos que estudaram na UnB. Fiquei muito feliz”), quando reputa à escola a formação do gosto das pessoas ou ainda ao mostrar-se arrependido por não ter cursado o ensino superior. Ao falar que o aprendizado do “bom gosto” passa pela formação escolar (“eu acho que é fruto de uma educação”) Edgar pontua como as instituições de ensino seriam responsáveis por cultivá-lo: “Puxa, uma criança não pode nem pensar em hipismo... E se ele tiver um colégio, ele pode ter um bom gosto para o esporte. Entendeu? Desenvolver”. E acrescenta: “Eu acho que poderia ser educado o gosto. O gosto pela arte, o gosto pela limpeza, o pelo asseio, pela educação. Eu acho que poderia ser educado”.

A importância dada por Edgar à educação formal institucionalizada mostra bem que, apesar de hoje ser possuidor de um significativo capital econômico, ele não dispõe de um capital cultural, apurado precocemente pela via familiar, apontando, portanto, como garantia de aquisição de capital cultural, a educação formal, escolar, propriamente dita.

Assim como a coleção de casos aqui reunida, Edgar apresenta baixos investimentos em sofisticação cultural, sendo seus gostos, em termos de práticas culturais, orientados por valores mais consagrados entre o “grande público”. Entre seus cantores prediletos, por exemplo, estão Roberto Carlos, Luiz Gonzaga, Elis Regina, Djavan, Andrea Bocelli e Eric Clapton. O diretor de cinema de sua preferência é Steven Spielberg. Quando frequenta o cinema vai às salas do shopping Pier 21, onde são apresentados normalmente filmes estadunidenses de ampla circulação.

O aprendizado de uma língua estrangeira, comum entre frações de classe bem posicionadas socialmente, deu-se para ele de forma menos natural do que para os demais entrevistados, tendo sido aprendida somente a partir dos 25 anos de idade e “forçosamente”, conforme afirmado por ele, devido a demandas profissionais:

Eu trabalhei em multinacionais. E multinacionais americanas. E daí fui galgando cargos, cargos importantes, de gerente, de coordenador, de diretor. E aí é necessário você aprender o inglês. Então, as empresas ajudaram. Eu sempre estudei inglês, mas eu só aprendi inglês mesmo quando você senta com uma professora profissional e ela vai cobrindo suas lacunas. Porque o inglês, quando você aprende de qualquer jeito, como eu aprendi, você fica sabendo coisas muito avançadas e deixa de saber algumas coisas básicas. Daí quando eu encontrei essa professora, ela foi fechando essas lacunas. É como se tivesse um pano e ele estava furado e ela foi fechando. Isso me ajudou muito profissionalmente na minha vida.

Diferentemente, os outros informantes aprenderam línguas estrangeiras em escolas de línguas, e de forma precoce, ou por terem vivido em outros países.

Os investimentos culturais tardios aparecem ao longo de toda sua entrevista. Pode-se dizer, inclusive, que ele está imbuído daquilo que Pierre Bourdieu chama de “boa vontade cultural”. Um *ethos* tipicamente pequeno-burguês que leva a prestar reverência aos símbolos da cultura legítima. Nas palavras do autor:

Um dos mais seguros testemunhos de reconhecimento da legitimidade reside na propensão dos mais desprovidos em dissimular sua ignorância ou indiferença e em prestar homenagem à legitimidade cultural (Bourdieu, 2008, p. 298).

Este aspecto fica bastante claro quando, ao ser questionado sobre sua apreciação por teatro, Edgar diz que não tem costume de assistir a peças, mas que gostaria de desenvolver o hábito, reputando-o como algo desejável: “Gosto, gosto de teatro. Não costumo ir, mas eu vou... Mas eu vou começar a ir semanalmente também com minha esposa”. Ou quando assegura já ter feito curso de *sommelier*, contrariando o que se espera daqueles imbuídos de disposição estética

pura, que se pretendem livres de quaisquer regras ou aprendizados escolares. Ou ainda, quando questionado sobre a importância da presença de quadros em casa, responde: “Não é algo importante [...] Mas não damos importância pra quadros, não. *Nós precisamos aprender um pouco mais sobre quadros, mas não damos assim...*”.

Percebemos, portanto, o quanto a vivência em sua classe de origem e a posterior ascensão social foram marcantes na trajetória social do informante, definindo não só os seus gostos em termos de cultura, como também seu posicionamento (de reverência) em relação à cultura legítima.

Apesar de alguns investimentos em sofisticação cultural, percebe-se que Edgar apresenta pouca disposição a fazer exercícios de estilização da vida. Ele, juntamente com sua esposa, não se preocupou em contratar arquiteto, decorador ou paisagista para ornamentar sua residência (embora não excluam a possibilidade de fazê-lo no futuro). É comum em seu discurso, em referência a diferentes instâncias da vida, a alusão à função propriamente das coisas e não à sua forma. Os móveis são substituídos apenas quando apresentam defeitos que os inutilizem (“Prática. É, esta é a finalidade da casa. Não tenho casa com um monte de penduricalho caro com o intuito de impressionar, não”), as refeições, segundo ele, servem para alimentar (“Espero que ela me dê a energia necessária para a sobrevivência”).

A baixa disposição em executar exercícios de estilo fica evidenciada também em seus investimentos corporais. Edgar julga como necessários os cuidados com a aparência física, pois avalia que estes estejam englobados naquilo que ele considera como saúde. Quando as perguntas se dão a respeito daquilo que ele considera como um cuidado desejável com a aparência, afirma que este seria correspondente a uma boa higienização. Mais uma vez o informante expressa sua pouca inclinação a uma disposição estética, uma vez que, ao conversarmos a respeito de cuidados com a estética, ele aponta apenas para aspectos relativos à função, como saúde e higiene, e não propriamente para aspectos relativos à forma.

Seus cuidados com a aparência física perpassam a preocupação que tem em manter-se magro. Edgar acredita que em Brasília as pessoas se preocupam mais com o próprio corpo do que em seu lugar de origem e, neste sentido, existe uma maior coerção para que todos se mantenham magros: “E então, eles (seus filhos) cuidam porque aqui em Brasília existe um certo cuidado com o corpo. Nós que viemos do estado de São Paulo e as pessoas estão muito acima do peso lá”.

Edgar não frequenta salão de cabeleireiro, apenas vai ao barbeiro. Seus cuidados com o corpo também se estendem para o uso de técnicas de massagem e acupuntura, além da

frequência à sauna. Apesar de ter sua própria sauna em casa, ele gosta de frequentar a que tem em um hotel da cidade, onde usufrui também de massagem corporal.

Ele avalia positivamente as diversas técnicas usadas para retardar o envelhecimento do corpo, inclusive as cirurgias plásticas, pois acredita que estar satisfeito com a própria imagem faz parte da saúde.

Os cuidados com a saúde/aparência física englobam sua preocupação com uma “alimentação saudável”. Os pratos mais frequentes em seu dia-a-dia são peixes e legumes. Água e sucos são as bebidas mais comuns. Ele toma vinho feito com a uva *Cabernet Sauvignon*, porque estudou e descobriu que esta traz mais benefícios para o corpo do que as demais uvas. O empenho em manter-se magro/saudável passa pela busca de uma alimentação comedida, sem exageros:

E nós criamos um hábito bem saudável aqui em casa, por conta de que a gente come muito por impulso também. Muito natural isso, a gente vê aquele prato bonito e está ali e aquele negócio que... Na nossa mesa, tem aquele... É um aparelho que fica virando assim, então você vê aquele negócio virando, virando e toda vez você pega um pouco. Então, para evitar esta tentação, nós colocamos na mesa só o que está fácil ao alcance é só os legumes, saladas. Quem quiser arroz, feijão, carne ou alguma coisa, vai ter que levantar da mesa para pegar na outra mesa. Daí só vai levantar mesmo quando tiver realmente com vontade.

No que tange às atividades físicas que pratica, Edgar afirma fazer caminhadas todas as manhãs no interior do condomínio onde mora. De acordo com ele, esta prática proporciona-lhe a sensação de relaxamento além de permite-lhe ter momentos sozinhos, contribuindo, portanto, para sua “saúde mental”.

Sua autoapresentação passa por escolhas indumentárias que privilegiam roupas em corte clássico. Tais roupas são adquiridas no *shopping center*, principalmente nas lojas *Via Veneto* e *Brooksfield*, como também em viagens que faz ao exterior. Entretanto, ao contar sobre o episódio em que foi comprar bermudas “de marca” em uma “boa loja” e percebeu que estas não apresentavam qualidade, Edgar manifesta sua preocupação com o cálculo econômico, dizendo que não comprou as bermudas e que ao sair da loja, indignado, foi direto à Feira do Guará procurar por alguma que o satisfizesse em termos de qualidade e preço.

Ele prefere roupas em corte clássico e aponta a discrição como um valor importante para composição daquilo que acredita ser “bom gosto”:

Porque tem pessoas que tem uma definição de bom gosto que acaba agredindo o meio. Então, ou tem um perfume que ‘olha eu cheguei’, a pessoa chega e aí é ‘eu cheguei’. O bom gosto também é relacionado à harmonia: “seria o equilíbrio daquilo que a pessoa gosta com aquilo... com o ambiente que ela está convivendo.

O valor “harmonia” foi frequente na fala da coleção de casos aqui reunida, quando se trata de definir o que tomam por “bom-gosto”. Considerando-se o conjunto dos informantes,

percebe-se que o conceito de “bom-gosto” passa pelo “saber” se vestir ou colocar os objetos de uma casa de forma que componham algo harmônico. Se por um lado temos o uso do termo “saber”, que remete à naturalização das condições sociais de aprendizado (próprio do fenômeno de distinção social), por outro, praticamente todos os informantes dizem que o “bom-gosto” pode ser aprendido e, portanto, não se constitui como algo “natural”.

Devemos considerar neste sentido o fato de que todos os entrevistados passaram por processos de ascensão social, sendo a primeira e, no máximo, segunda geração de endinheirados. Sendo assim, deve-se considerar a possibilidade deles próprios terem passado por processos de “aprendizado” de um dito “bom gosto” ou mesmo de uma “cultura legítima”, que conforme visto até aqui, não assume os moldes de sofisticação cultural, engajamento em práticas eruditas e gratuitas conforme pensada por Bourdieu. Evidência de que a concepção de “bom gosto”, conforme elaborada pelo sociólogo francês, não reverbera em terras brasileiras, faz-se notar pela resposta dada por um dos informantes quando lhe pergunto sobre sua concepção de “bom gosto”:

CAROLINA: Você acha que é possível aprender a ter bom gosto?

CÉSAR: Esse negócio de bom gosto é uma coisa muito delicada. Isso aí vai muito da cabeça, é pessoal, né cara? De repente, um bom gosto pra você não é pra mim. De repente, pra mim não é pra você. Isso aí é muito pessoal, não tem como discutir isso, eu acho. Na minha opinião, não tem como. Cada um tem o seu bom gosto. Não necessariamente o seu bom gosto é o meu.

CAROLINA: Sim, pode ser diferente do que pra mim...

CÉSAR: É, é. *É claro que tem uma coisa que não tem como ver... Um carro importado é um bom gosto pra todo mundo, né? Um carrão... Não tem jeito. Coisa que não tem jeito.*

Nota-se, portanto, que entre algumas frações da classe alta de Brasília (que tem o conjunto de informantes entrevistados como representantes) a honorabilidade social não se assenta em qualquer tipo de competência cultural, conforme pensado por Bourdieu (1979) na França dos anos setenta ou conforme encontrado por Pulici (2010) entre frações da classe alta paulistana. Podemos perceber ainda, como estratégias de distinção social, a adesão a determinado estilo de vida que contempla o cultivo do próprio corpo, cuidados com a aparência e o engajamento em outras práticas, conforme veremos mais à frente, que dizem respeito mais a uma ideia de “fazer” (e também “aparecer” ou “parecer”) do que de “ser”.

Devemos, ainda, perguntar qual é o conteúdo deste conceito de harmonia como componente do dito “bom gosto”. Enquanto para uns é não usar um perfume que exale um cheiro forte ou uma roupa em cor “cheguei”, para outros é misturar objetos de diferentes origens

e referências - utensílios de antiquário com mobília em designer contemporâneo, ou ainda, casa feita em arquitetura moderna ornamentada com tapetes orientais -, de forma que no conjunto constitua-se uma composição que “combine”, apontando mais uma vez para a procura por “originalidade”, uma vez que a mistura que se faz dos objetos é única.

Se buscarmos um gosto distintivo que unifique a coleção de casos aqui elencados, dificilmente encontraremos algo homogêneo, devido à heterogeneidade geracional (temos aqui pessoas de idades entre 28 a 83 anos), a diferenças de gênero (as mulheres se engajam em práticas por vezes ignoradas pelos informantes do gênero masculino, como idas frequentes a salões de beleza, cuidados mais intensos com os cabelos e pele), e à diversidade de práticas possíveis no mundo social que aliadas ao pequeno número de casos aqui considerados (apenas cinco) torna impossível o exame de gostos que “unifiquem” todos os informantes. No entanto, alguns elementos aproximam suas práticas e sugerem a adesão a certo estilo de vida cujos principais elementos componentes são a dedicação ao próprio corpo por meio de práticas intensas e diversificadas de exercícios físicos, feitos de forma sistemática com ajuda de profissionais. Cuidados com a apresentação de si quanto às escolhas indumentárias que hora apontam para a construção de um estilo “original”, com o uso de peças de diferentes origens e referências, hora apontam para a busca por discrição, onde emerge o gosto tradicional e o uso de peças clássicas. O engajamento em práticas “hedonistas”, como viagens turísticas pelo Brasil e exterior e frequência intensa a restaurantes da cidade com objetivo de usufruir de momentos de degustação gastronômica. Também o empenho em exercícios de estilização de suas próprias residências apresenta-se como componente de um estilo de vida compartilhado pelos informantes.

Concomitantemente à adesão a determinado estilo de vida, temos os baixos investimentos em sofisticação cultural e dedicação praticamente nula a saberes e práticas gratuitas. Os informantes parecem mais preocupados com o “fazer” (exercícios físicos, viagens, jantares) do que com o “ser” (culturalmente sofisticado e possuidor de patrimônio cultural erudito).

CAPÍTULO 3

Gosto quanto à arquitetura e decoração de interiores

Neste capítulo constam os achados de pesquisa no que tange aos exercícios de estilo empregados pelos informantes na ambientação de suas residências. Uma parte do roteiro de entrevista aplicado aos informantes que contribuíram com a pesquisa destinava-se a investigar a respeito da disposição destes em operar exercícios de estilo e suas escolhas estéticas no que tange à arquitetura e decoração do interior⁶⁵ de suas residências. A expectativa era de que fosse possível delimitar certa sensibilidade estética própria à coleção de casos investigada, que neste estudo atua como representante de fração da classe dominante de Brasília. Penso suas escolhas em termos de ambientação de interiores como manifestação de determinado gosto de classe cuja manifestação no espaço simbólico, e em homologia ao espaço social, atua como estratégia de distinção social.

A inclinação a operar a estilização de seus locais de moradia manifesta-se na contratação de profissionais especialistas, sobretudo arquitetos, mas também decoradores e paisagistas, para comporem esteticamente os ambientes das residências de quatro dos cinco informantes que compõem a coleção de casos aqui considerada. Também a disposição estética, que leva a destacar ou priorizar a forma das coisas mais do que sua função, está presente na resposta dada pela totalidade dos entrevistados. Isto, quando são questionados sobre se consideram que o arquiteto seja tão importante quanto o engenheiro na construção de uma casa e/ou encaminhamento de reforma, ao que respondem: “eu acho até mais importante (o papel do arquiteto em relação ao do engenheiro em uma obra)” (Elisa, psicóloga e empresária); “eu acho que o arquiteto tem uma função mais importante do que o engenheiro” (Edgar, executivo de empresa multinacional); “e, com certeza, é muito importante. Se você for produzir uma casa, é bom ter um arquiteto mesmo” (César, administrador de empresas); “não faria minha casa só com o engenheiro” (Flávia, empresária e confeitadeira); “o arquiteto é que busca colocar, fazer algo de acordo com a encomenda dos proprietários, dos donos. E o engenheiro é apenas o construtor. Eles se completam” (Francisco, político, fazendeiro e empresário).

Ou seja, consideram que aqueles que estilizam suas residências (arquitetos) são mais ou igualmente importantes quanto aqueles que as erigem (engenheiros).

⁶⁵ Assim como Adell (2010, p. 46) entendo a decoração de interiores como o processo de produção do conjunto das dimensões material e simbólica dos interiores residenciais.

A justificativa para a predileção ou igualdade de importância do arquiteto se deve ao apelo artístico que as construções elaboradas por estes profissionais possam ter. Os informantes atribuem aos *experts* em arquitetura certa visão estética que supostamente falta aos engenheiros, considerando-os capazes, portanto, de contribuir para a estilização de suas casas:

É o que eu falei contigo, acho que eles (os arquitetos) têm noções estéticas muito interessantes, sabe? E eu falo assim: ‘acho que quando você abraça a arquitetura, você abraça uma forma de viver. Assim... uma coisa artística’ (...) A gente reformou a casa e pediu pra elementos bem arquitetônicos, né? Pra fazer a casa... E eu achei isso legal. Então, eu acho que a importância deles é muito grande, muito grande mesmo. Porque eles conseguem transformar um habitat numa arte. E o engenheiro não. (Elisa, psicóloga e empresária).

Porque o arquiteto, ele vai conseguir fazer alguma coisa que seja um... Se você deixar na mão do engenheiro, com raras exceções, mas eles gostam do quadradinho. Você olha uma casa e fala: ‘Essa casa foi feita por um engenheiro. Essa casa foi feita por um engenheiro. Não, aqui teve a mão de um arquiteto’. Então, um arquiteto, ele consegue elaborar (Edgar, executivo de empresa multinacional).

Não faria uma casa só com engenheiro. Mas também não faria uma casa sem o engenheiro. Acho que são complementares. A não ser que seja um engenheiro que tenha uma visão artística da casa. Porque o arquiteto ele cria o visual da sua casa, né? E pra mim o visual da casa é muito importante. (Flávia, confeiteira e empresária).

Conforme dito anteriormente, devido à infinidade de práticas possíveis operadas no mundo social aliada ao pequeno número de informantes que compõem a coleção de casos aqui considerada, se torna difícil perceber a manifestação de certo padrão de gosto comum a todos os entrevistados. De todo modo, ainda assim, certa tendência orientadora de suas práticas e gostos foram possíveis de serem percebidas. Talvez justamente pelo fato dos informantes seguirem recomendações dadas por profissionais de arquitetura para a ambientação de suas residências, é que podemos perceber em suas casas soluções arquitetônicas e de decoração de interiores com algumas semelhanças entre si.

Dos cinco informantes entrevistados para esta pesquisa, pude estar na casa de quatro. E adentrei e conheci a área social da residência de três deles. Recebi autorização apenas de dois para tirar fotografias de seus locais de moradia. Estas se encontram no caderno de imagens, ao fim do texto.

No que tange à estética de algumas das residências que pude visitar, percebi certa “austeridade luxuosa”. Uso o termo “austeridade” para representar as residências desses informantes, porque não percebi nelas o emprego de materiais reconhecidamente capazes de proporcionar a impressão de ostentação do alto poder econômico como poderia acontecer a partir do emprego de materiais como o mármore e o bronze, por exemplo. Em contraposição, o que percebemos é o uso do concreto aparente, do vidro, de paredes em tijolos aparentes e de muita madeira maciça. O que acaba por imprimir certo ar de “rusticidade” ou “austeridade” às

residências, mas que não representa necessariamente um menor valor pecuniário dos materiais empregados⁶⁶ e nem mesmo um desleixo estético no sentido de ser “mal acabado” ou “mal trabalhado”.

A impressão luxuosa de suas residências se deve à grandeza das construções. Os terrenos de construção das residências são amplos, as casas possuem muitos cômodos, pé-direito⁶⁷ alto, áreas de lazer amplas e com diferentes itens, grandes portões, grandes portas⁶⁸.

A “austeridade luxuosa” da residência de um dos informantes faz-se notar a partir de anotações feitas no caderno de campo quando estive em sua casa:

Tive a oportunidade de estar na residência de Francisco, embora eu não tenha adentrado efetivamente a casa, tendo ficado no jardim da frente. Essa oportunidade ocorreu enquanto eu aguardava que ele entrasse na residência e buscasse o livro, contando a história de sua vida, que ele próprio sugeriu me dar. Eu mesma não sabia da existência do livro. Nesta ocasião pude observar um pouco seu local de moradia. O que mais chamou minha atenção foram os carros (dois ao todo) de aparência luxuosa estacionados na garagem, cujas marcas e nomes não pude identificar e o trânsito intenso de prestadores de serviços que circulavam pelo terreno. A fachada da casa era composta por um muro alto feito em concreto aparente, um portão grande feito em madeira para entrada de pedestres (vigiado constantemente por um segurança) e dois outros portões para entrada de veículos, um (de tamanho bem grande e também feito em madeira) pelo qual entrou o carro onde estava eu, Francisco e seu motorista e outro (que dava acesso à parte de trás da casa) pelo qual entravam prestadores de serviços. A casa propriamente dita era feita em concreto aparente, tinha uma escadaria, com grandes degraus e sem corrimão, feitos também em concreto aparente, que dava acesso à entrada principal, composta por um *hall* de entrada e por uma porta, em tamanho grande também, feita em madeira. O terreno tinha muros laterais compostos por uma alta cerca viva.

Um estilo arquitetônico parecido, no qual se usa materiais aparentes (sem revestimento), muita madeira e também, neste caso específico, o vidro, faz-se notar na descrição feita no caderno de campo a respeito da residência de uma das informantes:

A fachada da casa não permite nenhuma visibilidade para seu interior embora não exista um muro separando-a da rua. Foi construída em dois pavimentos. O que se pode ver a partir da rua é no primeiro andar um amplo portão feito em madeira que possibilita a total vedação do ambiente da garagem. Esse portão é ladeado por uma parede feita em tijolos aparentes e, ao lado da parede, temos outro portão feito em madeira e de tamanho grande que permite a entrada de pedestres e que dá acesso, por meio de um corredor lateral, aos fundos da casa. No segundo andar não se veem janelas e sim amplas paredes de vidro, que vão do chão até o teto, cobertas por amplas cortinas brancas. À frente da casa há um jardim composto por uma faixa de grama e algumas flores que acompanham os muros laterais que separam a construção das casas vizinhas.

⁶⁶ É importante lembrar que alguns materiais usados nas residências dos informantes possuem alto valor unitário, como é o caso do vidro temperado e da madeira maciça. O valor do m² do vidro temperado gira em torno de R\$ 185.

⁶⁷ O pé-direito indica a distância do pavimento ao teto.

⁶⁸ Exemplo deste tipo de construção, presente na casa de alguns informantes, pode ser percebido a partir da imagem da casa de um dos entrevistados (Imagem 01 do caderno de imagens).

Aspecto que também chama atenção quando considerado o conjunto das residências é a concepção da casa como um local de lazer e divertimento, que faz-se notar pela variedade de serviços e confortos disponíveis em seu interior. Piscina (às vezes aquecida), churrasqueira, sauna, biblioteca, adega, *home theater*, sala de ginástica, cozinha *gourmet*, quadra de vôlei e quadra de tênis são alguns dos itens citados pelos entrevistados.

César (administrador de empresas) é o único informante que não fez uso do projeto de um arquiteto para compor a ambientação de sua residência. Também nenhum decorador foi contratado para ornamentar o apartamento onde mora com a esposa e a filha no bairro Sudoeste.

Quando se trata de decorá-lo internamente, César demonstra que esta é uma preocupação que ele deixa a cargo de sua esposa. Não contrata um decorador, porque acredita que sua esposa seja possuidora de certo “bom gosto”: “Na verdade, eu não contrataria porque acho que ela tem um bom gosto”.

Esse tal bom gosto é composto por uma decoração em que os móveis seguem um estilo que o informante denomina de “rústico”, feitos com madeira e, principalmente, madeira de demolição⁶⁹. A busca pela decoração em estilo rústico, também é seguida por outros informantes (Elisa e Flávia), com algumas características a mais que serão consideradas adiante.

Os adjetivos evocados por César quando se trata de discorrer sobre o que considera que seja uma casa ideal são “grandeza”, “beleza”, “boa localização”, “praticidade”, “elegância” e “área de lazer boa”.

A ideia de “grandeza”, “amplidão” e “conforto” foi recorrente entre todos os informantes quando se trata de fazer o exercício de pensar o que consideram que seja uma casa ideal. Esses mesmos adjetivos foram usados com frequência para descreverem suas próprias residências.

Aliada à ideia de “grandeza”, “amplidão” e “conforto” está a noção da casa como um local de divertimento, aspecto que fica bastante evidente na fala de César quando este diz que considera como uma casa ideal aquela que apresenta, entre outras características, “uma área de lazer boa”.

Sua própria residência é descrita por ele como sendo “bonita”, “organizada”, “bem decorada”, “bem prática” e “bem clara”.

⁶⁹ É a madeira retirada a partir da demolição de edificações antigas, muitas vezes centenárias. Essa madeira é frequentemente utilizada na confecção de móveis.

O informante diz gostar de quadros nas paredes de seu apartamento, porque acredita que “quadro dá uma vida na casa”. Estes foram comprados em uma loja no *shopping* Pátio Brasil⁷⁰. Apesar de dizer gostar de quadros, percebo que para César, esses objetos cumprem uma função apenas decorativa, uma vez que ele demonstra pouca familiaridade com as artes plásticas, tendo inclusive se equivocado na hora de falar a respeito do tipo de quadro que tem em sua casa, dizendo que eles pertencem a uma escola artística chamada “simbologismo”, quando o correto seria simbolismo. Mais uma vez, percebemos aqui a baixa inclinação do informante aos saberes gratuitos que a aquisição e posterior apreciação “pura” de uma obra de arte presente em sua casa poderia significar. Percebe-se, portanto, que a presença de quadros em sua residência cumpre função absolutamente decorativa, evidenciada pelo baixo conhecimento a respeito do estilo das obras que possui.

César não tem o costume de comprar e ver revistas que versem sobre arquitetura, no entanto, revistas de decoração são compradas frequentemente com o objetivo de “olhar o quê que tem de moderno, o que está no mercado. De repente pra ter uma outra ideia de alguma outra coisa”. Percebe-se a inclinação do informante em estilizar seu local de moradia, uma vez que, compra revistas como fonte de inspiração para pensar a decoração de sua própria residência e, de repente, adotar outras soluções decorativas.

Nesse sentido, percebe-se também o papel que estas mídias têm como orientadoras das escolhas dos leitores.

O valor modernidade e a busca por aquilo que seja “moderno” é evocado em sua fala, mostrando que talvez as estratégias de distinção entre agentes e conjunto de agentes bem posicionados no espaço social de Brasília, no que tange à ambientação de suas casas, estejam mais relacionadas àquilo que está por vir (modernidade, inovação) do que àquilo que já passou (um passado abastado, por exemplo). Isso explicaria o fato dos informantes fazerem pouca ou nenhuma referência a móveis herdados, uma vez que, é provável que a honorabilidade social na cidade pouco se assente na ideia de tradição que o uso de móveis herdados na ambientação de suas residências poderia evocar. Também é possível que os informantes não manifestem grande interesse em resgatar símbolos e signos de seus antepassados, porque estes não remetem necessariamente a um passado marcado por condições de existência primorosas que poderiam ser objetivadas em móveis e peças decorativas.

⁷⁰ O *shopping* Pátio Brasil é um amplo *shopping* localizado na região central de Brasília. Possui grande variedade de lojas e se encontra, normalmente, bastante cheio, sendo frequentado pelos mais diversos públicos.

No que diz respeito especificamente ao uso de móveis e objetos antigos, percebemos que estes aparecem na composição da decoração da casa dos informantes de forma pontual e como componente participante na construção de um estilo decorativo mais amplo que contempla a mistura de diferentes referências (antigo, rústico, moderno), conforme veremos a seguir.

Assim como César, Elisa (psicóloga e empresária) também considera que os valores grandeza e amplitude sejam características muito importantes para compor o que considera como uma casa ideal. Sua residência no Lago Norte, com cerca de 350 m² de área construída, onde habita com o marido e os três filhos, ela considera que seja “aconchegante, original e rústica”.

Nas opções estéticas, seguidas pela informante, nota-se a busca pela originalidade que se evidencia na adoção de soluções decorativas referentes a diferentes estilos. A decoração que ela busca seguir é “mais rústica, assim, quase *hippie*”, mas ao mesmo tempo, considera que a arquitetura da residência seja contemporânea: “Engraçado, as duas casas que eu vivi, elas têm um ar de arte e cultura contemporânea, mas, por dentro, elas são completamente rústicas”.

Apesar de Elisa dizer que o interior de sua casa seja “completamente rústico”, quando lhe pergunto sobre os móveis, ela diz que estes possuem designer “contemporâneo” e “moderno”, chegando, inclusive, a defini-los como “*clean*”⁷¹.

A mistura de estilos adotados em sua residência faz-se notar no discurso da informante: “Os móveis são modernos. A casa é rústica, a decoração é rústica, mas os móveis são modernos. É meio que um mix de moderno com rústico”. Aqui, para além do aparecimento do elemento “moderno”, comum no discurso da coleção de casos considerada, percebe-se a composição que se estabelece a partir do uso de estilos decorativos que evocam valores díspares como “rusticidade” (relativo àquilo que se apresenta em estado bruto, pouco trabalhado, ou mesmo, que é oriundo do campo) e “modernidade” (relativo àquilo que acontece no presente, à inovação, ou mesmo, à cidade)⁷².

Ainda devemos investigar quais elementos compõem aquilo a que Elisa se refere como “rústico”. De acordo com seu relato, o estilo rústico de sua casa se deve ao uso de objetos

⁷¹ De acordo com Araújo (2006) o estilo *clean* diz respeito a um estilo estético idealizado que corresponde a um sistema de objetos que tem como lógica fundamental o princípio da racionalidade e da funcionalidade (2006, p. 223). Manifesta-se por meio da ambientação de interiores onde se prioriza móveis em linha reta, às vezes com leves curvaturas, mas não apresentando nenhum tipo de rebuscamento. O uso da cor branca também é majoritário quando se pensa na estética *clean*. Uma imagem comumente evocada quando se quer simbolizar o *clean* é “um sofá branco à frente de uma parede branca” (2006, p. 223).

⁷² Detalhes da decoração adotada na residência da informante podem ser vistos no caderno de imagens (Imagens 02,03 e 04).

decorativos trazidos em viagens feitas pelo Brasil e exterior e confeccionados de forma artesanal. Também a utilização de tapetes como uma importante peça decorativa, contribui para construção do estilo rústico de sua residência: “E é rústica, uma casa que é rústica, essa onda meio *hippie*, meio árabe”⁷³.

Na recente reforma que fez em sua casa no Lago Norte, Elisa e o marido contrataram um arquiteto e, de acordo com sua fala, pediram para este que o projeto e a reforma propriamente dita se dessem com a inclusão de “elementos bem arquitetônicos”. Embora não tenha dado mais detalhes sobre o que seriam “elementos bem arquitetônicos”, podemos perceber claramente em Elisa a disposição em operar uma forte estilização de seu local de moradia por meio da adoção de certa “noção estética” ou “visão artística”. Aliada a essa disposição está à crença no profissional de arquitetura como aquele capaz de instrumentalizar o anseio pela estilização:

É como falei contigo: acho que eles (os arquitetos) têm noções estéticas muito interessantes, sabe? E, eu falo assim: acho que quando você abraça a arquitetura, você abraça uma forma de viver... Assim... Uma coisa artística [...] A gente reformou a casa e pediu pra elementos bem arquitetônicos, né? Pra fazer a casa... E eu achei isso legal. Então, eu acho que a importância deles (dos arquitetos) é muito grande, muito grande mesmo. *Porque eles conseguem transformar o habitat em uma arte.*

A construção da casa de Elisa foi feita em um único pavimento, as paredes possuem revestimento na cor branca e foi adotado muito vidro. Na sala de televisão foi feita uma parede totalmente revestida com azulejos que, de acordo com a informante, são de autoria do arquiteto responsável pelo projeto da casa. Outra parede da sala de televisão é totalmente de vidro. É possível que estes sejam alguns dos elementos que a informante considere como “bem arquitetônicos”⁷⁴.

Elisa tem costume de comprar revistas de arquitetura e decoração, mas esta prática foi adquirida muito recentemente e se deve à reforma que fez em sua casa. Nota-se, portanto, a alta disposição à estilização da residência, mas também o baixo conhecimento quanto ao campo da arquitetura e as possíveis soluções arquitetônicas, colocando-se, nesse sentido, como central a figura do arquiteto como aquele capaz de tornar a estilização, e o alto teor distintivo nela contido, possível.

⁷³ Elisa atribui à sua ascendência árabe o gosto por tapetes.

Araújo (2006) em estudo sobre a relação entre o consumo de ambientação de interiores e a busca por reconhecimento por parte de grupos de indivíduos de ascensão social recente à classe alta de Recife (Pernambuco), notou como linha alternativa à estética *clean*, canônica no contexto considerado a adoção de objetos em estética oriental, que usados pontualmente em meio à limpeza formal do estilo *clean*, conferiam forte expressividade e originalidade aos ambientes.

⁷⁴ Mais detalhes da construção podem ser vistos no caderno de imagens (Imagens 05, 06, 07 e 08).

Assim como Elisa, Flávia (empresária e confeitadeira) também compôs o interior de sua residência a partir da mistura de diferentes estilos. Ao descrever a decoração que procura adotar em sua residência, tal aspecto faz-se notar:

Eu acho que é um rústico com contemporâneo, assim... É o que tento misturar. Esse tijolinho aparente com móvel moderno. Ali na minha cozinha *gourmet* é madeira de demolição. Mas assim, tenho um sofá ali na frente do home (*home theater*), ali, que é um sofá todo moderno. E eu gosto muito de colocar uma coisa ou outra antiga. Aquela geladeira ali realmente ela é antiga, ela não é....

Nota-se aqui mais uma vez o aparecimento do conceito de estilo “rústico” para descrever aspectos da residência.

Estive na casa de Flávia na ocasião da realização da entrevista e pude constatar *in loco* o que a informante estava tratando por “rústico”. Dizia respeito a uma das paredes da sala de jantar de sua casa, a qual foi feita em tijolos aparentes. Flávia apontou para a citada parede no momento em que falou do estilo rústico de sua casa. No entanto, devemos considerar que a noção de rústico neste caso, assim como nos casos anteriormente descritos, não equivale necessariamente à utilização de materiais em valor pecuniário baixo ou como se houvesse menor preocupação no momento da feitura e acabamento.

Durand (1989), ao tratar a respeito do gosto em soluções arquitetônicas e decorativas adotadas em mansões na cidade de São Paulo, discorre sobre a necessidade do uso de mão-de-obra qualificada e especializada, assim como o uso de materiais rigorosamente selecionados quando se opta pelo recurso de estruturas aparentes na construção de uma casa. Ainda mais, o sociólogo mostra que este recurso de construção, devido ao seu alto valor pecuniário, é denominado de “rústico fino” (DURAND, 1989, p.279):

O recurso às estruturas aparentes (tijolos, blocos, lajes, pilotis, condutos elétricos e hidráulicos) oferece grande risco de passar por solução grosseira e feia. Diminui-se tal perigo com uma seleção rigorosa de materiais: os tijolos, blocos, canos e tabulações destinados a ficar aparentes são comprados com mais cuidado e poupados de choques e intempéries que possam prejudicar a aparência. Os pedreiros que os assentam devem ser mais qualificados. Um empreiteiro de obras consultado pelo autor orçou o assentamento de um milheiro de tijolos a permanecer aparentes em Cr\$ 7.500 e o mesmo milheiro com revestimento em Cr\$ 5.300. E concluiu que, no cômputo final do custo da obra, o “rústico fino” e as construções com acabamento em alvenaria de primeira qualidade se equivalem.

Diante dessas constatações o sociólogo conclui que o “rústico fino da arquitetura dos arquitetos está muito distante do ‘rústico grosseiro’ da construção popular, e mesmo do ‘bem acabado’ do sobrado de classe média” (DURAND, 1989, p.279)⁷⁵.

Flávia ainda considera na composição do estilo “rústico” de sua residência o uso de móveis feitos em madeira de demolição. Devemos considerar que este tipo de madeira por ser oriundo da destruição de edificações antigas⁷⁶, se faz pouco acessível e de alto valor pecuniário.

Para além do estilo “rústico”, representado pela parede de tijolos aparentes e móveis feitos em madeira de demolição, percebemos a composição da decoração do interior da residência a partir do uso de móveis modernos⁷⁷, o sofá (amplo, em linhas retas e em tom neutro), e de objetos antigos, a geladeira, que embora antiga, é ressignificada encarnando em estilo comumente chamado de “retrô” ou “*vintage*”⁷⁸. O ambiente que comporta estes objetos é uma espécie de área de lazer no interior da casa⁷⁹ onde se tem a cozinha *gourmet* (própria para receber e cozinhar para visitas), o *home theater* (com amplo sofá e equipamento de imagem e som) e uma sala de brinquedos para crianças.

O estilo rústico, o estilo retrô e o estilo moderno ou contemporâneo (todos citados por Flávia ao longo da entrevista) aparecem bastante misturados, conforme é possível notar a partir

⁷⁵ Aquilo a que o autor se refere como “arquitetura dos arquitetos” diz respeito à arquitetura modernista. A adoção de algumas soluções arquitetônicas como o uso de materiais aparente (concreto e tijolos), o jogo de cheios e vazios e a iluminação natural, permitida pelo uso do vidro temperado, são próprias da arquitetura modernista.

Nas soluções arquitetônicas adotadas nas casas dos informantes que compõem a coleção de casos considerada nesta pesquisa, podemos perceber claramente o uso de técnicas próprias do modernismo, principalmente, o uso de materiais aparentes e do vidro. No entanto, nenhum dos informantes ao se referir à própria casa disse que esta foi construída ou reformada seguindo os preceitos desta arquitetura. Também nas residências em que pude estar não percebi edificações em estilo modernista. O que temos, portanto, é apenas a adoção pontual de algumas técnicas desta escola arquitetônica.

⁷⁶ Além da antiguidade, também o fato de ser madeira maciça contribui para o alto valor pecuniário da madeira de demolição.

⁷⁷ Devemos notar também que a “modernidade” se manifesta por meio do uso da tecnologia como, por exemplo, o *home theater* (conjunto de equipamentos eletrônicos que busca reproduzir em ambiente doméstico a exibição de filmes nas salas de cinema).

⁷⁸ O termo estilo “retrô” ou “*vintage*” tem sido bastante empregado na linguagem comum para se referir ao uso de objetos típicos das décadas passadas (1920, 1930, 1940, 1950, 1960, 1970 e, às vezes, 1980 e 1990). Refere-se, portanto, àquilo que é antigo. Entretanto, vale ressaltar que esses objetos aparecem reestilizados possuindo a forma antiga, mas não apresentando aspecto antigo, no sentido de desgastado pelo uso e pelo tempo. Uma boa representação de objetos em estilo retrô é a linha de geladeiras recentemente lançada pela marca de eletrodomésticos *Brastemp* (pode ser visualizada em <http://www.brastemp.com.br/Home/Geladeiras/GeladeiraBrastempRetroFrostFree352litrosBRT38>). Inclusive, muito parecida com a geladeira que a informante Flávia tem em sua cozinha *gourmet*, embora ela tenha dito que a que possui é realmente um objeto antigo e não um objeto moderno (recém lançado e onde foi empregado a última tecnologia) que parece ser antigo, como é o caso das geladeiras *Brastemp* em estilo retrô.

⁷⁹ Mas que pode ser integrado à área externa quando suas enormes portas de vidro são totalmente abertas, formando um ambiente único com a piscina e seu arredor.

da fala da informante, quando esta se refere às próximas medidas que gostaria de tomar quanto à decoração de sua casa, construída a pouco mais de um ano:

Como o meu (estilo) é muito uma mistura, o que eu quero fazer aqui... Então, eu fico meio tentando equilibrar. Tipo ali, eu vou colocar um móvel, tipo um *buffet*, né? Aí vou colocar alguma coisa em cima. Então, eu gosto de mesclar. De colocar alguma coisa que seja completamente antiga. Tipo, eu tenho vontade de comprar pra botar ali. Sabe aqueles ventiladores antigos? Eu tenho vontade de comprar um. Aí, eu queria botar um desse. E aí, do lado eu gosto de botar livro. Adoro livro pra decoração. Quero comprar um monte de livro... Livro de arquiteto... Tem uns arquitetos que eu gosto⁸⁰. Queria comprar umas coisas assim. Aí, vai botar livro... Depois uma peça assim bem moderna, que dê uma quebrada naquilo.

Também os quadros são considerados muito importantes por Flávia para comporem a ambientação de sua residência.

CAROLINA: Você dá importância à presença de quadros em sua casa?

FLÁVIA: Dou.

CAROLINA: Por quê?

FLÁVIA: Cada quadro que eu tô comprando, eu tô comprando devagar. Pra mim o quadro é que decora mesmo a casa. Apesar de que todo mundo fala que é a última coisa que tem que colocar na casa, são os quadros, pra finalizar a decoração. Eu já investi logo em um. Aquele eu já tinha. Aquele eu ganhei.

Um dos quadros citados pela informante, de tamanho médio, tratava-se da representação figurativa de uma ciranda de roda, pintada com predominância de tons pastéis. O outro, em tamanho grande, ocupando boa parte da parede em tijolos aparentes, era uma pintura abstrata, mas que representava mais ou menos a figura de uma flor, onde predominava os tons azul, vermelho e branco. Flávia não soube dizer os nomes dos artistas autores das pinturas. Apenas falou que o quadro maior havia sido comprado em uma loja (Cássio Veiga, localizada no Lago Sul), onde são vendidos artigos para decoração. Percebe-se, portanto, que em sua casa os

⁸⁰ O arquiteto carioca Thiago Bernardes foi citado pela informante como um de seus arquitetos prediletos. Sócio do escritório Bernardes Arquitetura, Thiago Bernardes é um arquiteto de destaque no atual campo da arquitetura brasileira. É filho e neto de dois importantes arquitetos brasileiros, Cláudio Bernardes e Sérgio Bernardes, respectivamente. Seus projetos ganharam destaque e foram publicados em revistas nacionais e internacionais, como pode ser visto a partir do site <http://www.bernardesarq.com.br/pt-br/projetos>. Construções bastante integradas à natureza, feitas com o emprego de muito vidro e madeira, com pé-direito alto e fachadas com forte limpeza formal podem ser percebidas como características dos projetos de Thiago Bernardes.

Também a residência da informante (Flávia) apresenta características como essas. A construção foi feita em dois pavimentos, com fachada dotada de forte limpeza formal, composta por parede em tijolos aparentes, madeira e vidro.

quadros cumprem função absolutamente decorativa, não simbolizando qualquer tipo de apreciação gratuita às artes plásticas.

Flávia também costuma ver frequentemente revistas que versam sobre arquitetura e decoração de interiores. Lê, sobretudo, aquelas que versam sobre ambientação de interiores, pois diz “adorar” decoração. As revistas de sua preferência são Casa & Construção, Casa e Jardim, Casa Cláudia e Casa Vogue. A informante demonstra assim, mais uma vez, a disposição em estilizar sua residência, manifestada pela busca constante em informar-se a respeito de soluções em decoração de interiores.

No que tange à residência do informante Francisco (empresário, político e fazendeiro) não teve a oportunidade de adentrar sua casa, assim como não obteve autorização para tirar fotografias de sua residência, nesse sentido, a análise de seu gosto quanto à arquitetura e decoração de interiores e demais aspectos de sua casa se baseará unicamente em sua fala.

Embora não tenha adentrado o interior da residência, pude estar no jardim da frente de sua casa, ultrapassando, a convite do informante, o alto muro de concreto armado que separa a residência, localizada no Lago Sul, do espaço da rua.

A fachada da casa é dotada de significativa limpeza formal, onde se tem o emprego, principalmente, do concreto aparente, algumas janelas de vidro e portas feitas em madeira. A construção foi feita em dois pavimentos e possui um amplo *hall* de entrada, composto por uma grande porta em madeira, que pode ser acessada a partir de uma escadaria feita com degraus feitos em concreto. O terreno é cercado em suas laterais por uma alta cerca viva.

O uso perdulário do espaço e a concepção da residência como um local de lazer e divertimento faz-se notar pelo número de utensílios que a casa possui. Quadra de tênis, sala de ginástica, adega, jardim e um “*living grande*”⁸¹ são alguns dos itens citados por Francisco.

Para o informante uma casa ideal é aquela que dispõe de amplo espaço e que é confortável. Sua própria residência é descrita como um lugar confortável e agradável.

No que tange à decoração de interiores, Francisco credita à sua esposa a total responsabilidade pelo gosto adotado em sua residência. Aqui aparecem valores como “harmonia” e “modernidade”.

⁸¹ O termo *living* foi usado pelo informante e refere-se à expressão *living room*, que em inglês significa sala de estar. Ele disse que sua casa possui um *living grande*, com alguns sofás para ver televisão.

Os quadros são usados para proporcionarem uma “decoreção razoável”, não simbolizando qualquer apreço maior pelas artes plásticas.

Decoradores foram contratados para ajudarem na decoreção que Francisco considera que seja “harmônica”, composta por móveis em estilo “atual”, que remete novamente à ideia de “modernidade”, presente na fala dos demais informantes.

Diferentemente de outros informantes que buscam compor um estilo decorativo “original”, que contempla o uso ao mesmo tempo de peças de decoreção e móveis e objetos antigos, rústicos e modernos, Francisco define a decoreção de sua casa como “atual” e, em algum momento da entrevista, como “clássica”, atribuindo à mistura de estilos certo mau gosto que coloca em risco a harmonia do ambiente, como fica claro na fala do informante quando descreve os móveis que possui em sua casa:

Olha... Não é muito do antigo e não é o super moderno. São móveis atuais, confortáveis. A gente busca mais o conforto. E de uma certa harmonia, porque você não pode é botar o antigo, o novo, o velho... Não, não tem sentido. Tem que ter um certo gosto.

Francisco diz que em sua fase atual de vida não costuma mais comprar revistas de arquitetura e decoreção, pois considera que sua casa esteja completa. No entanto, diz que às vezes ainda costuma folhear algumas revistas que versem sobre o tema, porque “gosta de ver coisas bonitas”. Demonstra, assim, sua crença no campo da arquitetura e decoreção de interiores como definidor daquilo que é belo.

Edgar (executivo de empresa multinacional) é o informante menos inclinado a operar exercícios de estilo em sua residência.

Ao começarmos a conversar sobre seu local de moradia pergunto o que ele considera que sejam as coisas mais importantes de sua casa, ao que ele responde prontamente: “Meus computadores”. Depois acrescenta: “Televisão é uma coisa importante” e “ah! O meu jardim”. Edgar apresenta objetos que suscitam imediatamente sua própria utilidade, como computadores e televisão, só mais a frente cita funções que remetem a representações como o jardim de sua casa que ele aprecia e gosta de cultivar.

Também ao falar a respeito do que considera que seja uma casa ideal, primeiramente, Edgar aponta para aspectos filosóficos e subjetivos como, por exemplo, a harmonia existente entre aqueles que dividem o mesmo espaço⁸². Diante da minha insistência para que apontasse

⁸² É importante atentar para a religiosidade do informante como um aspecto inibidor da inclinação à estilização de sua residência. De fato, ao longo das entrevistas Edgar demonstrou ser adepto de preceitos religiosos e participar ativamente da comunidade religiosa da qual faz parte. Presta serviços comunitários em asilos de idosos

aspectos relativos à materialidade do lugar, ele acaba revelando que o conforto (comedido, sem exageros), a funcionalidade e a praticidade compõe o que seria uma casa ideal. Mais uma vez percebemos aqui a tendência do informante a ressaltar aspectos relativos à função (casa funcional, prática) mais do que à forma do lugar e dos objetos.

O interior de sua residência é descrito por ele como um lugar limpo, claro e ventilado. E acrescenta, referindo-se a casa, localizada em um condomínio no Lago Sul, onde mora com sua mãe, sua esposa e seus quatro filhos, a qual comprou e se mudou a não muito tempo: “E então, acho que a forma espaçosa de uma casa, a forma. Um pé direito alto, uma pintura clara. Então, as coisas que nos apaixonamos. Os cômodos bem confortáveis, grande. Então, acho que é isso: clara, ventilada, um bom local”⁸³.

Percebemos em seu discurso o valor espaço e amplidão, comum à coleção de casos aqui considerada. Também a ideia de “boa localização” (lembramos que sua residência está localizada no Lago Sul, reconhecidamente um bairro onde as construções e terrenos possuem alto valor pecuniário, sendo também um local amplamente assistido pelo poder público em termos de infraestrutura urbana) está presente em sua fala.

Edgar não contratou um arquiteto ou decorador para cuidar do interior de sua casa⁸⁴. Ele e a esposa fizeram a decoração de forma aleatória.

Diferentemente, a área de lazer da residência, com piscina térmica, sauna, churrasqueira e um amplo salão, foi fruto do projeto de um arquiteto. Indicando, nesse sentido, não apenas a preocupação com a forma que o espaço tomaria o que se evidencia pela contratação do profissional, mas também apontando para uma ideia presente na fala dos demais informantes, que é a concepção da casa como um espaço de lazer, dada a quantidade de utensílios de lazer disponíveis para uso⁸⁵.

regularmente, o maior quadro (e um dos poucos) que possui em sua casa representa a imagem de Jesus Cristo e a pergunta sobre os livros que costuma ler, ele respondeu que são livros espíritas.

Ainda quando ao longo das entrevistas tenta me explicar o porquê de não dedicar-se tanto à estilização de sua casa, profere as seguintes frases: “Então, é mais assim, é o enfoque filosófico que você tem na vida. O que você quer da vida. A minha casa... Porque tem gente que faz a casa mais limpa, nós temos ela bem higienizada, bem arrumadinha e tudo, mas... Não ficamos assim querendo gastar todo o nosso dinheiro dentro da nossa casa não”.

⁸³ Detalhes da fachada (frontal e posterior) da casa do informante podem ser vistos no caderno de imagens (Imagens 09, 10, 11 e 12).

⁸⁴ O jardim também é cultivado por ele e a esposa, sem a ajuda de um paisagista.

Ainda sobre a contratação de profissionais que ajudem a compor a ambientação e estilização da residência, é significativo o fato de Edgar dizer que apesar de não ter contratado decorador e arquiteto para ambientar o interior de sua casa, talvez ainda venha a contratar. O mesmo vale para a contratação de um paisagista. Nota-se, portanto, que o informante não é totalmente indiferente aos exercícios de estilo em seu local de moradia, manifestando, ademais, grande crença no trabalho desses especialistas, conforme é possível perceber a partir da seguinte fala: “Porque olha, você vê um jardim montado por um profissional é uma coisa diferente, muito diferente, muito [...] Porque as coisas ficam mais elaboradas e existem certos pontos cegos na vida da gente que você não sabe que você não sabe”.

⁸⁵ Detalhes da área de lazer podem ver vistos no caderno de imagens (Imagens 13, 14, 15, 16 e 17).

Certa inclinação à disposição estética se manifesta na procura por revistas de arquitetura e decoração de interiores que Edgar diz comprar periodicamente com fins de “se atualizar, se manter atualizado, ver o que está acontecendo na moda” ou ainda quando ele “vê alguma coisa de novela e quer pegar”. Deixando indícios de que suas escolhas em termos de arquitetura e decoração de interiores são orientadas, em alguma medida, por valores consagrados e orientadores do “grande público”, uma vez que seu gosto também é orientado pela estética apresentada em novelas, programas de grande audiência e amplamente difundidos em todo o país.

Quando pergunto a respeito do estilo que ele e a esposa procuraram seguir quando decoraram sua casa, Edgar não soube me informar certamente. Disse que a esposa, segundo ele responsável por executar esta tarefa, “seguiu assim um estilo de uma casa que tenha mais praticidade”, que ao mesmo tempo “não é uma coisa moderna” e nem “muito antiga”. Quando pergunto sobre os móveis que possui em sua casa, Edgar diz que estes são modernos.

Tive oportunidade de visitar a casa do informante em três ocasiões diferentes por conta da execução da entrevista e para tirar fotografias do local, uma vez que recebi autorização para fazê-lo.

A ambientação da sala de estar não foi feita a partir do uso de muitos móveis e peças decorativas, formando um ambiente com bastante espaços vazios. Nota-se a presença de dois sofás (na cor bege), um divã, também em tom bege, uma poltrona cinza com pés de madeira, um aparador feito em madeira, uma estante (feita em madeira laqueada de banco), onde se encontravam fotos da família, uma mesa pequena e redonda (com pés de madeira e tampo de mármore) ao lado da escada e próxima a esta mesa, uma poltrona em tom mostarda e pés de metal e uma mesinha feita em madeira. Mais ao fundo deste salão, onde se encontram os móveis citados, e ao lado de uma grande janela, está a sala de jantar, composta apenas por uma grande mesa quadrada feita em madeira, um *buffet* (com tampo de vidro e pés de metal) e uma pequena adega climatizada.

Não se nota a presença de muitos quadros na área social da casa, com exceção de três pequenos quadros com representações florais acima de um dos sofás e um quadro com figura religiosa que se encontra acima do aparador, onde estão outros objetos de cunho religioso⁸⁶.

Além da ampla área de lazer, com vários itens, conforme visto anteriormente, internamente a casa também apresenta muito conforto. São cinco quartos, sendo que quatro

⁸⁶ Detalhes da sala de estar e sala de jantar podem ser vistos no caderno de imagens (Imagens 18, 19, 20, 21 e 22).

deles são suítes. As suítes possuem varanda e duas delas têm closets. Além desses cômodos ainda há uma biblioteca, que funciona também como área de trabalho⁸⁷.

Neste caso recém apresentado o que se evidencia, sobretudo, é a amplidão e o conforto presentes na residência.

Embora o próprio informante não se diga tão inclinado a operar exercícios de estilização de sua casa, alguns aspectos presentes no local se fazem notar como importantes marcadores que indicam a condição social de existência privilegiada dos moradores da casa. O espaço amplo, a área de lazer com muitos utensílios, os vários cômodos e a localização são alguns deles.

Mesmo alguns aspectos da arquitetura e decoração se aproximam das soluções adotadas nas casas dos demais informantes. Móveis em designer moderno, nenhum deles herdado, a limpeza dos ambientes (no sentido se não serem tomados por uma profusão de objetos), certa limpeza formal na arquitetura adotada na construção⁸⁸.

Tomando por parâmetro as disputas que são travadas sobre a terra e a moradia nas grandes cidades brasileiras, o uso perdulário do espaço e a possibilidade de dispor de grandes áreas, por si só, representam por parte daqueles que as ocupam o pertencimento às frações de classe mais abastadas da cidade. E isso também se apresenta no caso de Brasília. A saturação da área central (Plano Piloto) assim como os elevados preços da terra e dos imóveis nesta e em outras localidades, como o Lago Sul, o Lago Norte e o Sudoeste, fazem com que apenas os que desfrutam de posição privilegiada no espaço social da cidade possam nestas áreas residir⁸⁹. Esses, assim como outros aspectos de cunho histórico, fazem com que essas localidades gozem de considerável prestígio na lógica espacial da cidade e conferem *status* social a seus moradores. De acordo com Nunes (2004, p.91) existe certa aspiração vigente na lógica de Brasília que faz com que as pessoas que aqui vivem, desejem trabalhar e morar no Plano Piloto e nos Lagos: “a aspiração generalizada é trabalhar e morar no Plano e nos Lagos, entendidos como símbolos de *status* social”. Podemos considerar, portanto, que pelo fato de todos os informantes serem

⁸⁷ Mais detalhes do interior da casa podem ser vistos no caderno de imagens (Imagens 23, 24, 25 e 26).

⁸⁸ Embora a residência deste informante especificamente não pertença àquela categoria, “austeridade luxuosa”, pois não foi construída seguindo preceitos da estética modernista como o uso dos materiais aparentes e grande quantidade de vidro. Tendo sido adotado na construção de sua casa uma estética mais tradicional (como pode ser percebido a partir das imagens da fachada), com paredes revestidas e pintadas, janelas e alpendre.

⁸⁹ Para se ter ideia do valor do metro quadrado para compra de apartamentos em diferentes localidades do DF, apresento alguns dados referentes ao valor do metro quadrado de apartamentos em distintas regiões de Brasília referentes ao ano de 2010. Assim, na Asa Sul paga-se R\$ 6.750,0 pelo metro quadrado. Na Asa Norte tem-se o valor de R\$ 7.142,9. No Sudoeste o metro quadrado sai por R\$ 7.897,7. Em outras localidades, como a Octogonal o valor é de R\$ 6.800,0. Em Águas Claras é R\$ 3.923,6. E em Taguatinga custa R\$ 2.738,1.

No que se refere aos preços pagos pelo metro quadrado na compra de casas, tem-se o valor de R\$ 3.600,0 no Lago Sul e R\$ 3263,0 no Lago Norte (Odd&Action, 2010).

moradores de regiões que simbolicamente gozam de prestígio no espaço social da cidade (Lago Sul, 3, Lago Norte, 1, Sudoeste, 1), desfrutam de certo *status* social.

Além da localização das moradias, os amplos espaços das residências e aspectos relativos à arquitetura e à estilização das casas atuam como signos que conjuntamente comunicam uma condição social de existência privilegiada.

A distinção social se expressa no plano simbólico da casa por meio da adoção de uma arquitetura imponente que embora não seja marcada pelo uso de materiais de aparência luxuosa, é elaborada a partir da tônica na grandiosidade das construções. Grandes portas, grandes janelas, pé-direito alto, amplas paredes de vidro, altos muros são alguns dos elementos que compõem a estética da grandiosidade.

Em termos de forma, temos a expressão de dois estilos distintos. Por um lado, nota-se a adoção de um estilo mais clássico, por assim dizer, onde se vê a casa cúbica clássica, em dois pavimentos, com concepção simétrica organizada em torno de um acesso principal centralizado, paredes com revestimentos, janelas em tamanho mediano. Por outro, temos a adoção de um estilo mais moderno e também, ou ao mesmo tempo, rústico, onde podemos ver a casa cúbica, como também a planta em formato de “L”, mas onde foram empregados materiais como o concreto armado, o vidro, paredes com revestimento em azulejos decorativos e em tijolos à vista. Essas foram as duas variáveis de gosto encontradas entre os casos analisados, que neste trabalho representam manifestações de preferências em termos de arquitetura de fração da classe alta brasileira.

Em termos de decoração de interiores, os gostos da coleção de casos aqui considerada variam entre aqueles que buscam compor uma ambientação “original”, com o emprego misturado de móveis e peças decorativas que remetem a diferentes estilos, rústico, moderno, (*clean*), clássico e retrô. E aqueles que manifestam suas preferências em termos de uma ambientação em estilo clássico (“que não é o antigo, mas também não é o super moderno”), onde o valor máximo é a ideia discrição. Nesse sentido, podemos perceber diferenças geracionais. Os informantes mais jovens buscam uma decoração de interiores que seja original, enquanto os mais velhos, uma decoração clássica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou investigar a respeito da distinção social que se desenrola entre frações da classe alta brasileira.

Tendo como modelo teórico-analítico orientador da pesquisa aquele elaborado por Pierre Bourdieu para pensar a distinção social e a relação entre classes que se desenrola na sociedade francesa dos anos 1970, este trabalho, em alguma medida, testa os limites e possibilidades do modelo elaborado pelo autor para pensar a realidade brasileira e brasileira, mais especificamente.

Partindo da noção de disposição estética, que leva à primazia da forma sobre a função e à entrega aos saberes gratuitos - sendo a apreciação por obras de arte sua manifestação mais pura - esta pesquisa visou compreender qual a natureza da distinção social que se desenrola entre frações da classe alta de Brasília.

No primeiro capítulo busquei apresentar de maneira pormenorizada o modelo teórico-analítico que fundamenta a pesquisa com vistas a formar e explicitar a orientação teórica do trabalho, assim como seus principais conceitos e fundamentos. Nesse sentido, a definição mais primária dada por Bourdieu a respeito do conceito de distinção social, o coloca como a intenção consciente ou inconsciente de distinguir-se do comum e, assim, do que é “humano”, genérico, fácil e imediatamente acessível. A distinção social opera nos mercados mundanos através da manifestação de preferências dos agentes e a partir de estilos de vida que balizam sociabilidades cotidianas fazendo com que os agentes classifiquem e sejam classificados.

Para um(a) pesquisador(a) que escolhe investigar a respeito de distinção social, a necessidade em articular a pesquisa no sentido de pensar em termos das relações que se estabelecem entre classes sociais e frações de classe se coloca de imediato, uma vez que estamos falando de algo que se articula a partir de condições objetivas de existência e que no plano simbólico, em homologia entre espaço social e simbólico, se estabelece em termos de hierarquizações de práticas, gostos e estilos de vida, considerados mais ou menos legítimos. No entanto, estabelecer um recorte, seja teórica ou empiricamente, de classes apresenta uma série de dificuldades, a começar pela dificuldade em estabelecer fronteiras intra e inter classe, assim como a própria pertinência do conceito de classe para pensar a realidade social. Diante de questões como estas e a partir da leitura de discussões que Bourdieu faz a respeito do tema, optei

por pensar as classes e frações de classe como agentes e conjuntos de agentes que ocupando posições de proximidade no espaço social acabam por compartilhar certas práticas, gostos e estilos de vida. Em termos práticos, os critérios considerados para escolha dos agentes que compuseram a coleção de casos a ser analisada foram renda, escolaridade, profissão e local de moradia.

Para pensar a respeito de classes e frações de classe que ocupam posição privilegiada no que tange aos esquemas de estratificação social no Brasil e suas práticas distintivas recorri, principalmente, às discussões de Needel (1993), Mello e Souza (1996) e Miceli (1996). Para pensar a respeito da distinção social que se desenrola no Brasil contemporâneo recorri, sobretudo, aos estudos de Lima (2008), Bertonecelo (2010) e Pulici (2010). Ainda tentei trazer estudos que versassem sobre distinção social em outros países, principalmente, França e Estados Unidos.

Em se tratando dos resultados alcançados, aspecto que mais chama atenção é a baixa sofisticação cultural de quase totalidade dos informantes. A apreciação das artes que, no modelo teórico-analítico pensado por Bourdieu, representa a manifestação mais pura da disposição estética, da capacidade de suspensão de necessidades e urgências mundanas e entrega aos “saberes gratuitos”, apresentou baixíssima expressividade entre a coleção de casos analisada. Em contraposição, a entrega aos “fazeres gratuitos” se manifestou de maneira significativa, representada pelo cultivo do corpo e investimentos em indumentária, a estilização das residências e entrega às práticas turísticas e gastronômicas. No que tanges aos gostos por artes, o que percebemos entre os informantes é a apreciação de obras bastante divulgadas e conhecidas do “grande público”, assim como, no que tange à apreciação artística, a incapacidade de suspensão dos julgamentos morais.

Entretanto, tais achados de pesquisa não significam que não haja entre frações de classe bem posicionadas no espaço social de Brasília uma disposição estética, no sentido da primazia da forma sobre a função. Apenas que a primazia da forma se coloca a partir de outros elementos que não por meio da entrega aos “saberes gratuitos” e apreciação “pura” a obras de arte. A estilização da vida, entendida como estilo de vida que se afirma enquanto poder sobre a necessidade dominada, manifestando-se em um expediente sistemático que organiza e orienta as mais diversas práticas, também é significativa entre a coleção de casos considerada. Haja vista a estilização de suas casas e de suas práticas gastronômicas.

No que diz respeito aos gostos temos diferentes variantes. Podemos perceber a harmonia ou a busca por aquilo que seja harmônico como valor idealizado pelos informantes quando o assunto é o que consideram que seja “bom gosto”. No entanto, o conteúdo do que entendem por harmonia varia bastante. Enquanto para uns diz respeito à utilização de roupas e a decoração da casa feita seguindo estilo clássico (tons neutros, linhas retas, móveis atuais), assim como a discrição e não ostentação da riqueza (entre os mais velhos), para outros diz respeito a misturas de objetos e roupas de diferentes estilos e referências (entre os mais jovens) e, até mesmo, carros de marca de altíssimo valor simbólico e pecuniário como manifestação do dito “bom gosto”.

CADERNO DE IMAGENS

Imagem 01



Imagem retirada do site <http://blococonstrucoes.com/portfolio.html>. Acesso em: jun. 2013

Imagem 02



Fotografia tirada
pela autora

Imagem 03



Fotografia tirada
pela autora

Imagem 04



Fotografia tirada
pela autora

Imagem 05



Fotografia tirada
pela autora

Imagem 06



Fotografia tirada pela autora

Imagem 07



Fotografia tirada pela autora

Imagem 08



Fotografia tirada
pela autora

Imagem 09



Fotografia tirada pela autora

Imagem 10



Fotografia tirada pela autora

Imagem 11



Fotografia tirada pela autora

Imagem 12



Fotografia tirada pela autora

Imagem 13



Fotografia tirada pela autora

Imagem 14



Fotografia tirada pela autora

Imagem 15



Fotografia tirada
pela autora

Imagem 16



Fotografia tirada
pela autora

Imagem 17



Fotografia tirada pela autora

Imagem 18



Fotografia tirada pela autora

Imagem 19



Fotografia tirada
pela autora

Imagem 20



Fotografia tirada
pela autora

Imagem 21



Fotografia tirada pela autora

Imagem 22



Fotografia tirada pela autora

Imagem 23



Fotografia tirada pela autora

Imagem 24



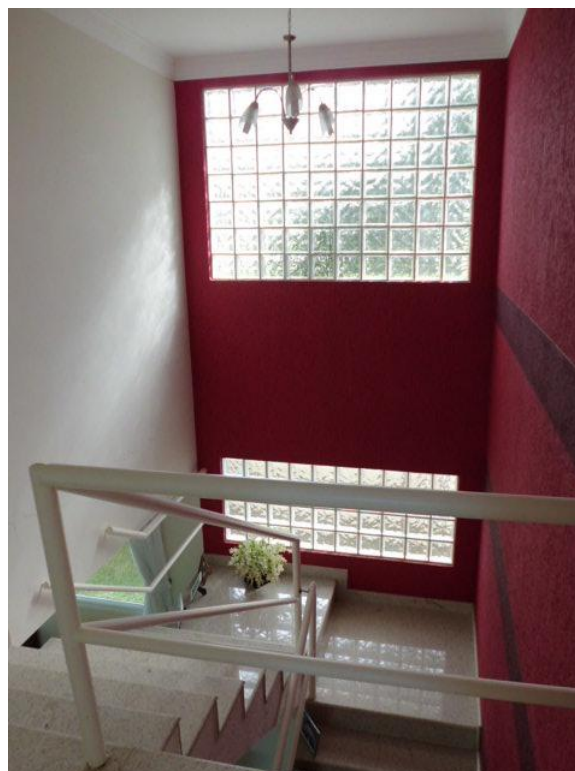
Fotografia tirada pela autora

Imagem 25



Fotografia tirada pela autora

Imagem 26



Fotografia tirada pela autora

REFERÊNCIAS

ADELL, Denise. **A decoração nas residências de elite: a produção material e simbólica dos espaços da casa.** Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo, 2010. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-25022011-094344/pt-br.php>>. Acesso em: fev. 2013.

AMORIM, Diego. Brasília, território da classe média premium. **Correio Braziliense**, Brasília, 3 jun. 2012. Caderno Cidades, p. 35-36.

ARAÚJO, Kátia Medeiros de. **Consumo e Reconhecimento Social: a Valorização do “Morar Bem” entre Novas Elites do Recife.** Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento.** São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Editora Zouk, 2008 [1979].

BOURDIEU, Pierre. Condição de classe e posição de classe. In: AGUIAR, Neuma (org.). **Hierarquias em classes.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.

BOURDIEU, Pierre. Gosto de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato (org.). **A Sociologia de Pierre Bourdieu.** São Paulo: Olho d'Água, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004 [1989].

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação.** São Paulo: Papyrus, 1996.

BERTONCELO, Edison. **Classes sociais e estilos de vida na sociedade brasileira.** Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo, 2010. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-02052011-161849/pt-br.php>>. Acesso em: jun. 2012.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia Estatística - IBGE. **Censo-2010.** Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2019&id_pagina=1> e http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2125&id_pagina=1 > Acesso em : set 2012.

CASTRO, Ana Lúcia de. **Culto ao corpo e sociedade: Mídia, cultura de consumo e estilos de vida**. Tese de doutorado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, 2001. Disponível em < <http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000220593>>. Acesso em: jan. 2013.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DISTRITO FEDERAL. Companhia de Planejamento do Distrito Federal - CODEPLAN. **Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios – PDAD 2012**. Brasília, jun 2012. Disponível em <www.codeplan.df.gov.br> Acesso em: set 2012.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

DURAND, José Carlos. **Arte, Privilégio e Distinção: artes plásticas, arquitetura e classe dirigente no Brasil, 1855/1985**. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

GOLDENBERG, Mirian. **O corpo como capital: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira**. Barueri, SP: Estação das letras e cores Editora, 2007.

HALLE, David. **Inside culture: art and class in the American house**. The University of Chicago Press, 1993.

LAHIRE, Bernard. **A cultura dos indivíduos**. Porto Alegre: Artmed, 2006 [2004].

LIMA, Diana. **Sujeitos e objetos do sucesso: Antropologia do Brasil emergente**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2008.

MALYSSE, Stéphane. Em busca dos (H)alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). **Nu e Vestido: Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

MEDEIROS, Marcelo. **O que faz os ricos ricos: o outro lado da desigualdade brasileira**. São Paulo, Hucitec: Anpocs, 2005.

MELLO E SOUZA, Gilda de. **O espírito das roupas: a moda no século dezenove**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MICELI, Sergio. **Imagens negociadas: Retratos da elite brasileira (1920-1945)**. São Paulo: Companhia das Letras: 1996.

NEEDELL, Jeffrey. **Belle Époque tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. São Paulo: Companhia da Letras, 1993.

NUNES, Brasilmar Ferreira. **Brasília: a fantasia corporificada**. Brasília: Paralelo 15, 2004.

ODDS&ACTIONS, Inteligência Analítica. **Estatísticas do Mercado Imobiliários de Brasília: Período 2009/2010**. Brasília: 2010. Disponível em <<http://www.oddsactions.com.br>> Acesso em: nov. 2011.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979 [1955].

PULICI, Carolina. **O charme (in)discreto do gosto burguês paulista: Estudo sociológico da distinção social em São Paulo**. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo, 2010. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-10122010-102833/pt-br.php>>. Acesso em: jun. 2013.

REVISTA FOCO. Brasília: Foco Editora Ltda., n ° 180, set 2010.

SIMMEL, Georg. Da psicologia da moda: um estudo sociológico. In: SOUZA, Jessé; OELZE, Berthold (orgs.). **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005.

SLATER, Don. **Cultura do consumo e modernidade**. São Paulo: Nobel, 2002.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2002.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Carta-convite enviada a possíveis informantes



Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Sociais
Departamento de Sociologia
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Carta-convite

No âmbito de uma pesquisa de mestrado na área de sociologia da cultura, a aluna Carolina Lima, que desenvolve sua dissertação na *Universidade de Brasília* gostaria de convidá-lo a participar de uma entrevista anônima e com fins estritamente científicos. Caso você tenha disponibilidade e interesse em contribuir com essa pesquisa, concedendo uma entrevista à própria pesquisadora, queira, por gentileza, marcar o dia, o horário e o local enviando um e-mail para carolinavicenteflima@gmail.com ou telefonando para (61) 8131-8589.

As questões da entrevista versam sobre as práticas culturais, as preferências alimentares, as características da residência, os cuidados com o corpo e as escolhas indumentárias. Para qualquer outra informação complementar contatar, por favor, a pesquisadora no e-mail ou telefone supracitado.

Fica o registro de que as informações prestadas serão absolutamente sigilosas no que se refere à identidade das pessoas entrevistadas. Se for o caso, essa certificação poderá ser feita de forma oficial, mediante declaração pública da mesma, prestada perante Tabelião em Cartório de Notas.

A *Universidade de Brasília* e, principalmente, a aluna Carolina Lima agradecem desde já a atenção que for dada a esta carta-convite.

Carolina Vicente Ferreira Lima

APÊNDICE B - Roteiro de entrevista semi-dirigida

Práticas culturais

Se tivesse mais tempo ou dinheiro gostaria de ter estudado mais do que estudou formalmente?

Apreendeu alguma língua estrangeira? Onde? Qual o motivo da escolha dessa(s) língua(s) específica(s)?

Você se incomoda quando conversa com alguém que comete erros de português? Por quê?

Gosta de pintura? Poderia citar os pintores de sua preferência? Quando você se depara com um quadro num museu, olha primeiro o que está escrito na legenda ou vai direto na representação pictórica proposta? Você se apega mais ao conteúdo da tela, ao objeto que ela representa ou concentra mais a atenção no estilo propriamente formal empregado pelo pintor?

Você recebeu ensino artístico em algum momento de sua formação? Realizou algum curso de história da arte? Onde?

Você possui livros de arte?

Você frequenta exposições de arte? Se sim, quando você vai a alguma exposição, já tem alguma informação prévia das obras de arte que irá encontrar? Se sim, quais são as suas fontes de informação (crítica de jornal, amigos, folder, etc.)?

A pintura abstrata te interessa tanto quanto a figurativa? Você gosta de pintura surrealista? Você acha que a arte contemporânea é incompreensível?

Com que frequência você vai a museus? Em geral na companhia de quem? Aproximadamente com quantos anos e com quem foi ao museu pela primeira vez? É a favor de que as exposições disponham de recursos pedagógicos (flechas, tabuletas explicativas, textos na parede)? Por quê?

Você costuma ir a galerias de arte? Quais? Em geral na companhia de quem? Caso já tenha comprado obras de arte em galerias, poderia falar um pouco sobre as peças adquiridas?

Você costuma tirar fotografias? O que gosta de fotografar? Você fotografa por fotografar? O que acha da foto-souvenir? Frequenta exposições de fotografia? Você acha que qualquer objeto fotografado pode resultar numa boa foto? Por quê?

Costuma frequentar shows e/ou concertos de música? Onde? Em geral, na companhia de quem? Você já adquiriu assinaturas para temporadas de concertos? Com aproximadamente quantos anos e com quem foi ao concerto pela primeira vez?

Quais são os seus gêneros musicais favoritos? Quais os seus músicos preferidos? De que tipo de música você não gosta de jeito nenhum? Por quê?

Você toca algum instrumento? Quando começou a tocar? Há alguma razão especial para escolha desse instrumento específico? Qual instrumento gostaria de tocar? Por quê?

Você ouve rádio? Quais as estações favoritas? E os programas favoritos?

Você poderia discorrer um pouco sobre os CDs que tem em casa?

Você gosta de cinema? Poderia citar alguns dos filmes que mais te marcaram? Para que um filme seja interessante, você acha que seja imprescindível uma identificação com os personagens e suas peripécias? Por quê? E o final feliz, é importante? Por quê? De modo geral você prefere o cinema americano, europeu ou nacional? Por quê? De que tipo de filme você não gosta de jeito nenhum?

Com que frequência você vai ao cinema? Em quais salas da cidade você mais vai?

Quais são seus diretores favoritos? Acha importante que os atores sejam conhecidos do grande público? Por quê?

Você gosta de teatro? Poderia citar algumas das peças de teatro que mais te marcaram? Você acha que o enredo de uma peça de teatro deva mostrar personagens que agem como nós agimos na vida de todo dia? Por quê? Você acha importante que os atores sejam conhecidos do grande público? Com que frequência você vai ao teatro? Em geral, na companhia de quem? Quais salas de teatro você mais frequenta? Quais seus diretores favoritos? Com quem foi ao teatro pela primeira vez?

Você gosta de ler livros? Que tipos de livros? Que tipos de livros você não lê de jeito nenhum?

Você é assinante de algum jornal? Quais são os cadernos de sua preferência?

Você é assinante de alguma revista? Quais?

Você assiste televisão? Quais são os canais e programas favoritos?

Excluindo os gastos com necessidades mais básicas (alimentação, saúde, moradia) a sua renda é destinada, principalmente, a que tipos de atividades?

Quais são os seus passatempos preferidos?

O que foi que você fez nas últimas férias? O que é, para você, tirar férias?

Você costuma viajar pelo Brasil e/ou para o exterior a turismo ou a trabalho? Com que frequência? Em geral para onde? Quais os motivos da escolha desses lugares? Quais pessoas viajam com você? Você costuma comprar algum tipo de objeto que te faça lembrar do lugar? Você costuma tirar fotos? Se pudesse escolher, para onde viajaria? Por quê? Você possui uma ou mais residências, na praia, no campo ou algum outro lugar? Qual o motivo da escolha deste(s) lugar(es) específico(s)?

E possível aprender a ter, como se diz, “bom gosto”?

Práticas alimentares

O que você espera de uma refeição? Considera importante que um prato seja visualmente belo ou é mesmo só o sabor que importa? Por quê?

Você dá importância às maneiras a mesa? Por quê?

Quem prepara as refeições da sua casa? Quais os pratos frequentes no dia-a-dia? E nas ocasiões especiais?

Você poderia citar alguns dos seus pratos prediletos? Você prefere uma refeição com prato único ou o que comporta entradas, mais de um prato principal, sobremesas, etc?

E as bebidas, quais são as mais frequentes no dia-a-dia e nas ocasiões especiais? Qual a bebida alcoólica favorita? Qual a marca favorita?

Você costuma ir a restaurantes? Com que frequência? Quais restaurantes estão entre os seus preferidos? O que você costuma pedir?

Vida social

Você costuma receber os amigos e familiares em casa? Como são essas ocasiões? Você costuma receber mais os amigos ou mais os familiares?

Você costuma ir a festas? Você poderia discorrer um pouco sobre essas ocasiões?

Em sua vida social aonde você costuma ir?

Moradia

Quais são as coisas da sua casa que são importantes para você? Que adjetivos você usaria para descrever uma casa ideal? Como você descreveria o interior da sua casa?

Você dá importância à presença de quadros em sua casa? Por quê? Onde adquiriu os quadros que tem em sua residência?

Com que frequência você compra artigos de decoração para sua casa? Onde você compra estes artigos? Na escolha dos artigos de decoração, você procura seguir algum estilo pré-definido?

Você contratou alguém para se ocupar da decoração de sua casa ou fez você mesmo? Contrataria? Por quê?

Você teve preocupação de seguir algum estilo pré-definido ou foi decorando a casa aleatoriamente?

E quanto à mobília, onde foi adquirida? Segue algum estilo pré-definido? Você frequenta antiquários? Você diria que os móveis da sua casa tendem mais para o moderno, o antigo ou o rústico?

Você acha importante ter um quintal com jardim gramado e árvores ou é a favor de cimentá-lo? Você já contratou os serviços de um paisagista? Contrataria? Por quê? Que tipos de plantas e flores costuma ter em casa?

Você acha que o arquiteto tem um papel tão importante quanto o engenheiro no projeto de uma casa e/ou encaminhamento de reformas? Por quê?

Você costuma comprar revistas de arquitetura? E de decoração? Se sim, compra as revistas com qual objetivo?

Cuidados com o corpo e escolhas indumentárias

Acha importante dedicar-se à aparência física (roupas, cabeleireiro, cuidados com a pele, etc.)? Por quê? O que avalia ser um cuidado desejável com a aparência?

Frequenta o salão de beleza? Qual? Com que frequência?

Você frequenta o dermatologista?

O que você considera uma aparência desejável?

Você avalia positiva ou negativamente a adesão cada vez mais significativa às várias técnicas de retardar o envelhecimento do corpo? Por quê?

Você acha que as mulheres devem estar sempre vigilantes em relação ao peso? Por quê? E os homens?

Você usa maquiagem? Todos os dias ou só em algumas ocasiões?

Você lê revistas de moda? Se sim, quais? O que te motiva a folhear revistas de moda? Acompanha os desfiles de moda pessoalmente e/ou pelos meios de comunicação? Discorra um pouco a respeito dessas ocasiões. Poderia citar os nomes de seus estilistas favoritos?

Onde costuma comprar roupas? Você prefere roupas de corte clássico ou sente-se mais inclinado a ousar? Por quê? Qual critério você considera ser principal na escolha de uma roupa? Por quê? Suas roupas do dia-a-dia são muito diferentes daquelas usadas em ocasiões especiais?

Com que frequência você compra roupas? Na escolha de suas roupas você procura seguir algum estilo pré-definido? Se sim, qual seria este estilo?

Para você o que é ter “bom gosto”?

Você pratica algum esporte? Onde? Quais são para você as vantagens desta prática esportiva? Há quanto tempo é praticante? Quais os esportes que você não faria? Por quê? Qual o esporte que gostaria de fazer? Por quê?

Você é ou foi sócio de algum clube? Qual?

Você usufruiu de serviços de massagem e demais técnicas de relaxamento do corpo? Quais?

Se tivesse mais tempo ou dinheiro gostaria de se empenhar mais intensamente nos cuidados com o corpo? Por quê? Que outros cuidados gostaria de ter com seu próprio corpo?

Outros

Você gosta de carros? Tem alguma marca favorita? Você frequenta exposições de carros (como o Salão do automóvel, por exemplo)? Com que frequência você costuma trocar de carro? Qual critério você considera principal na escolha de um carro?

Com que frequência você adquire artigos eletrônicos (computadores, máquinas fotográficas, celulares, etc.)? Qual foi o último artigo adquirido? Você pode discorrer a respeito dos aspectos que motivaram a compra? Qual critério você considera principal na escolha de um artigo eletrônico?

APÊNDICE C - Questionário (passado quando possível ao fim da entrevista)

Idade: _____ Sexo: () F () M Estado civil: _____

Local de Nascimento: _____

Trajetória social

Escolaridade (nível e instituições de ensino): _____

Locais de moradia (atual e anterior):

Profissão exercida atual e anteriores (tão precisa quanto possível):

—

Número de filhos (as) e idade: _____

Instituições de ensino em que os filhos estudam (ou estudaram):

—

Profissão dos filhos (as):

—

Trajetória social dos pais

Pai

Local de nascimento: _____

Escolaridade (nível e instituições de ensino): _____

Profissão exercida (atual e anteriores): _____

Locais de moradia (bairros atuais e anteriores): _____

Mãe

Local de nascimento: _____

Escolaridade (nível e instituições de ensino): _____

Profissão exercida (atual e anteriores): _____

Locais de moradia (bairros atuais e anteriores): _____

Trajetória social dos avós paternos

Avô paterno

Local de nascimento: _____

Escolaridade (nível e instituições de ensino): _____

Profissão exercida (atual e anteriores): _____

Locais de moradia (bairros atuais e anteriores): _____

Avó paterna

Local de nascimento: _____

Escolaridade (nível e instituições de ensino): _____

Profissão exercida (atual e anteriores): _____

Locais de moradia (bairros atuais e anteriores): _____

Trajetória social dos avós maternos

Avô materno

Local de nascimento: _____

Escolaridade (nível e instituições de ensino): _____

Profissão exercida (atual e anteriores): _____

Locais de moradia (bairros atuais e anteriores): _____

Avó materna

Local de nascimento: _____

Escolaridade (nível e instituições de ensino): _____

Profissão exercida (atual e anteriores): _____

Locais de moradia (bairros atuais e anteriores): _____

Trajetória social do cônjuge

Local de nascimento: _____

Escolaridade (nível e instituições de ensino): _____

Profissão exercida (atual e anteriores): _____

Locais de moradia (bairros atuais e anteriores): _____

Renda familiar mensal (renda de todos os tipos de rendimentos constantes– pensões, aluguéis, aposentadorias, salários, etc – de todos os membros da família; valor do salário mínimo=R\$622).

() mais de 20 SM; () mais de 40SM; () mais de 60 SM; () mais 80 SM